



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

LETÍCIA GANTZIAS ABREU

**O PRONOME “VOCÊ” ESCRITO EM CONVERSÇÕES DE LUDOVICENSES NO
APLICATIVO *WHATSAPP***

SÃO LUÍS
2019

LETÍCIA GANTZIAS ABREU

**O PRONOME “VOCÊ” ESCRITO EM CONVERSÇÕES DE LUDOVICENSES NO
APLICATIVO *WHATSAPP***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras) da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro.

Orientador(a): Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra.

SÃO LUÍS
2019

O PRONOME “VOCÊ” ESCRITO EM CONVERSÇÕES DE LUDOVICENSES NO APLICATIVO *WHATSAPP*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras) da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra

Orientador/Presidente
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Luís Henrique Serra

Examinador Externo
Universidade Federal do Maranhão-Campus Codó

Profa. Dra. Cibelle Corrêa Béliche Alves

Examinador Interno
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Veraluce da Silva Lima

Membro Suplente
Universidade Federal do Maranhão

*“Os textos eletrônicos, de qualquer tipo,
não são a mesma coisa que as outras
formas de texto”.*

David Crystal

*Aos meus pais, Antônio Mesquita Abreu e Eloah
Dias Gantzas - pelo enorme incentivo aos meus
estudos, pelas conversas sobre a pesquisa, e,
principalmente, por acreditarem na minha
capacidade sempre.*

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me dado saúde e ter me permitido chegar até aqui.

À minha família, meu pai Antônio, minha mãe Eloah, meu irmão Junior e minha avó Aida, pelo apoio incondicional sempre.

Ao meu querido orientador Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra pela excelente orientação, pelas conversas sobre o estudo, por ter ampliado minha visão sobre vários aspectos de uma pesquisa acadêmica, por não me pressionar em nenhum momento e nem impor regras ou padrões sobre a redação da dissertação, e, principalmente, por acreditar na minha competência. A sua orientação me auxiliou imensamente na minha formação como pesquisadora.

Aos participantes desta pesquisa que foram incríveis ao me permitirem acesso a conversas particulares dentro do aplicativo *WhatsApp*. Todos contribuíram muito para que a investigação fosse realizada.

Aos amigos do mestrado, pelas conversas, troca de experiências, e pela companhia nas viagens maravilhosas a vários congressos pelo Brasil durante os dois últimos anos.

Aos companheiros do projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) do departamento de Letras da UFMA, o qual participei durante esse período do mestrado e que me proporcionou discussões interessantes.

Ao Programa de Pós-graduação em Letras (PGLETRAS) pela oportunidade de realizar um mestrado acadêmico em uma instituição pública de referência no estado do Maranhão.

RESUMO

Tendo em vista que a escrita é uma forma de expressão que norteia o ser humano há séculos, e considerando as diferentes possibilidades que a língua nos oferece na contemporaneidade, é importante refletir sobre o texto escrito digitalmente e como ele se caracteriza nesse meio. Desse modo, a investigação apresentada aqui é de natureza qualitativa e tem como objetivo primordial verificar a língua(gem) digital analisando a escrita do pronome você em conversações de ludovicenses no aplicativo (App) *WhatsApp* para entender como acontece a produção textual de sentido no ciberespaço. Assim, norteamos nossa busca na seguinte questão: Como acontece a escrita do pronome você nas conversas de ludovicenses no WhatsApp?. A pesquisa é desenvolvida à luz de autores que discutem a Linguagem na internet, como Crystal (2002) e Barton e Lee (2015), a Linguística textual defendida por Marcuschi (2000) e o uso dos pronomes pessoais no falar maranhense, em Alves (2015). Tendo como base a perspectiva teórica-metodológica da Fenomenologia, construímos nossa amostra com textos escritos capturados de conversações entre ludovicenses no aplicativo, com o método on-line de recolha dos dados. Posto isso, dentre os textos recolhidos, foram selecionados 15 (quinze) textos para análise. Os resultados desta investigação nos auxiliam a compreender como acontece o texto escrito em meio digital e fornecem subsídios para investigações futuras sobre o pronome em contexto nacional.

Palavras-chave: Pronome Você. WhatsApp. Escrita digital.

RESUMEN

Dado que la escrita es una forma de expresión que guía al ser humano por siglos, y considerando las diferentes posibilidades que el lenguaje nos ofrece en la contemporaneidad, es importante reflexionar sobre el texto escrito digitalmente y como él se caracteriza en neste espacio. Por lo tanto, la investigación presentada aquí es de naturaleza cualitativa y tiene como objetivo principal verificar el lenguaje digital mediante el análisis de la escrita del pronombre você en las conversaciones ludovicenses de la aplicación WhatsApp (App) para comprender cómo ocurre la producción textual de significado en el ciberespacio. Así, guiamos nuestra búsqueda en la siguiente pregunta: ¿Cómo se escribe el pronombre en las conversaciones de Ludovicenses em el aplicativo WhatsApp? La investigación se desarrolla a la luz de los autores que discuten el Lenguaje de Internet, como Crystal (2002) y Barton y Lee (2015), a Lingüística Textual defendida por Marcuschi (2000) y el uso de pronombres personales en el lenguaje hablado en Maranhão, en Alves (2015). Basado en la perspectiva teórico-metodológica de la Fenomenología, construimos nuestra muestra con textos escritos capturados de Conversaciones entre ludovicenses en la aplicación, con el método en línea de recopilación de los datos. Deste modo, entre los textos recopilados, seleccionamos 15 (quince) textos para análisis. Los resultados de la investigación nos ayudan a comprender cómo ocurre el texto escrito en los medios digitales y proporciona subsidios para futuras investigaciones sobre el pronombre en contexto nacional.

Palabras clave: Pronombre Você. WhatsApp. Escrita Digital.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Panorama da Linguagem	21
Figura 2.	Conversação no <i>WhatsApp</i>	31
Figura 3.	Conversação no <i>WhatsApp</i>	38
Figura 4.	Conversação no <i>WhatsApp</i>	41
Figura 5.	Conversação no <i>WhatsApp</i>	44
Figura 6.	O pronome na conversação 1	69
Figura 7.	O pronome na conversação 2	69
Figura 8.	O pronome na conversação 3	71
Figura 9.	O pronome na conversação 4	72
Figura 10.	O pronome na conversação 5	72
Figura 11	O pronome na conversação 6	74
Figura 12	O pronome na conversação 7	74
Figura 13	O pronome na conversação 8	75
Figura 14	O pronome na conversação 9	76
Figura 15	O pronome na conversação 10	76
Figura 16	O pronome na conversação 11	77
Figura 17	O pronome na conversação 12	78
Figura 18	O pronome na conversação 13	79
Figura 19	O pronome na conversação 14	80
Figura 20	O pronome na conversação 15	81
Figura 21	O pronome na conversação 16	81
Figura 22	O pronome na conversação 17	83
Figura 23	O pronome na conversação 18	83
Figura 24	Entrevista <i>on-line</i> parte 1 – INTER C	86
Figura 25	Entrevista <i>on-line</i> parte 2 – INTER C	87
Figura 26	Entrevista <i>on-line</i> parte 1 – INTER D	88
Figura 27	Entrevista <i>on-line</i> parte 2 – INTER D	89
Figura 28	Entrevista <i>on-line</i> parte 1 – INTER G	90
Figura 29	Entrevista <i>on-line</i> parte 2 – INTER G	91
Figura 30	Entrevista <i>on-line</i> – INTER H	92

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1	Totais de referências concernentes à segunda pessoa na amostra conjunta	53
Quadro 1	Perfil dos interactantes	63
Quadro 2	A escrita do pronome <u>você</u> em Nativos e Imigrantes digitais	68
Quadro 3	Interactantes entrevistados	85

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BP – Bate-papo

BPs – Bate-papos

CMC – Comunicação Mediada pelo Computador

PB – Português brasileiro

App – Aplicativo

Apps – Aplicativos

LT – Linguística Textual

MA – Maranhão

MI – Mensagem instantânea

LP – Língua Portuguesa

RS – Rede Social

RSs – Redes Sociais

ND – Nativos Digitais

ID – Imigrantes Digitais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. REFLEXÃO SOBRE A LINGUA(GEM) EM MEIO DIGITAL.....	17
1.1 A lingua(gem) <i>on-line</i>	17
1.2 Conversação e lingua(gem) escrita no <i>WhatsApp</i>	26
2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEXTO	35
2.1 A Linguística textual como base teórica	35
2.2 O texto escrito no <i>WhatsApp</i>	40
2.3 O fenômeno das abreviações	46
3. O PRONOME PESSOAL DE SEGUNDA PESSOA DO DISCURSO: VOCÊ.....	49
3.1 O pronome você no falar maranhense.....	49
4. PERCURSO METODOLÓGICO.....	58
4.1 Universo de análise e objeto de estudo.....	58
4.2 Recolha dos dados.....	60
4.3 Tratamento dos dados	66
5. O QUE DIZEM OS DADOS.....	67
5.1 Análise dos dados.....	67
5.2 As entrevistas via <i>WhatsApp</i>	84
5.3 Interpretação dos resultados	92
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICES.....	104

INTRODUÇÃO

Como consequência de uma cibercultura que apresentou ao mundo novas formas de expressão por conta da expansão dos meios tecnológicos de comunicação, a escrita na contemporaneidade possui características peculiares e é tão dinâmica quanto a fala, preenchendo vazios que, muitas vezes, são anulados por elementos paralinguísticos, tais como o tom de voz ou a expressão facial, por exemplo. Desse modo, concordamos com a afirmativa de Crystal (2005, p.103), “A internet nos proporcionou um meio linguístico novo, que oferece uma escala completamente nova de possibilidades de expressão, com dimensões inéditas de variação estilística e formas novas de enfocar o uso da língua”.

É perceptível que há uma intensa produção textual em várias esferas dentro da web e isso demonstra a importância que o ato de escrever ainda possui, mesmo dentro de uma plataforma em que o uso de elementos semióticos e pragmáticos é inerente. Assim, notamos que a escrita se sobressai sempre, nos permitindo observar que o texto escrito é ainda bastante presente na comunicação do homem pós-moderno. A escrita atravessou o tempo, possuindo toda uma carga histórica e social, chegando ao século tecnológico sem perder o seu valor, sua relevância perante as demais formas comunicacionais possibilitadas pela tecnologia. Nesse contexto, vemos que a Comunicação Mediada pelo Computador (CMC) é guiada pela natureza do *hardware* que estabelece acesso à internet, ou seja, como sinaliza Crystal (2005, p. 80):

Uma série de caracteres em um teclado determina a capacidade linguística produtiva (o tipo de informação que pode ser enviado); e o tamanho e a configuração da tela definem a capacidade linguística de recepção (o tipo de informação que pode ser visto).

Nesse âmbito, segundo Squarisi (2014, p. 37), “Ninguém é obrigado a entrar na onda das mídias eletrônicas. Mas, se entrar, tem de dançar conforme a música. (...) precisa se submeter a ditadura da contenção. A regra mais importante: menos é mais”. Entretanto, tal afirmação possui alguns limites dado que nem todos os internautas escrevem de maneira contida ou abreviada. Partindo dessas considerações, a pesquisa consiste em uma investigação sobre o Português Brasileiro (PB) escrito na esfera *on-line* e possibilita um diálogo peculiar entre a língua(gem) da Internet e a Linguística Textual (LT) tendo como foco a estrutura pronominal da língua portuguesa. Enfatizamos que é notório a carência de

pesquisas que abordam, concomitantemente, essas duas áreas, visto que há uma certa dificuldade em encontrar produções acadêmicas a respeito.

Thurlow (2001, p. 289, *apud* SHEPHERD E SALIÉS, 2013, p. 45) assinala que “Na medida em que as tecnologias continuam a se desenvolver e se transformar, o mesmo acontecerá com as formas linguísticas e práticas comunicativas correspondentes”. Assim, temos como objetivo verificar a língua(gem) digital analisando a escrita do pronome você em conversações de ludovicenses no aplicativo (App) *WhatsApp* para entender como acontece a produção textual de sentido no ciberespaço. Destacamos que o estudo é voltado para a escrita de internautas nascidos em São Luís (MA) pois são escassas as contribuições aos estudos ludovicenses no nível das produções linguísticas realizadas digitalmente¹. Com isso, temos como questionamento inicial da investigação: Como é a escrita do pronome você em conversações de ludovicenses no *WhatsApp*?

Julgamos o bate-papo (BP) a modalidade comunicativa de caráter mais informal das mídias eletrônicas, por isso escolhemos o *WhatsApp* como campo de estudo propício para a realização do trabalho. O App possibilita uma comunicação instantânea, permeada de interatividade e que se tornou uma febre na sociedade brasileira, porém não é uma ferramenta nova, de fato, já que o *WhatsApp* se assemelha aos bate-papos (BPs) mais “antigos” da CMC síncrona² da internet como o mIRC, um dos primeiros mensageiros utilizados no Brasil, ou o *MSN Messenger*, um dos programas de MI mais operado no mundo, por exemplo.

Dessa maneira, ao final da investigação, pretendemos assinalar como a escrita da língua se constitui nesse ambiente, sendo o App um vasto ambiente linguístico em uso na contemporaneidade. Diante dessa realidade comunicacional, nosso objeto de estudo do texto escrito, mais especificamente, a escrita do pronome pessoal de segunda pessoa do discurso você, pois os pronomes pessoais atuam como indicadores de instâncias do discurso, dando ao falante o instrumento para a conversão da língua, sendo essenciais em uma conversação. Vale ressaltar que no

¹ Nossa investigação consiste apenas em interactantes ludovicenses, ou seja, nascidos na capital do estado, São Luís, devido ao tempo cronológico pré-definido para a conclusão deste mestrado acadêmico. Logo, optamos por selecionar e investigar somente ludovicenses, abrindo um leque para investigações sobre a temática no interior do estado assim como outras pesquisas no nível nacional. Além disso, partimos do fato de que a escrita é a identidade de uma comunidade de fala, logo é pertinente analisar a escrita digital de uma comunidade de fala relevante no estado do Maranhão.

² Entendemos por “Sincronia” uma comunicação entre indivíduos que ocorre em tempo real, imediata. Todos os envolvidos estão conectados ao mesmo tempo em um ambiente estabelecido. É o oposto de “Assincronia”, comunicação que não acontece em tempo imediato.

falar maranhense a forma tu é mais recorrente do que o você, segundo Alves (2015), sendo o tu utilizado em situações mais informais e o você em situações que pedem maior formalidade. Partimos da hipótese principal de que a escrita do pronome apresenta variadas reduções e tais reduções são condicionadas pela informalidade e formalidade na conversação além de outros fatores.

Para este estudo, nos valem do conceito de “conversação” defendido por Marcuschi (2006, p. 15): “interação entre pelos menos dois internautas; ocorrência de pelo menos uma troca de turno; a presença de uma sequência de ações coordenadas; a execução em uma identidade temporal e, por fim, um envolvimento em uma interação centrada”. Esses aspectos são observáveis em conversas do cotidiano, em contexto³ *off-line*, e também são facilmente vistas nas interações *on-line*. Salientamos aqui nosso entendimento por *on-line* (em Português, “*em linha*”) e *off-line* (Em Português, “*fora de linha*”) como situações antônimas de conectividade do internauta na internet. As duas expressões são estrangeirismos vindos da língua inglesa que se popularizaram no linguajar brasileiro e denotam conectado\desconectado ou ligado\desligado, isto é, *on-line* significa que o indivíduo está ligado à internet e *off-line* o contrário, desconectado da rede⁴.

O estudo é fundamentado em três pilares: a *Linguística Textual*, tendo como principal suporte Marcuschi (2000), a *Linguagem na Internet*, com autores como Crystal (2002) e Recuero (2009), além de *Estudos sobre o pronome no falar maranhense*, Alves (2015). Para atender nosso propósito, a dissertação é dividida em três capítulos teóricos e um analítico. Cabe frisar que no decorrer da redação, para nos referirmos aos informantes que forneceram dados, utilizamos o termo “interactante” pois consideramos mais adequado, sendo os informantes caracterizados como falantes que estão interagindo, por meio da escrita, em meio digital.

No capítulo inicial da redação, intitulado *Reflexão sobre a lingua(gem) escrita em meio digital*, traçamos uma abordagem geral de como entendemos a lingua(gem)

³ Vale ressaltar que para esta investigação, concordamos com a definição ampla de “contexto”, adotada por Van Dijk (2012, p. 35): “um padrão mental que consiste em “esquemas de categorias compartilhadas, convencionais e dotadas de uma base cultural, que facultam uma interpretação rápida de eventos comunicativos únicos em curso”.

⁴ Neste trabalho, utilizamos as palavras *on-line* e *off-line* separadas com hífen pois são termos reconhecidos no vocabulário ortográfico da Academia Brasileira de Letras (ABL), segundo o site oficial <http://www.academia.org.br/>. Entretanto, na web, é possível observar facilmente que os termos *online* e *offline* (sem o hífen) são bem mais recorrentes

escrita na web e no meio onde se concentra nosso foco de estudo, o *WhatsApp*, considerando o papel da tecnologia digital na sociedade contemporânea, refletimos também sobre as conversações nesse ambiente e sobre o gênero digital que a investigação se insere. Já no capítulo II, denominado *Considerações sobre o texto*, estão ponderações importantes sobre a LT e o texto escrito digitalmente, estabelecendo convergências e divergências entre ambos e noções textuais teóricas que norteiam nosso estudo.

No capítulo III, *O pronome pessoal de segunda pessoa do discurso: você*, mostramos um panorama histórico-social do pronome no falar maranhense com base em pesquisas já realizadas por Alves (2015) e dados recolhidos do projeto ALiMA (Atlas Linguístico do Maranhão). No capítulo IV seguinte, denominado *Percurso metodológico*, apresentamos os procedimentos metodológicos da investigação assim como considerações sobre a escolha do universo de análise e do objeto de investigação. Também discorremos como se delimitou a recolha e o tratamento dos dados.

Posteriormente, no capítulo V, *O que dizem os dados*, examinamos detalhadamente a amostra recolhida assim como avaliamos as entrevistas realizadas pelo *WhatsApp* e exibimos a interpretação dos resultados. Por fim, nas *Considerações finais*, capítulo VI, situamos nossas impressões e perspectivas gerais sobre os resultados da investigação, sinalizando como a investigação pode contribuir para o ensino do PB, no que tange aos conhecimentos linguísticos do pronome e do texto escrito na internet.

1. REFLEXÃO SOBRE A LINGUA(GEM) EM MEIO DIGITAL

O percurso teórico a seguir realiza uma reflexão sobre o código linguístico que norteia nossa investigação, a escrita *on-line*. Tendo por base que a comunicação na internet revela um texto escrito com marcas fortes da língua oral, delineamos fronteiras entre a fala e escrita. Para percorrer tais pensamentos, nos apoiamos em autores que se debruçam sobre o fenômeno da lingua(gem) como Crystal (2005) e Marcuschi (2010), entre outros.

1.1 A lingua(gem) *on-line*

À princípio, para um entendimento mais amplo, reforçamos os conceitos de língua e linguagem, em geral, que regulam a investigação. Para tanto, temos como respaldo Saussure (2012, p. 41) ao reiterar que a língua “é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Já a linguagem é social e individual, psíquica, psico-fisiológica e física, pertencendo ao campo individual e social (Idem, 2012, p. 41). O teórico ressalta ainda que a língua é repleta de signos linguísticos e esses signos são arbitrários, isto é, não possuem ligação direta e estável entre significante e significado. Enquanto a linguagem é heterogênea, nessa delimitação, a língua é de natureza homogênea. Assim, “A língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça”. (Idem, 2012, p. 51).

Partindo dessas alegações, é evidente que no ambiente digital, em especial os aplicativos de interação e as Redes Sociais, são oferecidas inúmeras possibilidades de uso da língua por parte dos *Imigrantes Digitais e Nativos Digitais*⁵. Sabemos que o homem busca se comunicar constantemente na era pós-moderna, dominada por tecnologias, onde nos encontramos cada vez mais “virtualizados” (BAUMAN, 2001). Essa “virtualização” se manifesta na nossa maneira de se expressar perante o mundo, seja de forma escrita, oral, gestual etc. Segundo

⁵ Classificação dada por Prensky (2001) sobre os tipos de sujeitos encontrados no ciberespaço: os *Colonizadores Digitais*, isto é, não nativos do meio digital, que cresceram no ambiente fora da internet; os *Imigrantes Digitais*, indivíduos que aprenderam mais tardiamente a mandar *e-mails* ou utilizar as redes sociais, por exemplo, e os *Nativos Digitais*, ou seja, indivíduos que já “nasceram digitais” e possuem contato desde cedo com as tecnologias.

Bauman (2001, p. 160), o ser humano modificou a nova forma de comunicação:

A nova instantaneidade do tempo muda radicalmente a modalidade do convívio humano – e mais conspicuamente o modo como os humanos cuidam (ou não cuidam, se for o caso) de seus afazeres coletivos, ou antes o modo como transformam (ou não transformam, se for o caso) certas questões, em questões coletivas.

Além disso, convém ressaltar que a internet ampliou as possibilidades comunicativas, o que resultou no aparecimento de marcas conversacionais, linguísticas e interpretativas do discurso produzido. Marcuschi (2001, p. 23-24) enfatiza que, inicialmente, a escrita surgiu e se desenvolveu em centros urbanos possuindo causas e raízes sociais e interagindo com as mais variadas estruturas e práticas sociais. Logo, entre as várias funcionalidades da escrita, Marcuschi (2001, p. 16-27) aponta três como primordiais para salientar que a escrita não pode ser tida somente como um código: a pertinência da escrita, o vínculo com o sentido e o pertencimento da língua a um âmbito cultural mais extenso.

Com essa premissa, entendemos “texto digital” por uma prática social da língua(gem) que veicula, na internet, infindáveis informações. Os textos digitais possuem em sua estrutura uma dicotomia bastante conhecida na Linguística, a fala e a escrita. Nesse aspecto, Yates (2000, p. 233) assegura que as novas tecnologias digitais deram espaço a uma espécie de “radicalização do uso da escrita”. Portanto, como assegura Arena (2004, p.174), houve uma mudança na concepção sobre as maneiras de ler e escrever já que “[...] sair do mundo oral, predominantemente auditivo para reconfigurá-lo em um mundo impresso ou eletrônico, é operar outros sentidos, e por essa razão percebemos o mundo de outro modo, com outra configuração”. Nesse pensamento, é oportuno agregar também a visão de Freitas e Costa (2006, p. 24):

Quanto ao processo interativo de produção discursiva na conversação face a face e nas salas de bate papo (*chats*) na Internet, com implicações no uso do código escrito e nas escolhas linguísticas mais próprias da linguagem espontânea e informal oral cotidiana, há algumas semelhanças entre as conversações: tempo real, correção on-line, comunicação síncrona, linguagem truncada e reduzida, etc. Mas há também algumas diferenças que, contudo, confirmam o processo simultâneo de construção da linguagem e do discurso. Podemos resumi-las na realidade “real” da conversação cotidiana e na realidade “virtual” da conversação internáutica: interação face a face X interação virtual; espaço real X espaço virtual; comunicação real X comunicação virtual e língua falada X língua falada\escrita.

Dado isso, defendemos a concepção de que a escrita, assim como a fala, é uma modalidade da língua, e esta, por sua vez, se configura como uma maneira de

representação das unidades mentais que interpretamos do universo linguístico. Essa visão vai ao encontro do conceito de língua adotado por Marcuschi (2001, p. 43), quando afirma que:

[...] toda vez que emprego a palavra língua não me refiro a um sistema de regras determinado, abstrato, regular e homogêneo, nem a relações linguísticas imanentes. Ao contrário, minha concepção de língua pressupõe um fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), variável (dinâmico, suscetível a mudanças), histórico e social (fruto de práticas sociais e históricas), indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifesta em situações de uso concretas como texto e discurso. Portanto, heterogeneidade e indeterminação acham-se na base da concepção de língua aqui pressuposta (cf. obs. a respeito em Franchi, 1977). [...] partindo da noção de língua e funcionamento da língua tal como concebidos aqui, surge, como hipótese forte, a suposição de que as diferenças entre fala e escrita podem ser frutiferamente vistas e analisadas na perspectiva do uso e não do sistema. E, neste caso, a determinação da relação fala-escrita torna-se mais congruente levando-se em consideração não o código, mas os usos do código.

À vista disso, é indiscutível que a língua é a parte social da linguagem e apenas um indivíduo não consegue modificá-la. Costa (2008, p. 116) consente que, para a corrente teórica do Estruturalismo, “A língua é um sistema supra-individual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade”. Vemos assim, que o ciberespaço propiciou uma nova configuração à linguagem, como denota Crystal (2006, p. 01):

A rede oferece um novo ambiente para a linguagem, mais dinâmico do que a escrita tradicional e mais permanente do que o discurso tradicional. Frequentemente mencionamos que a Internet tem sido uma revolução e, de fato, ela teve como consequência em uma mudança revolucionária no âmbito da linguística⁶.

Perante tal apontamento, trazemos à tona a questão dos gêneros digitais, que mesmo sendo em sua maioria dependentes da língua escrita, possuem características do texto falado e do texto escrito, como também é enfatizado por Crystal (2010, *apud* SHEPHERD E SALIÉS, 2013, p. 21):

Como a comunicação mediada pelo meio digital (CMD) muda nossa noção de texto? Há algumas continuidades em relação aos discursos tradicionalmente reconhecidos como oral e escrito, mas há também importantes discontinuidades. As diferenças em comparação à linguagem oral incluem novos padrões de troca de turno, os usos dos emoticons e novos ritmos conversacionais [grifo no original].

⁶Tradução nossa para “la red ofrece un nuevo entorno para el lenguaje, más dinámico que la escritura tradicional y más permanente que el discurso tradicional. A menudo se ha mencionado que Internet ha supuesto la revolución y, de hecho, ha tenido como consecuencia un cambio revolucionario en el ámbito de la linguística”. (CRYSTAL, 2006, p. 01)

Dessa maneira, o *cyberespaço* propiciou o aparecimento de uma possível *cyberlinguagem*: língua(gem) inerente a todos os ambientes em que há interação na internet, sejam blogs, sites e, principalmente, as Redes Sociais. Entendemos, nesse sentido, Redes Sociais como *sites* ou Apps caracterizados pela possibilidade de construir perfil individualizado (BOYD E ELLISON, 2007, *apud* RECUERO, 2014, p. 131) e pela interação e comunicação com outros indivíduos (são exemplos, o *Facebook*, o *Twitter*, o *Instagram*, o *WhatsApp*, entre outros). Uma vez que a língua é mutável e está em constante transformação, é fato que a escrita do PB na web apresenta características diferentes da escrita convencional.

Com o pressuposto de que toda língua, por si só, possui naturalmente um aspecto oral, podemos apontar que toda língua tem, em sua totalidade, aspecto oral. Entretanto, nem toda produção oral possui uma representação escrita. Por exemplo, no Brasil temos várias línguas indígenas que eram apenas faladas e não possuíam um sistema de escrita. Segundo Saussure (2012, p. 59), “a língua tem, pois, uma tradição oral independente da escrita e bem diversamente fixa; todavia, o prestígio da forma escrita nos impede de vê-lo”. Nessa compreensão, tentando expressar a fala na escrita, os internautas utilizam vários recursos junto ao texto escrito, como *emojis*, vídeos, áudios, memes, fotos, imagens etc. Diante disso, nos voltamos para Bakhtin (2006, p. 125) quando expressa que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica, isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

A língua(gem) é um lugar de interação humana em um dado contexto sócio-histórico e ideológico. O indivíduo não expressa apenas seu pensamento, mas também interage com o interlocutor (ouvinte\leitor). Sendo a interação verbal algo inerente às línguas, podemos acentuar que o denominado **Internetês** é uma modalidade de escrita de uma determinada fala, pois encontramos vários traços da língua oral no texto digital. Sobre a modalidade falada, Marcuschi e Dionísio (2005, p.71) definem:

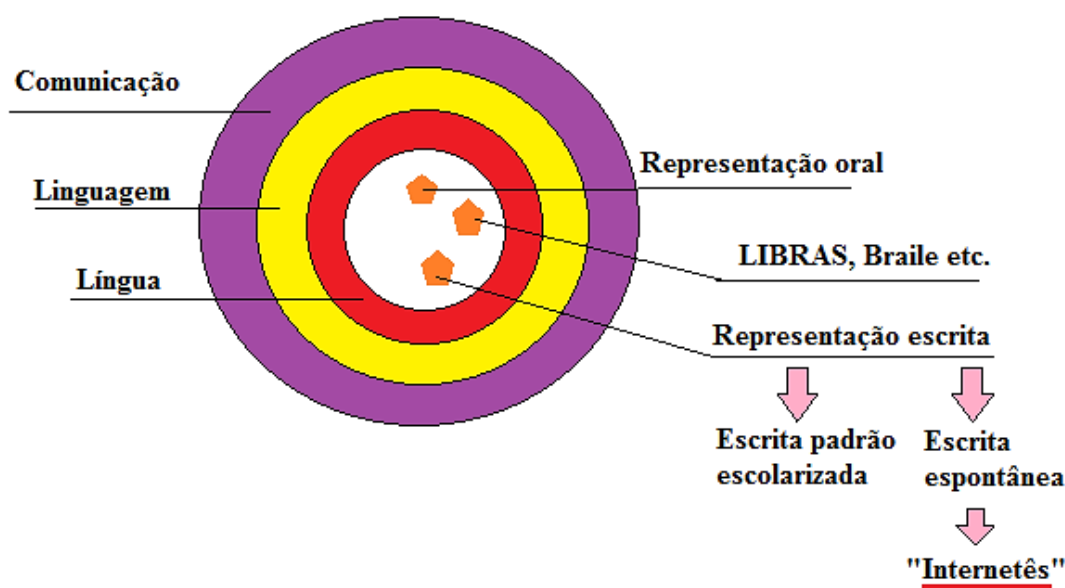
Toda a produção linguística sonora dialogada ou monologada em situação natural, realizada livremente e em tempo real, em contextos e situações comunicativas autênticos, formais ou informais em condições de proximidade física, ou por meios eletrônicos tais como rádio, televisão, telefone e semelhantes.

Nesse horizonte, na web acontece o que muitos estudiosos como

Rajagopalan (2013), Recuero (2014), Santos (2006) e Marcuschi (2012), por exemplo, intitulam “escrita oralizada”⁷, sendo essa linguagem um modelo de comunicação social, de enunciação e de compreensão assim como todas as outras formas de linguagem. Maciel (2008, p. 5) afirma que a palavra Internetês é um neologismo criado para delimitar a lingua(gem) encontrada na internet, marcada por uma dinamicidade, construção de vocabulários próprios ou abreviados (em uma, duas ou três letras) de palavras já existentes desconsiderando a norma gramatical da língua e, mesmo com poucas letras, o internauta entende o significado desses vocábulos.

Portanto, conceituamos o Internetês como uma modalidade escrita de uma língua falada⁸, de acordo com o esquema a seguir:

Figura 1 - Panorama da linguagem



Fonte: construção da autora

Dessa maneira, a assertiva de que a linguagem escrita na internet é a representação de uma língua falada vai de encontro a concepção de Marcuschi (2001, p. 17) quando este assegura que:

A escrita não pode ser tida como uma representação da fala (...) Em parte, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e

⁷ Isto é, uma modalidade de escrita que possui traços da oralidade.

⁸ Diferentemente da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e do sistema de escrita tátil (Braile), que configuram uma forma de comunicação para casos específicos.

dos olhos, entre outros.

No entanto, o texto escrito na web possui aspecto híbrido, aproximando fala e escrita, e conseguindo substituir aspectos que antes somente existiam na fala como a gestualidade, as emoções, os movimentos etc. Marcuschi (2001, p. 46) é categórico ao afirmar que “a escrita não representa a fala, seja sob que ângulo for que a observemos. Justamente pelo fato de fala e escrita não se recobrirem, podemos relacioná-las, compará-las, mas não em termos de superioridade ou inferioridade”. No entanto, reiteramos que o texto escrito na internet, como um todo, é uma modalidade escrita de uma língua falada, porém em nenhum momento se sobrepõe ou irá sobrepor a língua falada, pois ambas se complementam e tanto a fala como a escrita são manifestações da língua que contém características próprias.

Shepherd e Saliés (2013, p. 7-8) propõem “Uma internet com uma linguística própria que dê conta da crescente produção discursiva digital em língua portuguesa”, porém vale refletirmos se a denominação “Linguística da Internet” é, de fato, correta, como um campo de estudo dentro da Linguística, sendo a Linguística uma área do conhecimento de base empírica que estuda a língua em seu estado natural, o uso da língua(gem). Sabemos que a língua não é somente um meio de comunicação, é interação, ou seja, é uma ação conjunta, utilizada como forma de dominação e produção de sentido em uma dada esfera social, histórica e ideológica.

Desse modo, Marcuschi e Xavier (2010, p. 11), colocam que a língua(gem) “é uma das faculdades mais flexíveis e plásticas adaptáveis às mudanças comportamentais e a responsável pela disseminação das constantes sociais, políticas, culturais, geradas pela criatividade do ser humano”. Squarisi (2014, p. 32) amplia a discussão em torno da língua(gem) digital afirmando que:

Somos políglotas na nossa língua. Ao longo do dia, falamos, lemos ou escrevemos línguas diferentes. Vale o exemplo do Jornal. A língua do horóscopo não é a mesma do editorial, que não é a mesma da reportagem policial, que não é a mesma do suplemento infantil. Um advogado usa o juridiquês nas petições. Mas a dispensa na conversa com a mulher, o filho, a cozinheira da casa ou os colegas do chopinho. O internetês é mais uma entre as tantas línguas do dia a dia.

Nesse viés, escrever na internet não significa abrir mão da norma culta, mas sim, ampliar as próprias possibilidades da língua diante de uma gama de opções pois o contexto cibernético possui sua própria norma de escrita. Squarisi (2014, p. 30) também expõe que “Na web, impera um pacto. Quem não o firma dá adeus à comunicação contemporânea. Os usuários escrevem, mas fazem de conta que

falam. Esquecem a tela seguem os padrões da oralidade”. Visto isso, e considerando que a linguagem é uma ação conjunta e, muitas vezes, caracteriza uma determinada comunidade ou grupo, nos remetemos a ideia de “Comunidade de prática”, já que os internautas ludovicenses compartilham características e interesses em comum que podem criar práticas sociais.

Os laços de associação do internauta em uma comunidade de prática são semelhantes aos laços de uma rede social (RS), que Segundo Bortoni-Ricardo (2011, p.84), “a análise de redes é o estudo das relações existentes num sistema em processo de mudança. Quando aplicadas a sistemas sociais, a análise de redes é uma estratégia social voltada para as relações entre os indivíduos em grupo”. Logo, “rede social”, nesse contexto, é o conjunto concreto de vínculos entre indivíduos, do modo que o estudo científico engloba desde a relação do indivíduo isolado a relação entre indivíduos de um grupo. Assim, as redes sociais (RSs) podem variar de um indivíduo para outro e se constituírem por ligações de diferentes tipos e intensidades (MILROY, 2002). Partindo dessa visão, observamos que os internautas utilizam o texto escrito em diferentes contextos dependendo dos outros indivíduos com quem estão interagindo. As RSs, desse modo, influenciam na maneira de uso da língua escrita. Marcuschi e Xavier (2010, p. 21) complementam que:

Um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade da escrita, pois a tecnologia digital depende totalmente da escrita. Assim, nessa era eletrônica não se pode mais postular como propriedade típica da escrita a relação assíncrona, caracterizada pela defasagem temporal entre produção e recepção, pois os bate-papos virtuais são síncronos, ou seja, realizados em tempo real e essencialmente escritos.

As relações entre os internautas engajados em uma conversação, ou seja, relações familiares, de amizade ou de vizinhança, por exemplo, podem influenciar na maneira de se portar linguisticamente na web. As RSs mostram as conexões dentro de uma comunidade e até que ponto os internautas estão estabelecidos como membros de um coletivo *on-line*. Acreditamos que os interactantes envolvidos em RSs mais fortes ou de primeira ordem (isto é, relações entre internautas que possuem relações mais diretas, mais próximas, relações de parentesco ou relações de amizade, por exemplo)⁹, por hipótese, podem afetar uns aos outros, o que poderia reforçar o uso de algumas formas linguísticas (BORTONI-RICARDO, 2011). Em contrapartida, nas RSs com laços mais fracos ou RSs de segunda ordem

⁹ Conferir em Bortoni-Ricardo (2011).

(relações menos diretas, seja relações de parentesco de segundo grau, como tio(a), colegas de trabalho etc.), os usuários teriam pouca resistência a influências externas, e, conseqüentemente, de mudanças no comportamento linguístico.

À vista disso, é perceptível que os internautas estão ligados por uma multiplicidade de redes de relacionamentos e dentro dessas redes, o indivíduo fala e escreve de maneira diferente dependendo da RS em que está inserido. Essa interação entre os internautas na conversação acontece devido à “pressão pragmática”, que segundo Crystal (2002, p. 183-184):

As colaborações tendem a ser fragmentos de orações, e as palavras se reduzem ao uso de abreviações e iniciais [...]. O fato de que as mensagens sejam breves e distribuam-se rapidamente [...], traduz-se em uma das características mais distintivas das interações nos grupos de *chat*.

Precisamos entender o internauta que escreve na internet como um agente transformador da língua escrita nesse ambiente, cujas relações sociais se refletem no seu modo diferente de escrever ou digitar uma mensagem. Nesse sentido, as RSs de um sujeito atuante no *WhatsApp* podem ser estabelecidas com base nas suas relações com diversos grupos sociais que o indivíduo possui em contexto off-line como as relações familiares, escolares, profissionais, entre outras. Assim, na língua escrita na web, ocorre uma “hibridização” entre o oral e o escrito repleta por informalidade em alguns contextos e formalidade¹⁰ em outros, como já apontado. Retomamos ao pensamento de Rajagopalan (2013, p. 51), quando alega que:

É preciso também rechaçar a alegação de que o internetês ameaça se tornar uma terra de ninguém, onde tudo vale, visto que nessa linguagem há regras rigorosas que nos desafiam e, com frequência, nos enganam a ponto de acreditar que tudo se passa a bel-prazer de quem dele participa.

Nessa convicção, encontramos em *El lenguaje, las lenguas e la internet* (CRYSTAL, 2006, p. 3) outro suporte:

Todas as formas de tecnologia da Internet envolvem inovação linguística. Nas mensagens instantâneas, por exemplo, a linguagem é apresentada em pequenos fragmentos divididos de acordo com as unidades rítmicas da linguagem verbal, ao contrário das sentenças completas das conversas tradicionais, e nas quais os emoticons são abundantes. As novas práticas interativas, que são realizadas em sites como o Facebook e o YouTube, oferecem inúmeras oportunidades de expressão criativa. No entanto, ainda é cedo para identificar tendências linguísticas gerais.¹¹

¹⁰ Nem sempre as conversações *on-line* possuem aspecto informal. Julgamos aqui o aspecto “informalidade” na língua escrita, comparando com a escrita formal, pois estamos investigando a modalidade escrita da língua no ciberespaço.

¹¹ Tradução nossa para “Todas las formas de tecnología de Internet suponen la innovación lingüística. En los mensajes instantáneos, por ejemplo, el lenguaje se presenta en pequeños fragmentos

Cabe ressaltar ainda a existência de um certo “preconceito linguístico” (BAGNO, 1999), essencialmente por parte de alguns professores e estudiosos da língua, com a língua(gem) escrita digital. Entendemos por Preconceito Linguístico toda crítica às variedades linguísticas, geralmente de menor prestígio social. O internetês não é uma degradação da língua, mas sim um tipo de manifestação marcada pela espontaneidade, que somados a recursos audiovisuais, imagens e sons, estabelece um modo de interação particular que se assemelha a uma interação face-a-face.

Com essa linha de pensamento, é visível que na língua(gem) escrita na web não temos somente uma relação assíncrona (caracterizada pela desigualdade temporal entre produção e recepção da mensagem) como propriedade da escrita, dado que BPs virtuais são síncronos, ou seja, realizados em tempo real e substancialmente de maneira escrita. Crystal (2001)¹², em sua obra “Linguagem e Internet”, procura entender os efeitos da internet na língua(gem) assim como atuação desta no universo digital. Para isto, o autor determina três pontos particulares:

- 1- Sobre o uso da linguagem: o autor afirma que há um uso abundante de siglas, uma pontuação minimalista, uma ortografia curiosa, muitas abreviaturas não convencionais, organizações frasais pouco ortodoxas e uma escrita semialfabética.
- 2- Sobre a natureza enunciativa dessa linguagem: há uma ocorrência de semioses mais do que o normal, considerando a participação dos internautas mais intensa e menos formal, aparecendo assim a Hiperpessoalidade.
- 3- Sobre os gêneros realizados: o meio digital modifica (ou mescla) os gêneros já existentes de forma bem complexa.

Consentimos assim que a língua(gem) digital permite aos interactantes total liberdade de expressão o que ocasiona no surgimento de várias modificações lexicais, sintáticas e semânticas assim como na língua(gem) oral. Assim, tomamos

divididos de acuerdo con las unidades rítmicas del lenguaje verbal, a diferencia de las frases completas de las conversaciones tradicionales, y en los que abundan los emoticons. Las nuevas prácticas interactivas, que se llevan a cabo en sitios como Facebook y YouTube, ofrecen numerosas oportunidades para la expresión creativa. No obstante, es demasiado pronto para identificar las tendencias lingüísticas generales”. (CRYSTAL, 2006, p. 3)

¹² Citado por Marcuschi (2010, p. 22)

por base a concepção de Saussure (2012, p. 58):

Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto. Mas a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada, da qual é a imagem, que acaba por usurpa-lhe o papel principal; terminamos por dar maior importância à representação do signo vocal do que ao próprio signo.

Nessa perspectiva, Marcuschi (2010, p. 22) enfatiza que “a ideia de que hoje prolifera quanto a ver uma ‘fala por escrito’ deve ser visto com cautela, pois o que se nota é um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive com o acúmulo de representações semióticas”. Logo, não podemos tratar as relações entre fala e escrita de forma dicotômica. Marcuschi (2001, p. 9) sinaliza ainda que:

Em certos casos, as proximidades entre fala e escrita são tão estreitas que parece haver uma mescla, quase uma fusão de ambas, numa sobreposição bastante grande tanto nas estratégias textuais como nos contextos de realização. Em outros, a distância é mais marcada, mas não a ponto de se ter dois sistemas linguísticos ou duas línguas, como se disse por muito tempo.

A partir dessas convicções, ressaltamos que os meios eletrônicos de comunicação podem mudar a estrutura da língua contribuindo para mudanças a longo prazo, ou seja, é possível haver mudanças no sistema linguístico em si, seja na morfologia, fonologia ou sintaxe, e podem, ou não, ser duradouras.

1.2 Conversação e lingua(gem) escrita no *WhatsApp*

O *WhatsApp* é um aplicativo multimídia de conversação em tempo real (permitindo a troca de mensagens de texto, vídeos, áudios, *gifs*, fotos etc.) em que internautas interagem de forma síncrona, semelhante à conversação face a face fora da internet, e assíncrona, ocorrendo em mais de um espaço temporal ou também pode ocorrer interações onde o internauta envia e recebe mensagens em um intervalo de tempo grande. Segundo Marcuschi (2005, p.13), as várias formas de expressão no BP “lhe dão maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados”.

Os internautas podem escrever, mandar fotos, vídeos, áudios, memes, arquivos etc., e mesmo com esta variedade de recursos como meio de interação, o texto escrito ainda é extremamente importante nas conversações. Para Marcuschi (2006, p. 15), o conceito de conversação é “uma interação verbal centrada, que se

desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum”. Já na concepção de Hilgert (*apud* MODESTO, 2011, p. 20), a conversação tem como alicerce a comunicação prática e cotidiana, uma vez que os interlocutores interagem no processo de emissor e receptor e sempre há algumas regras de comportamentos característicos aos envolvidos na comunicação. Notamos, assim, que a conversação compreende algumas condições como conduta, normas sociais, norma gramatical, dependendo de um contexto situacional.

O *WhatsApp*, assim como os demais gêneros digitais, são manifestações textuais apoiadas na língua escrita e é fato que o ato de escrever ainda continua crucial mesmo com a introdução de elementos semióticos. A respeito desse fenômeno, asseguramos que as maneiras de interação se modificaram e como a língua é um sistema vivo e dinâmico, são inevitáveis as mudanças linguísticas. Lima (2017, p.7) assevera que “A expansão de uso das diversas mídias digitais cria novas possibilidades de interação, tendo como consequência o surgimento de novos gêneros digitais” e, por consequência, temos o surgimento de novas características em gêneros já conhecidos como os *chats* (ou “bate-papo”¹³). Dentro desse gênero, podemos facilmente encaixar as conversas no App *WhatsApp*. Para tanto, nos apoiamos nas ideias de Araújo (2000, *apud* MARCUSCHI E XAVIER, 2010, p. 115) ao realizar uma comparação entre *chats* e telefonemas, situando o *chat* como “uma situação comunicativa complexa que dá origem a muitos gêneros de bate-papo virtual”.

Marcuschi e Xavier (2010, p. 118) colocam também que tal gênero oferece sustentáculos verbais de práticas de língua(gem) cotidianas (*chat* aberto e reservado, por exemplo), ou pode ter também um cunho pedagógico (*chat* educacional) ou jornalístico (*chat* com convidado), entre outros aspectos. Sobre as interações nos BPs, Crystal (2001, *apud* MARCUSCHI, 2010, p. 75) ratifica que podemos observar a língua(gem) em seu estado mais primitivo, e em termos linguísticos, é uma língua(gem) escrita não monitorada, isto é, uma linguagem em

¹³ Enfatizamos aqui que “*chat*” e “bate-papo” são considerados expressões sinônimas, porém em alguns contextos na internet, há uma leve distinção. Bate-papo é utilizado para situações interacionais entre dois ou mais internautas, geralmente. Já o termo “chat” pode ser utilizado como uma conversação específica ou entre diversas pessoas, funcionam como “salas de bate-papo” na internet. Em sites de filmes ou de empresas telefônicas é comum encontramos este último. Cabe salientar também que notamos uma maior popularidade do termo “bate-papo” do que o termo “*chat*” no vocabulário dos internautas.

seu estado natural de produção, não submetida a revisões ou correções.

No mesmo viés, Fonseca (2002) classifica os *chats* em quatro tipos: os *chats* de texto (onde o internauta faz uso somente do texto), os *chats* de texto livre (onde os assuntos debatidos são definidos no momento da interação), os *chats* de texto moderado (caracterizados por um mediador que escolhe um tema preestabelecido), e, por último, os *chats* de texto especial (que possuem por aspecto principal a existência de um moderador e temas previamente escolhidos, com data e horário de interação também preestabelecidos). Em oposição à classificação de Fonseca (2002), Araújo (2010, *apud* MARCUSCHI E XAVIER, 2010, p. 125) coloca que a nomenclatura “*chat* de texto” não consegue abranger as manifestações hipertextuais nos gêneros digitais. Assim, o autor mostra que:

Os *chats* que acontecem na web poderiam ser chamados de ***chats hipertextuais***, por trazerem, em sua textura, marcas indeléveis da riqueza plural da linguagem do hipertexto, de modo que os elementos sonoros, imagéticos e escritos se fundem para compor o texto conversacional, ainda que a escrita, nestes gêneros, apresente características distintas da usual. Isso acontece porque a *web* é um serviço da internet baseado no hipertexto e, por isso, seus gêneros se atualizam com marcas hipertextuais.

À luz desse raciocínio, trazemos à tona a concepção de Bakhtin (2006, p. 295) sobre a língua não ser um sistema estável, mas sim um lugar de interação humana. Bakhtin (*idem*) apresenta uma reflexão sobre a “transmutação genérica” na escrita visto que “a modalidade escrita da língua fez surgir um grande número de gêneros complexos, haja vista muitos gêneros primários saírem de sua esfera de origem para outras, materializando-se na escrita”. Logo, o BP é oriundo de um “diálogo cotidiano” pois há muitas marcas conversacionais. Contudo, essas conversas, quando perpassadas para o meio digital, geram uma nova configuração, nos permitindo assim pensar no BP como uma situação comunicativa complexa que oferece espaço para outros gêneros emergentes. Concomitante a isso, Freitas e Costa (2006, p. 46) expressam que o BP:

Não se trata de uma conversação nos moldes tradicionais, ou seja, de uma conversação face a face, mas, como se sabe, de um projeto discursivo que se realiza só e através das ferramentas do computador via canal eletrônico mediado por um software específico. A dimensão temporal desse tipo de interlocução caracteriza-se pela sincronidade em tempo real aproximando-se de uma conversa telefônica, porém, devido às especificidades do meio que põe os interlocutores em contato, estes devem escrever suas mensagens.

No mesmo viés, Marcuschi (2000, p.17)¹⁴ afirma que o gênero *chat* corresponde a uma ‘variação’ já que, inicialmente, a conversação na internet nos remete aos gêneros próximos a carta. No entanto, o autor afirma que o gênero *chat* também pode ser uma variação do telefonema “Há ainda o telefonema que você pode dar através do computador, usando um programa especial e a rede telefônica, mas o faz por escrito nos famosos *chats* (BP via internet)”¹⁵. Em suma, o autor considera que o BP é um gênero limítrofe da carta ao mesmo tempo que é uma ‘variação’ (ou melhor denominado de “transmutação” pela perspectiva Bakhtiniana) do telefonema possuindo características da língua oral e escrita.

Nesse sentido, concluímos que o BP é um gênero de natureza híbrida que contém características próprias e que concentra variadas práticas de linguagens (permitindo formas semióticas como som e imagem), já que possibilita o aspecto oral e escrito em um mesmo ambiente. As conversas compartilhadas no App são manifestações de um *chat* aberto pois, no geral, os internautas interagem sobre assuntos diversos do cotidiano. Todavia, o App não exclui a possibilidade de ser usado para outras finalidades como meio jornalístico ou educacional, por exemplo, permitindo assim outros tipos de *chats* (já citados acima). Além disso, as conversações no App também podem ser classificadas como *chat* de texto livre já que os interactantes escolhem os assuntos da conversa de acordo com a interação.

Concordamos com Araújo (2010 *apud* MARCUSCHI E XAVIER, 2010, p. 124), e opinamos que a nomenclatura “chat de texto” não se aplica ao *WhatsApp*. Defendemos que a troca de mensagens no App não acontece somente em forma de texto, mas também por meio de áudios, fotos, vídeos, *emojis*, etc. Sendo assim, dado que a internet é formada por hipertextos e seus gêneros são formados e atualizados por marcas hipertextuais, as conversas no *WhatsApp* são hipertextuais. Dessa forma, cabe aqui uma nomenclatura de “chat hipertextual”, assentindo com Marcuschi e Xavier (2010, p. 125), quando certifica que o BP possui aspectos da lingua(gem) do hipertexto, isto é, imagens e sons caminhando ao lado do texto escrito, que por si só, apresenta características distintas da escrita convencional.

Crystal (2013, *apud* SHEPHERD E SALIÉS, 2013, p. 17-35) nos chama atenção para elementos de natureza não verbal dos gêneros digitais que não estão presentes na escrita prototípica, mas muito recorrentes no *WhatsApp*, os

¹⁴ Conferir em Marcuschi & Xavier (2010, p. 115)

¹⁵ Conferir em Marcuschi & Xavier (2010, p.115 [grifo nosso])

*emoticons*¹⁶. Os *emojis*¹⁷ integram uma paralinguagem visto que expressam emoções e sugerem o tom “correto” na intenção do interlocutor na conversa, amenizando textos que muitas vezes podem ser interpretados de maneiras diferentes pelo receptor. O uso desses elementos nas conversas digitais nos possibilita pensar em um conceito de “paralinguagem digital”. Há ainda a variedade de recursos que o internauta utiliza que estabelecem sentido na conversação, é o caso de: ao provocar ênfase como em “!!!!!!” ou expressar gargalhadas como “kkkkkkkk”, “rsrsrsrsrs”, “uahauhauhs”, “risos”, “hahahahaha”, causando no receptor uma interação como se estivesse face-a-face. Tais recursos são utilizados com o objetivo de otimizar a conversa, tentando reproduzir suas emoções, sensações e pensamentos. Pereira e Moura (2005, p. 76) ressaltam que os usuários:

Utilizam também as teclas, como: os parênteses, os dois pontos, o ponto e vírgula, os colchetes, o zero, os sinais de ‘maior’ e ‘menor’ etc, que, conjugados (formam expressões de alegria, tristeza, abraços, beijos, sono, entre outras) são utilizados, pelos interlocutores, com o objetivo de representar, durante a dinâmica do diálogo que se trava, as manifestações discursivas que ocorrem normalmente numa situação de conversa oral face-a-face.

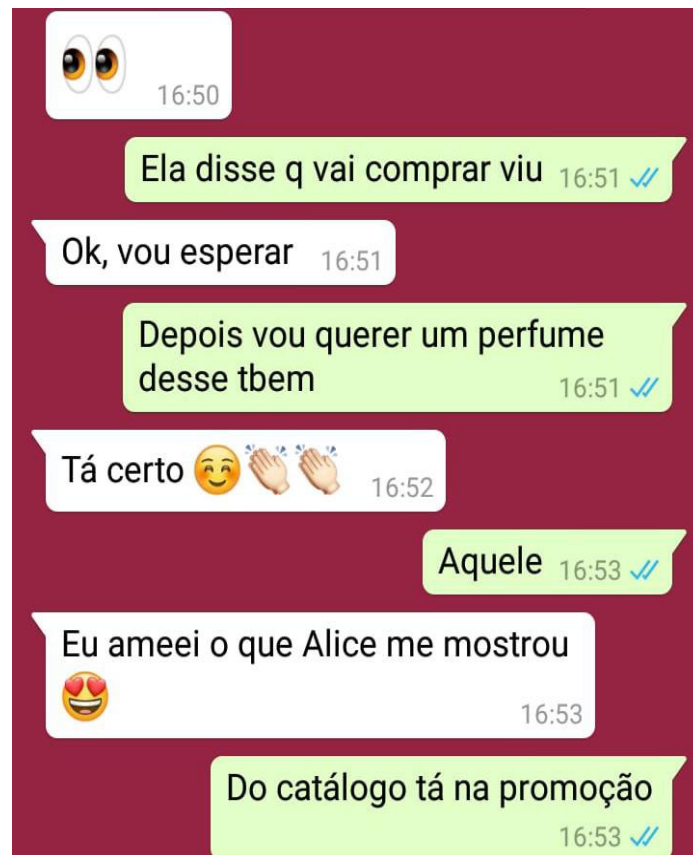
A sobreposição entre as mensagens dos interlocutores durante uma interação é outra característica da escrita no *WhatsApp*. Aliado a isso, há a troca de turnos, um dos aspectos básicos da conversação face a face (MARCUSCHI, 2006, p. 15). No App, a mudança de turno é indicada pela marcação do tempo em cada mensagem enviada, levando o interactante a realizar uma interação espontânea. O autor acrescenta ainda que “é sugestivo imaginar a distribuição de turnos entre os falantes como um fator disciplinador da atividade conversacional” (MARCUSCHI, 2006, p.19). A “sobreposição” do intervalo temporal de mensagens, a troca de turno assim como *emoticons* e abreviações podem ser facilmente observados na escrita de ludovicenses (como qualquer outro usuário cibernético), como no *print*¹⁸ a seguir:

¹⁶ Do inglês *emotion* (‘emoção’) + *icon* (‘ícone’), um *emoticon* costuma ser usado para representar “a emoção ou expressão facial de quem faz uso desse recurso” (LIMA, 2017).

¹⁷ O termo *emoji* se originou a partir da junção das expressões japonesas “e” (imagem) e “moji” (personagem), em português “pictograma”, que significa a linguagem escrita expressa por meio de desenhos e de formas.

¹⁸ Um *print* é uma captura de tela de celulares ou computadores. O nome deriva de *Print screen* (captura de tela), uma tecla ou botão comum em plataformas digitais. Em termos gerais, *print* significa “fotografar” uma tela. Vale destacar que os *prints* são essenciais nessa investigação, sendo a base do *corpus*, e, conseqüentemente, da nossa análise.

Figura 2 - Conversação no *WhatsApp*



Fonte: *print* retirado do *corpus* da pesquisa

As abreviações são formas de escrita para uma determinada estrutura linguística, e as variações se dão por conta do caráter rápido e dinâmico da rede. Dessa maneira, são fatores que determinam uma variação: o social, o estrutural e o estilístico, por exemplo. Em razão disso, entendemos o *WhatsApp* como um ambiente comunicacional e linguístico, onde as interações são geradas a partir da percepção dos atores. Seguindo a perspectiva da teoria da comunicação: só há comunicação quando houver um emissor, um receptor, uma mensagem, um código, um canal e um contexto. Nesse sentido, as conversações e a lingua(gem) no App estão diretamente ligadas ao tempo e ao espaço da interação existente, sendo necessária a abreviação de palavras para uma interação síncrona que precisa de agilidade e rapidez do internauta.

Assim, vemos que a comunicação ocorre de maneira adaptada ao meio digital. Um determinado internauta abre uma conta e adiciona sua rede de amigos, a partir disso, podem interagir na rede e nessa interação vemos a existência de duas vozes: a voz do usuário que inicia a conversa, carregada de diferentes discursos

(também vozes) e a voz do internauta que recebe a mensagem (também carregado de diferentes discursos, que também são vozes). Essas vozes são determinantes para uma situação comunicativa que, somadas a elementos paratextuais, estabelecem que a interação no *WhatsApp* seja rica em elementos comunicativos. É o que Castilho (2004, p. 17) denomina de “sintaxe interacional”. Logo, no *WhatsApp* não há uma realização face a face propriamente dita, entretanto, os usuários agem como se estivessem em uma.

As RSs, segundo Recuero (2009, p.24), correspondem a um conjunto de apenas dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). Uma RS é “uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir de conexões estabelecidas entre diversos atores. A abordagem da rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores e nem suas conexões” (RECUERO, 2009, p. 44). Dessa maneira, os internautas do *WhatsApp* são os atores sociais e as conversações entre eles são suas conexões. Além disso, é por meio da comunicação entre os atores sociais que a identidade deles é reconhecida e estabelecida pelos demais (RIBEIRO, 2005, *apud* RECUERO, 2009, p. 29).

Portanto, a identidade de um interactante do *WhatsApp* é fundamental para o seu reconhecimento e sua identificação por parte de outros internautas. Visto isso, consideramos nesta investigação o *WhatsApp* como uma “rede social”, ou seja, o App é um espaço *on-line* que pode permitir isso, pois há a presença constante de atores sociais e suas conexões. As contas no *WhatsApp* são construídas por meio de espaços pessoais pela apropriação dos atores. A partir do uso do App e da interação do ator social, esses espaços pessoais são construídos como perfis de RS. Logo, o ambiente é apropriado como espaço de construção e exposição de RSs. Devido às características da fala na língua escrita nesse lugar, temos a presença de um “texto falado”, nomenclatura dada por Hilgert (2000, p. 17):

Pressupondo que qualquer texto resulta da relação entre interlocutores, um texto conceitualmente falado prototípico, ao contrário do conceitualmente escrito, se caracterizaria do ponto de vista das condições de comunicação por um alto grau de privacidade, de intimidade, de envolvimento emocional, de mútua referencialidade, de cooperação, de dialogicidade, de espontaneidade entre os interlocutores e, também, por um destacado grau de dependência situacional e interacional das atividades de comunicação, além de um baixo grau de centração temática.

Em virtude disso, assentimos que o texto escrito no *WhatsApp* não pode ser

visto como um erro nem como uma deformação. Mesmo que muitos considerem questões ortográficas ou sintáticas tidas como “erradas” pela gramática tradicional¹⁹, e consequentemente, pela instituição escolar. Por esse motivo, o App pode funcionar como um campo de aprendizagem que agrega valores ao processo educativo, ampliando as possibilidades de aprendizagem, ao mesmo tempo que auxilia na formação de ideias, contextualizações, formação de opinião, levantamento crítico e debate, permitindo aos professores uma nova perspectiva sobre a utilização de mídias sociais no processo de ensino-aprendizagem da língua materna, no caso, a LP. Julgamos que a lingua(gem) escrita nesse ambiente apresenta valores cognitivos essenciais para o desenvolvimento social, pois exercita diversos sentidos por meio dos elementos audiovisuais. Crystal (2002, p. 128) é assertivo ao apontar que tal lingua(gem) se trata “de uma oportunidade, não ameaça, para o ensino de línguas”.

Shepherd e Saliés (2013, p. 48) apontam uma incerteza quanto ao tipo de mudança linguística que o internetês pode provocar na língua culta, entretanto acreditamos que as possibilidades de ocorrer uma mudança linguística são mínimas já que a lingua(gem) digital é apenas uma manifestação de uma língua oral, isto é, uma maneira de se escrever, e não possui poder suficiente para modificar uma língua por completo. Nesse ponto, o papel da escola se torna fundamental, mostrando aos estudantes a escrita culta e informal, o porquê que fora da internet precisamos escrever de um jeito e porquê dentro escrevemos de outro.

Conforme as concepções debatidas, e tendo como base que *Complexidade é sinônimo de estudo em conjunto de agentes e redes* (JOHNSON, 2007, p. 13), também entendemos o *WhatsApp* como um sistema adaptativo complexo pois, como qualquer sistema adaptativo, o App é uma rede composta de agentes em interação. O sistema é aberto e não possui equilíbrio, já que os internautas podem compartilhar ou excluir conteúdos (fotos, vídeos, notícias, sites etc.) a todo momento e adicionar ou remover internautas da sua lista de contatos. Além disso, está em constante processo de adaptação e mudança. Sendo assim, não há linearidade, uma interação casual pode gerar um debate muito maior entre os

¹⁹ Consideramos nesta investigação “Gramática” como o conjunto de regras e classificações a respeito de uma língua, estabelecendo um modo correto e outro errado para a escrita e a fala, sendo ainda frequentemente imposta no ensino do PB.

internautas ou uma interação com um teor mais informal pode não gerar novas interações. Desse modo, o *WhatsApp* é um sistema aberto, complexo, dinâmico, não linear e sujeito a atratores, permitindo aos internautas autonomia e liberdade.

Em suma, o texto escrito no BP é uma modalidade escrita da fala, especialmente por conta de algumas características que sugerem traços orais, porém, ainda assim, o texto continua sendo, de fato, escrito. Com interações em tempo real, seja em conversas de grupos fechados ou públicos, com amigos e familiares ou pessoas desconhecidas, nas conversações no *WhatsApp*, em algum momento, aparecem referências escritas ao pronome de segunda pessoa do discurso, nosso objeto de investigação.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEXTO

No intuito de ampliar o entendimento, apresentamos a seguir aspectos pontuais sobre o texto, enquanto objeto de investigação, que norteiam nosso referencial teórico. Logo, delineamos aqui os possíveis entrelaçamentos da LT com a língua(gem) escrita no *WhatsApp* a fim de analisar os dados recolhidos com uma fundamentação teórica concisa e refletindo sobre como a LT contribui para a compreensão da língua escrita na web. Para tanto, concebemos as contribuições de Marcuschi (2000; 2005; 2007; 2012 etc.) como essenciais, tanto por sua importância dentro da abordagem da linguística de texto quanto por seus estudos sobre os fenômenos linguísticos digitais.

2.1 A Linguística textual como base teórica

Uma manchete de uma única palavra pode ser um texto, um parágrafo pode ser um texto, um capítulo pode ser um texto, e um livro inteiro pode ser um texto. Textos estão situados no tempo e no espaço. Textos são criados e podem ser escritos de muitas maneiras. São grafitados em muros, ou publicados em jornais, ou escritos em diários. Os textos são, então, utilizados; são lidos, exercem influência, são respondidos. (Barton e Lee, 2015, p. 42)

Partindo dessa premissa, observamos que a internet provocou alterações no ato de ler/escrever, ou seja, apresentou diferentes possibilidades de escrita exigindo estratégias metacognitivas um pouco distintas das da leitura/escrita do texto-papel tradicional. Os textos se manifestam em variados gêneros virtuais, sendo possível realizar associações entre texto, símbolo, imagem e áudio, por exemplo, levando os internautas a explorarem várias formas de comunicação. Nesse aspecto, a web desenrola outros caminhos para a LT no que diz respeito a produção textual escrita e oral.

A teoria estruturalista proposta por Saussure (2012, p. 42-49) defende que a língua é como um sistema, um conjunto de elementos interligados e regidos por princípios de funcionamento estabelecidos dentro do próprio sistema, porém, ignorando qualquer preocupação extralinguística, visto que o funcionamento dos elementos é regulado por “regras” adquiridas socialmente. Desse modo, por meio de questionamentos e inquietações, houve a necessidade de se entender mais sobre frases e textos. Segundo Marcuschi (2012), a LT surgiu, portanto, oferecendo outras

possibilidades e interpretações sobre a língua(gem), limitando-se, inicialmente, apenas a frases ou palavras isoladas. No entanto, preocupada com os processos de produção e recepção de textos e com a tendência sócio-cognitiva em vigor na década de 60, a LT se desenvolveu na Alemanha, ganhando expressiva importância em várias universidades da Europa e também no Brasil com estudos de teóricos fundamentais como Marcuschi (2012) e Koch (2006), em outros nomes. Dessa forma, a LT se interessou em estudar o texto como unidade básica de sentido²⁰. Segundo Marcuschi (2012, p. 91):

A linguística de texto parte da premissa de que a língua não funciona nem se dá em unidades isoladas, tais como os fonemas, os morfemas, as palavras ou as frases soltas. Mas sim em unidades de sentido chamadas texto, sejam elas textos orais ou escritos.

À vista disso, concordamos que o texto é uma unidade linguística concreta e dotada de sentido, logo a gramática de frase não é suficiente já que o falante se comunica por meio de textos e não de frases, ignorando se o texto é extenso ou curto. Koch (2006, p. 06) assegura:

[...] O texto é considerado o signo linguístico primário [...], a unidade linguística hierarquicamente mais elevada, [constituindo] uma entidade do sistema linguístico, cujas estruturas possíveis em cada língua devem ser determinadas pelas regras de uma gramática textual.

Sabemos que todo falante de uma língua possui a capacidade de diferenciar um texto coerente de um amontoado de sentenças confusas. Tentando entender isso, com o Gerativismo de Chomsky fomos apresentados a noção de competência textual semelhante a ideia de competência linguística. Tal competência possui os seguintes aspectos, conforme aponta Charoles (1989, *apud* BENTES, 2006, p. 250):

- a) Capacidade formativa: os falantes produzem e compreendem os mais variados tipos de textos, sabendo distinguir se uma sequência linguística é um texto;
- b) Capacidade transformativa: os falantes podem modificar um texto de diversos modos, seja resumindo ou parafraseando, por exemplo;
- c) Capacidade qualificativa: os falantes possuem a capacidade de saber de que tipo é um determinado texto, ou seja, sabem determinar a tipologia textual;

²⁰ Consideramos que o sentido é “um efeito do funcionamento da língua quando os falantes estão situados em contextos sócio-históricos e produzem textos em condições específicas” (MARCUSCHI, 2012, p. 93)

Seguindo essa caracterização, Marcuschi (2012, p. 22) apresenta as definições de texto na iminência do sistema linguístico e nos mostra três concepções que precisaríamos ter para se definir um texto:

1- Sequência

Nas palavras do autor, “é uma expressão que aponta para a necessidade de haver um conjunto linear, mas é problemática se indicar uma condição necessária, pois há textos que se compõem de uma só sentença, ou mesmo de uma só palavra. ” (MARCUSCHI, 2012, p. 22). É o que acontece no caso de “Socorro!”, por exemplo, em determinado contexto a expressão possui sentido, sem precisar de qualquer outro termo para dar continuidade.

2- Sentença

O termo “sentença” é bastante debatido nas gramáticas de frase e “ignorado” pelos linguistas de texto, pois a noção de “sentença” é velada. Se tomarmos como exemplo a expressão “Socorro!” devemos considerar as características morfológicas e sintéticas.

3- Coerência

Para o autor (idem, 2012, p.23), a “noção de coerência envolveu aspectos demasiados e em vários níveis resultando numa categoria difusa e pouco aproveitável”.

Harris (1952, *apud* MARCUSCHI, 2012, p. 23) reconhece que “Um texto (discurso) compõe-se de uma sequência de expressões ou sentenças ligadas, podendo ir desde sentenças de uma só palavra até uma obra em vários volumes”. Para o teórico, o conceito de texto parte de uma sequência de morfemas ou sentenças ligadas. Vemos que isso acontece com o texto escrito no *WhatsApp*, porém somado a elementos pragmáticos como *emojis*, figuras, gifs, fotos, áudios ou vídeos, como no *print* a seguir:

Figura 3 - Conversação no *WhatsApp*



Fonte: *print* retirado do *corpus* da pesquisa

Posteriormente, os estudos de Harweg (1974, p. 144, *apud* MARCUSCHI, 2012, p. 25) mostravam que o texto é “Uma sucessão de unidades linguísticas constituída por uma cadeia pronominal ininterrupta”²¹. Segundo o teórico, é preciso analisar o texto por dois vieses:

- 1- A sucessão sintagmática (sendo que a junção de palavras origina sentenças e a junção de sentenças origina textos)
- 2- A sucessão paradigmática (ou substituição sintagmática, faz referência a cadeia pronominal dentro de uma sequência)

Nesta concepção, o texto apresenta ainda uma característica primordial, o “múltiplo referenciamento”, isto é, os falantes retomam aspectos do assunto discutido várias vezes no texto. À isso, o autor denomina “cadeia pronominal”²². Comparando tal teoria com a lingua(gem) escrita no *WhatsApp*, vemos que há tanto

²¹ O termo “pronominal” é colocado aqui no sentido de “pró-forma” (elementos da cadeia coesa do texto), não no sentido de referência a pronomes.

²² Nos apoiamos também em Koch (2006, p. 04) quando afirma que o texto é resultado de “um múltiplo referenciamento’ [...] como uma sucessão de unidades linguísticas constituídas mediante uma concatenação pronominal ininterrupta”.

a sucessão sintagmática como a sucessão paradigmática. Porém, ambas as perspectivas excluem o caráter pragmático do texto, embora essas concepções de texto tenham ajudado bastante o desenvolvimento da LT, elas possuem certa limitação. Em razão disso, para entender a escrita digitada no App, precisamos das definições de texto que abraçam o caráter comunicativo da língua.

Conforme acentua Petőfi (1972, p.31-32, *apud* MARCUSCHI, 2012, p. 26), texto é “Uma sequência de elementos linguísticos escritos ou falados organizada como um todo, com base em algum critério qualquer, geralmente extralinguístico, resulta num texto”. Petőfi (idem) coloca o texto como constituído de dois elementos: os contextuais (externos ao texto) e cotextuais (internos ao texto). Congruente à isso, Schmidt (1973, p. 237, *apud* MARCUSCHI, 2012, p. 27-28) define texto como:

Qualquer expressão de um conjunto linguístico num ato de comunicação (no âmbito de um jogo-de-ação comunicativo), sendo tematicamente orientado e preenchendo uma função comunicativa reconhecível, ou seja, realizando um potencial ilocutório reconhecível.

O autor também assegura que os elementos pragmáticos (ou seja, qualquer comunicação por meio de sinais, incluindo o texto) são fundamentais, ignorando a ação da frase e da coerência. Nesse momento, a LT ganha um novo enfoque: a língua é tratada como um processo comunicativo e não mais como um sistema autônomo (KOCH, 2006, p. 27). No texto escrito no *WhatsApp* os elementos pragmáticos são bastante recorrentes (os *emojis*, por exemplo) e são importantes pois fazem parte de uma língua(gem) que reconhece a presença deles e não os ignora, sendo elementos que auxiliam na comunicação *on-line*.

Halliday e Hassan (1976, p. 1-2 *apud* MARCUSCHI 2012, p. 28) colocam que “Um texto é uma unidade em uso. Não é uma unidade gramatical, tal como uma frase ou uma sentença; e não é definido por sua extensão. Um texto é, melhor dizendo, uma unidade semântica: não uma unidade de forma e sim de sentido”. Portanto, para os autores, o texto não é formado por sentenças, ele apenas se desenvolve por meio delas. Assim, as partes que formam o texto não se juntam como partes de uma sentença, mas se unem entre si²³. Nessa perspectiva, Barton e Lee (2015, p. 24) defendem que “uma parte crucial do contexto de textos *on-line* é situá-los nas práticas de sua criação e utilização”. Dessa maneira, os autores propõem uma visão da linguagem *on-line* como textos e práticas, atravessando a

²³ Conferir em Marcuschi (2012, p. 28)

noção tradicional de letramento: “o letramento pode ser uma poderosa lente para examinar a mudança de práticas sociais. Isto inclui o impacto das novas tecnologias, uma vez que o envolvimento com textos de vários tipos é central na vida *on-line*” (BARTON E LEE, 2015, p. 27).

Dado que os textos na internet são escritos e lidos, os autores preferem usar o termo “práticas de linguagem *on-line*” ao invés de salientar uma diferença entre a escrita e a fala. Dessa maneira, concluímos que o “texto” não é uma simples sequência de sentenças, mas sim uma ocorrência comunicativa concreta e atual. Para a nossa investigação, compreendemos o texto como uma forma de cognição social, algo multifacetado, resultado de interações, ações e construções sociais. O fato é que o “mundo é cada vez mais mediado pelo texto, e a web é parte essencial dessa mediação textual” (BARTON E LEE, 2015, p. 30), logo precisamos entender como o texto escrito se constitui no *WhatsApp* e, compreender a produção de texto na web não implica apenas analisar características estruturais da língua, mas também investigar modos particulares de criação e utilização de textos por parte dos internautas.

2.2 O texto escrito no *WhatsApp*

À medida que as práticas sociais das pessoas se mudaram para o âmbito *on-line*, muitos textos em nossa vida contemporânea fizeram o mesmo e assumiram diferentes propriedades. Em primeiro lugar, a materialidade do texto mudou”. (BARTON E LEE, 2015, p. 42)

A perspectiva de Barton e Lee (2015) acima é perceptível ao observamos que o *WhatsApp* é uma ferramenta de comunicação constantemente escrita, sendo que o “texto” escrito é de caráter essencialmente comunicativo dada a natureza comunicativa das Redes Sociais e das tecnologias, em geral, fundamental na conversação. Os teóricos (Idem, p. 55) defendem a ideia de “espaços de escrita” dentro da internet, isto é, zonas que oferecem possibilidades ou restrições de escrita ou do que pode ser escrito por parte do internauta. Os autores colocam essa visão tendo em vista que a palavra escrita ainda é fundamental em todas as esferas de interação *on-line* e citam os Apps de MI como exemplo de “espaço de escrita” (Idem, p. 56). Logo, afirmamos que o *WhatsApp* é um espaço de escrita *on-line*, pois se configura como um BP de texto síncrono na internet com interação de internautas no mesmo sistema funcionando como uma ferramenta de comunicação textual. Barton

e Lee (2015, p. 61) enfatizam:

O uso diário e a troca cotidiana de mensagens de texto fomentam o desenvolvimento de MI como uma prática social conectada a conjuntos de valores que influenciam as pessoas a usar textos de maneiras específicas. Embora em grande parte textuais, as mensagens instantâneas também são usadas em conjunto com outras formas de comunicação (...)

Assim, o *WhatsApp* é constituído por práticas linguísticas *on-line* sendo um ambiente bastante rico em textos escritos produzidos pelos próprios internautas. O “texto digital” não é apenas uma junção de morfemas, lexemas ou sentenças, mas sim uma combinação de elementos linguísticos e pragmáticos em situações comunicativas, como fica explícito a seguir:

Figura 4 - Conversação no *WhatsApp*



Fonte: *print* retirado do *corpus* da pesquisa

No *print*, os elementos “:)” e “=D”, isoladamente, são apenas sinais gráficos ou letras. Todavia, no contexto da língua escrita no BP, essas construções possuem sentido representando, geralmente, alguma emoção (criadas para compensar a ausência física do interlocutor). Conforme Santos (2006, p. 78), esses elementos possuem como objetivo:

Representar o estado emocional ou atitude de quem escreve, ou seja, são códigos elaborados a partir de sinais de pontuação, para expressarem sentimentos, emoções. Por exemplo: :-) ou :) feliz; :-D ou :D dando gargalhadas; :-O ou :O espantado; :-P ou :P fazendo careta; ;-) ou ;)

piscando; :- (ou :(ou :-> triste ou muito triste; :-S ou :S de boca fechada; :-□
ou :□ indiferente.

Dessa forma, entendemos um único *emoji* ou sinais de pontuação juntos que fazem referência à emojis em uma conversação (":") ou "=D") como sendo um "texto" pois expressam algo que faz sentido (estabelecido pelos próprios interactantes em seus contextos socioculturais) e o internauta sabe o que significa, dado um processo cognitivo de produção e recepção assim como em uma conversação face-a-face. Logo, concordamos com Barton e Lee (2015, p. 43) quando defendem que o texto *on-line* não é estável como o texto convencional, não possuem mais o aspecto de pontos de referência fixos pois são mais voláteis e dinâmicos do que os textos tradicionais, e tais mudanças sobre o texto são constantes.

Para entender a construção de sentido dos textos *on-line*, é preciso assimilar os textos multimodais (incluem as linguagens falada e escrita e recursos semióticos como imagem, gesto e som etc.). Barton e Lee (2015, p.47) também notabilizam que "Os textos multimodais são onipresentes em nossa vida cotidiana, especialmente aqueles que combinam o verbal com o visual. As práticas multimodais não são novas e têm sido uma estratégia essencial de construção de sentido ao longo da história da linguagem escrita". Com isso, notamos que o *WhatsApp* se constitui como ambiente de fácil criação ou compartilhamento de textos multimodais, no entanto, apesar dessa "multimodalidade", a palavra escrita ainda é bastante recorrente na construção dos significados nas conversações.

Marcuschi (2012, p. 31) vai de encontro à nossa linha de raciocínio ao afirmar que "Não faz muito sentido discutir se o texto é uma unidade da *langue* ou da *parole*. Trata-se de uma unidade comunicativa atual realizada tanto em nível de uso como ao nível do sistema. Tanto o sistema como o uso têm suas funções essenciais". O autor (Idem, 2012, p. 33) propõe uma definição provisória para a LT: "o estudo dos processos linguísticos e cognitivos reguladores e controladores de produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais". Enquanto campo de estudo, a LT utiliza dados reais frutos de situações concretas de falantes, ou no caso da internet, de internautas. Sendo assim, Marcuschi (2012, p. 94) explica:

A LT é uma perspectiva de trabalho orientada por dados autênticos, empíricos e extraídos do desempenho real. Não é uma análise de observações introspectivas. É importante determinarmos com certa precisão este domínio, já que não se trata de uma panaceia geral, mas de um estudo controlado. O tema da linguística de texto abrange: coesão superficial (nível dos constituintes linguísticos); coerência (nível semântico, cognitivo,

intersubjetivo e funcional) e sistema de pressuposições (implicações no nível pragmático da produção de sentido no plano das ações e intenções).

Sendo assim, defendemos que a LT, dentro de uma compreensão de texto digital em um BP, engloba desde sinais gráficos, letras isoladas ou juntas (que antes do *boom* das redes talvez não teriam sentido algum, sem regra gramatical nenhuma) à textos grandes com frases completas, períodos longos e pontuação. Em síntese, tratamos o texto escrito no *WhatsApp* como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações e sentidos. Posto isso, cabe acentuar a LT na visão de Koch (2006, p. 14):

Já não se trata de pesquisar a língua como sistema autônomo, mas sim o seu funcionamento nos processos comunicativos de uma sociedade concreta. Passam a interessar os “textos-em-funções”. Isto é, os textos deixam de ser vistos como produtos acabados, que devem ser analisados sintática ou semanticamente, passando a ser considerados elementos constitutivos de uma atividade complexa, como instrumento de realização de intenções comunicativas e sociais do falante.

A ideia de modelos de texto não existe mais atualmente pois o texto não é uma unidade formal que pode ser definida e determinada por um conjunto de regras e propriedades puramente componenciais e intrínsecas²⁴. No texto escrito no *WhatsApp*, os internautas não escrevem da maneira que querem já que seguem “regras” dentro de uma conversação tendo uma gramática “oculta” (ou “implícita”), como já mencionado no capítulo. Ocorre que os internautas podem não seguir as regras da gramática tradicional propagada pela instituição escolar, entretanto, há regras próprias criadas dentro desse espaço, sendo fixas ou modificadas conforme a necessidade dos internautas.

Nesse âmbito, nos reportamos ao Letramento Digital necessário aos internautas pois pressupõe o domínio das ferramentas digitais que possibilitam práticas letradas e permite ao sujeito atribuir sentido ao que se lê e escreve na tela, habilidades essas que envolvem a compreensão do emprego de imagens, sons, a não linearidade dos hipertextos, a seleção e avaliação das informações (XAVIER, 2002). Tais “regras”, inseridas nesse Letramento Digital, são notórias nas conversações, como no caso do pronome você (o internauta pode abreviar para “vc”, mas nunca irá abreviar para “oê”, por exemplo), o que nos permite observar um regimento em que as vogais são omitidas em detrimento das consoantes (isso é

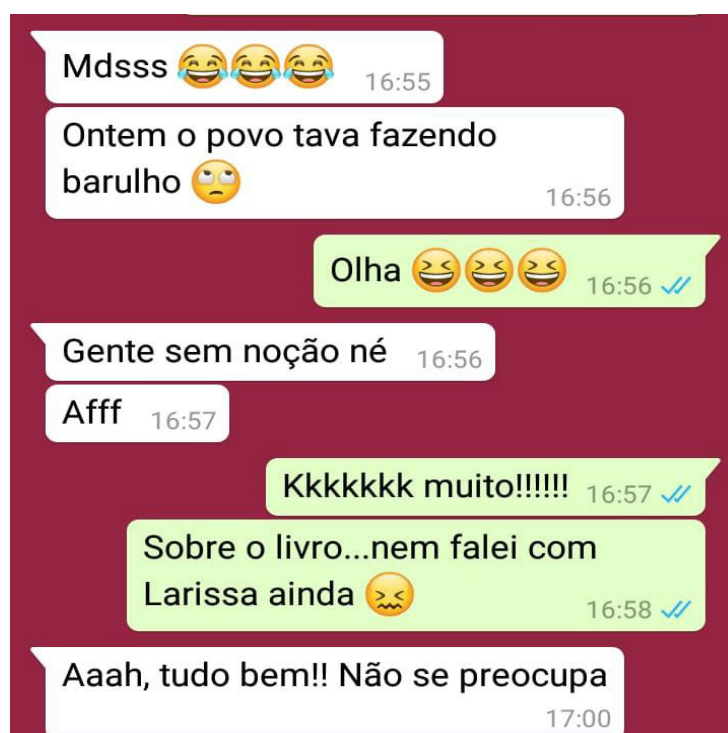
²⁴ Conferir em Marcuschi (2012, p. 91)

devidamente mostrado no capítulo de análise dos dados). Nesse viés, Koch (2014, p. 30) é assertiva ao declarar que:

Um texto se constitui como tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir para ele, determinado sentido.

Analisando um texto produzido/falado em uma conversação entre duas internautas ludovicenses no *WhatsApp*, podemos encontrar uma série de fenômenos textuais e linguísticos. É possível observar que nenhuma das sentenças possui ponto final, mas o interactante-receptor entende quando é uma continuação ou quando a frase foi finalizada, há também a presença da troca de turnos, mudança no tópico, entre outras características, como no *print* a seguir:

Figura 5 - Conversação no *WhatsApp*



Fonte: *print* retirado do *corpus* da pesquisa

Sabemos que o texto pode ser dividido linguisticamente de duas formas, a primeira por um caminho linguístico (sendo o texto um aglomerado de unidades linguísticas que possuem sentido), a segunda por um viés sócio pragmático (visto que o texto é uma unidade de sentido estabelecido entre leitor/autor, na modalidade escrita da língua, e entre locutor/interlocutor, na modalidade oral (CAVALCANTE,

2005, p. 165 *apud* MARCUSCHI E XAVIER, 2010). Concomitante a isso, trazemos à tona a concepção de hipertexto pois é essencial para nossa investigação. Fachinetto (2005, p.1), estabelece que “o termo hipertexto designa um processo de escrita/leitura não linear e não hierarquizada”, oferecendo ao internauta o acesso ilimitado a outros textos, de maneira instantânea, o que gerou uma nova forma de leitura diferente do habitual (agora com palavras e imagens) deixando parcialmente de lado a linearidade e proporcionando ao internauta-leitor uma maior autonomia na procura por informações.

Marcuschi e Xavier (2010, p. 208) pontuam que o hipertexto se estabelece como uma forma híbrida, dinâmica e flexível de lingua(gem) que dialoga com elementos semióticos. Nesse mesmo viés, Crystal (2002) também reconhece que a hipertextualidade é a propriedade funcional mais importante na Internet, sem a qual o meio não existiria. Os internautas, para conseguirem manter contato com vários outros ao mesmo tempo, passam pela chamada “pressão pragmática”, conforme aponta Crystal (2002, p. 183-184):

As colaborações tendem a ser fragmentos de orações, e as palavras se reduzem ao uso de abreviações e iniciais [...]. O fato de que as mensagens sejam breves e distribuam-se rapidamente [...], traduz-se em uma das características mais distintivas das interações nos grupos de *chat*.²⁵

Logo, é nítido que a produção textual de sentido no *WhatsApp* parte de um aspecto sociointerativo onde os interactantes (produtores e receptores do texto) determinam a interação dentro de um conjunto de princípios semelhantes. Quando um interactante escreve algo, está enunciando uma informação\conteúdo e colocando um sentido que é determinado com outro interactante isolado ou um grupo. Dessa forma, o internauta assume, além do papel de falante\escritor, o papel de leitor\ouvinte. Por assumir dois papéis, o internauta atua em duas esferas, o sujeito que fala\escreve o texto e o que ouve\lê, fazendo interferência no seu próprio texto, papel que é assumido por outro participante-ouvinte como em um diálogo realizado face a face.

O texto é algo construído coletivamente (seja ele oral ou escrito) e tomando por base que o texto é uma (re)construção do mundo e não um simples reflexo²⁶,

²⁵ Tradução nossa para “Las colaboraciones tienden a ser fragmentos de oraciones, y las palabras se reducen al uso de abreviaturas e iniciales [...]. El hecho de que los mensajes sean breves y se distribuyan [...] rápidamente se traduce en una de las características más distintivas de las interacciones grupales de chat”. (Crystal, 2002, p. 183-184)

²⁶ Conferir em Marcuschi (2012, p. 90)

julgamos os estudos da LT os mais adequados para análise dos dados recolhidos e um melhor entendimento da escrita em conversações no *WhatsApp*, desmitificando a repulsa que alguns linguistas possuem com a língua escrita na web. Sobre o texto digital, Crystal (2005, p. 90):

Os textos eletrônicos, de qualquer tipo, não são a mesma coisa que as outras formas de texto. Eles demonstram fluidez, simultaneidade (ao estarem disponíveis em um número indefinido de máquinas) e não se degradam com cópias; transcendem as limitações tradicionais de disseminação do texto; e possuem fronteiras permeáveis (por causa do modo como um texto pode ser integrado a outros ou exibir links para outros).

Assim sendo, o texto digital é comunicativo e entrelaça ações cognitivas, linguísticas e sociais, isto é, não difere muito dos textos que já conhecemos. Vale frisar que, diferentemente do que muitos pensam, o texto digital não ocasionará o fim do texto convencional. No tocante à isso, Levy (1996, p. 50) faz a seguinte afirmação:

A multiplicação das telas anuncia o fim do escrito, como a entender certos profetas da desgraça? Essa ideia é muito provavelmente errônea. Certamente o texto digitalizado, fluido, reconfigurável à vontade, que se organiza de um modo não linear, que circula no interior de redes locais ou mundiais das quais cada participante é um autor e um editor potencial, esse texto diferencia-se do texto clássico.

Nessa conjuntura, reconhecemos que o *WhatsApp* é um App que prima pela liberdade textual e capacidade criativa do usuário, desencadeando novas manifestações linguísticas textuais, dentre outras inovações comunicacionais que podem ser analisadas pela óptica da LT. O texto escrito no App está em constante transformação, pois é mutável e dinâmico, podendo aparecer outras formas de produção escrita a qualquer momento.

2.3 O fenômeno das abreviações

Do latim, *tardio abbreviatione*, abreviação significa o ato ou efeito de abreviar, abreviamento, abreviatura²⁷. Como a investigação em questão se pauta na escrita do você em conversação de ludovicenses, é inevitável refletirmos sobre abreviações enquanto aspecto geral da língua(gem). Abreviação vocabular é um dos processos morfológicos de formação de palavras na LP e consiste na “redução de frases e

²⁷ Conferir em Ferreira (1999, *apud* FRAZÃO, 2018).

palavras até limites que não prejudiquem a compreensão” (CUNHA; CINTRA, 2001, p.116). Na web, nos perfis do *Facebook* ou nas conversas do *WhatsApp*, por exemplo, as abreviações são muito recorrentes na escrita e não é difícil encontramos palavras simples do cotidiano abreviadas devido a rapidez e dinamicidade derivada da tecnologia. Oliveira e Meira (2010, p. 119 *apud* FRAZÃO, 2018) endossam nossa concepção ao apontar que as abreviações na web servem “para reduzir o tempo de escrita/leitura, aproximando-o do tempo oral da fala/escuta”.

Seguindo as orientações de Bechara (2009), podemos encontrar abreviação tanto na língua coloquial quanto na linguagem mais elaborada e consiste no emprego de parte da palavra pelo todo. O termo abreviado se torna uma nova palavra “e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede” (BECHARA, 2009, p.371). Outros autores, como Silva e Koch (1999) também afirmam que, “uma vez criada, a abreviação é considerada uma nova palavra, embora com o mesmo significado da palavra original, de forma que pela abreviação incorporamos novas palavras à língua, com base em um processo de economia, regido pela lei do mínimo esforço”.

Ressaltamos que as abreviações no BP apresentam características distintas, que antes na língua culta não eram perceptíveis, como a falta de regras para se abreviar uma palavra, a função da vogal no meio da sílaba (conceito de sílaba intrínseco ao sistema na língua culta) é agora substituída pela consoante, por exemplo, como observa vários teóricos, dentre eles Câmara Júnior (2014) e Cunha e Cintra (2001). Portanto, há uma “troca” da vogal pela consoante, aliado a isso, as abreviações possuem a função de acelerar a escrita. Isso acontece pois “Quando pronunciamos lentamente uma palavra, sentimos que não o fazemos separando um som de outro, mas dividindo a palavra em pequenos segmentos fônicos que serão tantos quantas forem as vogais” (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 52).

Nessa percepção, Costa (2005, p.6, *apud* FRAZÃO, 2018) é assertivo ao afirmar que a agilidade propiciada pelas abreviações tem como efeito “[...] um ‘falar textos’ que possui uma linguagem-código a qual produz um tipo de escrita que procura o equilíbrio entre o espaço ocupado na tela e o tempo usado. É a língua regida por um elementar princípio de economia”. Também nos apoiamos em Santos

(2006), quando este explica que o texto digital é estruturado em uma escrita semialfabética, ou seja, marcada por abreviações e reduções linguísticas onde as vogais muitas vezes são omitidas como na palavra “porque”, por exemplo, que é “reduzida” para “pq”. Assim, o texto digital reflete uma “hiperssoalidade”, onde temos formalidade em alguns discursos e informalidade em outros, dependendo do contexto da interação. Sobre as abreviações no meio digital, Marcuschi (2010, p. 75) assegura que:

Observa-se que a escrita dos bate-papos, por exemplo, tende a ser mais abreviada. Aparecem muitas abreviaturas, mas boa parte delas é artificial, localmente decidida e não vinga. Essas abreviaturas são passageiras e servem apenas para aquele momento. Mas outras se firmam e vão formando um cânone mínimo que vai sendo reconhecido como próprio do meio. Isso significa que há uma contribuição inegável dessa escrita para a formação de novas variedades comunicativas.

Nesse âmbito, acreditamos na importância que as abreviações possuem na língua(gem) escrita no *WhatsApp* e julgamos que essas “reduções linguísticas” são consideravelmente mais significativas e valiosas hoje do que antigamente, quando a web ainda não tinha sido desbravada. O entendimento da abreviação como parte integrante do texto escrito no App é um dos pontos principais da nossa averiguação sobre a estrutura pronominal você, que, nesse meio, inevitavelmente nos remete ao ato de abreviar.

3. O PRONOME PESSOAL DE SEGUNDA PESSOA DO DISCURSO: VOCÊ

Nesta seção, realizamos um panorama do pronome de segunda pessoa (singular) do discurso você no falar maranhense. Tendo como preliminar que a escrita digital é a representação de uma língua falada, nosso respaldo teórico principal são os estudos de Alves (2015), já que são voltados inteiramente para os pronomes pessoais falados no estado do Maranhão.

3.1 O pronome você no falar maranhense

Benveniste (1995) defende que os pronomes pessoais na língua revelam a expressão da subjetividade na linguagem e tal subjetividade é devido a natureza desses elementos. Sobre isso, o teórico nos mostra dois princípios característicos: uma correlação de subjetividade que diz respeito a 1ª pessoa em oposição às outras e uma relação de pessoalidade, que corresponde a 1ª e 2ª pessoas em oposição a uma 3ª pessoa. Priorizamos aqui a “correlação de subjetividade”, onde o tu é tido como uma pessoa não subjetiva ao lado da pessoa subjetiva eu. O pensador conceitua subjetividade como a capacidade do falante de se admitir como sujeito (status linguístico da pessoa) e nos mostra a importância da subjetividade como única forma de realização do discurso e da linguagem de maneira geral. Dessa maneira, o falante se coloca como “sujeito”, chamando a si mesmo de eu no seu discurso.

Além disso, Benveniste (1995) também conceitua instância do discurso como “o ato discreto e único mediante o qual a língua é atualizada em fala” e divide os pronomes em dois tipos diferentes de signos: os que pertencem à sintaxe da língua, uma dimensão sintática (os pronomes relativos, por exemplo) e os que caracterizam instâncias do discurso, uma dimensão pragmática. Nesse último, estão presentes os pronomes pessoais que atuam como indicadores de instâncias do discurso, dando ao falante o instrumento para a conversão da língua em discurso, sendo essenciais em uma conversação. Assim, o pronome pessoal não constitui uma classe unitária pois abarca signos que caracterizam instâncias do discurso e signos que fazem parte da sintaxe da língua.

Nesse preâmbulo, voltando a atenção ao nosso objeto de estudo e trazendo à tona aspectos históricos, Cintra (1972) revela que a forma arcaica do você que

utilizamos hoje, “Vossa Mercê”, era usada para se referir ao rei e à rainha, e entrou em decadência, sendo substituída por, sucessivamente, Vossa Alteza e Vossa Majestade. A variação você, nesse caso, começou se popularizar no século XVII, chegando, inicialmente, em Portugal, onde para muitas camadas da população a expressão você era considerada ofensiva (CINTRA, 1972, p. 25-36).

Segundo investigação realizada por Salles (2001)²⁸ em textos escritos do século XIX, de um total de 595 ocorrências de tratamentos de segunda pessoa, apenas trinta e sete ocorrências de você foram encontradas e três para vosmicê (a variante mais culta do você), sendo essas duas formas usadas em relações de “igual para igual”, entre indivíduos de uma mesma camada social. Os estudos de Nascentes (1956, p.114) nos mostram que a forma “vossa mercê”, “Degradou-se, fonética e semanticamente, a tal ponto que eliminou extraordinariamente a sua forma e, de tratamento real, pronominalizando-se, chegou a tratamento empregado com inferiores”.

Nesse âmbito, vossa mercê sofreu uma simplificação fonética devido a reduções de segmentos e sílabas átonas e propiciou o surgimento de muitas variantes. Ainda segundo Nascentes (1956, p. 119 a 121), há dezoito registros de formas simplificadas para vossa mercê. Além do você, são variantes também: Cê, mecê, mincê, ocê, oncê, sucê, suncê, vacê, vainicê, vancê, vansmincê, vassuncê, voncê, vosmecê, vossemecê, vosmincê, vossuncê, ucê²⁹. Entretanto, foi a expressão você que conseguiu se fixar no PB, se tornando um pronome de tratamento, por meio de um processo denominado de “pronominalização” e aceitação de novas formas de tratamento. Lopes (2003, p. 20) expressa que:

A gramaticalização de Vossa Mercê > você não foi um processo isolado, mas uma consequência de uma mudança encaixada linguística e socialmente. Há uma emergência gradativa de formas nominais de tratamento que passam a substituir o tratamento cortês vós, a partir do século XV em português, num primeiro momento pela ascensão da nobreza e mais tarde da burguesia, que exigia tratamento diferenciado. Essa propagação, que começa de cima para baixo, se dissemina pela comunidade como um todo e as formas perdem sua concepção semântica inicial, gramaticalizando-se – algumas de forma mais acelerada que outras, como é o caso de Vossa Mercê>vosmecê>você

Esse processo de “pronominalização” ocasionou consequências importantes no PB, entre elas, a reorganização do sistema pronominal, como endossa Peres (2007, p. 155 a 168):

²⁸ Citado por Peres (2007, p. 155-178)

²⁹ Conferir em Nascentes (1956, p. 119 a 121)

Uma consequência extremamente importante do processo de gramaticalização de Vossa Mercê > você é o rearranjo da estrutura da língua, especialmente de seu sistema pronominal, como aponta Lopes (2003). Em primeiro lugar, você entrou na língua portuguesa na sua forma plural, no lugar de vós, que caiu em desuso. Porém, por se haver originado de uma forma nominal – Vossa Mercê –, que fazia a concordância com a 3ª pessoa, você também passa a ter esse comportamento, mesclando a 2ª pessoa com a 3ª. O resultado desse quadro é que, numa língua de sujeito nulo, como era o PB, formas como “amava”, “partia” etc. serviam tanto à primeira pessoa quanto à segunda. Portanto, para desfazer essa ambiguidade, o falante sentiu a necessidade de explicitar o sujeito de suas frases, levando o PB a tornar-se uma língua de sujeito pleno.

Por consequência disso, a forma você apresentou um comportamento sintático diferente da sua forma original “vossa mercê”. Enquanto esta mostrava maior flexibilidade na frase, a outra começou a ocupar posições mais fixas, de sujeito, mas especificamente a forma começou a ter a função de sujeito pré-verbal (LOPES, 2003). Vemos assim que o processo de “gramaticalização” pelo qual passou a forma você, transformou a expressão em pronome, “e a crescente obrigatoriedade do preenchimento do sujeito culminaram no aumento do uso do você, e essa frequência levou-a a continuar seu processo de redução fonética, originando a forma cê” (PERES, 2007, p. 155-168).

Scherre *et al.* (2015), ao observarem a variação dos pronomes tu/você/cê/ocê, declaram que o você é a forma mais utilizada em todo o território brasileiro, sendo presente em várias regiões onde não há uso do tu. Após análises de variadas pesquisas, os autores classificaram essa variação em seis subsistemas. Nos atemos apenas ao caso do MA, buscando entender nosso campo de pesquisa, onde, segundo os autores:

O tu/você com concordância baixa – uso de tu abaixo de 60% e concordância abaixo de 10%. O estado do Tocantins e parte dos do Maranhão e de Santa Catarina são os que possuem este subsistema; O tu/você com concordância média – uso de tu abaixo de 60% e concordância entre 10 e 39%. Este subsistema é característico de muitos estados do Nordeste brasileiro (Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba e Pernambuco), parte do Amazonas e de Santa Catarina; O você/tu - uso de tu entre 1 e 90% sem concordância. Esse subsistema é encontrado no Distrito Federal, em localidades dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Roraima e Acre.³⁰

Seguindo esses dados, a variação tu e você é notória em várias regiões do país, sendo o tu usado bem mais que o você em algumas regiões. No entanto, essa variação não é abordada pelos livros didáticos trabalhados nas escolas brasileiras,

³⁰ Conferir em Scherre *et al.* (2015, p. 138-139; 142-143).

mostrando apenas a presença do pronome você, o que não deveria acontecer pois sabemos a necessidade do falante conhecer a sua própria língua. Nessa situação, temos aqui mais um motivo que reforça a escolha do pronome em nossa investigação. Com isso, ainda sobre o você no PB, Scardua e Yacovenco (2018, p. 175) enfatizam outro aspecto:

É preciso também considerar que o pronome *você*, advindo de um sintagma nominal, portanto, de terceira pessoa, ocorre com a desinência zero de terceira pessoa. Contudo sua referência é de segunda pessoa do discurso, isto é, relaciona-se à pessoa com quem se fala. Dessa forma, é comum, no PB, o uso de *você* com as formas *te* e *tu*, fato que é visto com restrições nos livros didáticos. Entretanto, nas palavras de Lopes (2008), o PB é formado por um quadro pronominal misto que reflete o sincretismo entre os paradigmas dessas duas pessoas do discurso. Em outras palavras, no plano discursivo, *você* é um pronome de 2ª pessoa do discurso, porém, gramaticalmente, comporta-se como um pronome de 3ª pessoa, com a forma verbal, portanto, de 3ª pessoa. Dessa forma, é comum haver uma confluência entre formas de 2ª e 3ª pessoas.

Nesse âmbito, vemos que o você (no singular e no plural) está totalmente inserido no quadro pronominal do PB. Entretanto, Lopes (2008, p. 3) enfatiza que:

Você e *tu* coexistem no singular e *vocês* é praticamente categórico no plural na posição de sujeito, nas demais posições, contudo, nem o pronome complemento *o/a/os/as* nem o possessivo *vosso* se mantiveram produtivos, em seu lugar, se empregam com maior frequência *te* variando com *você*, *lhe* e objeto nulo; *tu/tua* variando com *seu/sua*, de *você(s)* e flexões e o uso do imperativo formado a partir do presente do indicativo (imperativo de 2ª pessoa) variando com o de subjuntivo (imperativo de 3ª).

Partindo dessas ponderações, levamos em conta que a variedade linguística ludovicense, quanto ao uso do pronome de segunda pessoa é um reflexo de raízes histórico-culturais, assim como de recursos linguísticos selecionados pelo falante durante uma interação (ALVES, 2015), e, mais ainda, assumimos que as relações sociais entre os indivíduos e o contexto de fala se refletem na língua.

Nesse viés, o estudo realizado por Ramos (1996, p.11), sobre o emprego dos pronomes no MA mostra indícios de que o “*tu* é mais usado como forma de intimidade entre pessoas próximas enquanto que o você é usado como forma de cortesia e/ou respeito para pessoas mais distantes ou dada a situação formal”. Contudo, a autora reforça que:

No plural essa oposição é anulada, visto que o Maranhão acompanhou a evolução do paradigma flexional e substituiu também o *vós* por *vocês*. Em face dessa mudança, o maranhense passou a usar o *vocês* tanto como forma de intimidade quanto como forma de respeito e/ou cortesia. Nos casos em que a hierarquia requer um distanciamento mais evidente, a opção passou a ser o uso da forma *os senhores/as senhoras*.

Tentando também delinear o quadro pronominal falado no MA, Alves (2015) nos apresenta uma distribuição geral das formas pronominais:

Tabela 1 – Totais de referências concernentes à segunda pessoa na amostra conjunta³¹

	TU (SEM CONCORDÂNCIA)	TU (COM CONCORDÂ NCIA)	VOCÊ	CÊ	SENHOR/A
TOTAL	741/1110 66,8%	130/1 110 11,7%	157/11 10 14,1%	22/111 0 2,0%	60/1110 5,4%

Fonte: ALVES, 2015, p. 77

Dada a distribuição na tabela, vemos que a utilização do tu é expressivamente maior do que o uso do você. O tu (sem concordância) é a forma mais utilizada pelos maranhenses para se referir à segunda pessoa do singular. Com uma leitura no banco de dados³² do ALiMA (Atlas Linguístico do Maranhão)³³, escolhemos aleatoriamente dois informantes nascidos em São Luís (que denominamos de Informante A e informante B) e notamos que ambos usam o você em várias situações, principalmente em contextos mais formais ou de menor proximidade do falante, assim como apontam os dados de Alves (2015):

A forma pronominal você surge como a opção de tratamento mais comum em situações em que se deseja evitar uma proximidade inadequada para com o interlocutor. Embora a ocorrência de você em nossos dados, como referência definida, gire em torno de 11,7%, podemos dizer que essa frequência é relativamente alta em um sistema que tem o tu como forma predominante.

Dessa maneira, a forma pronominal é motivada pelo grau de intimidade entre o falante e o seu interlocutor. Sobre isso, Cintra (1972) no livro “Formas de Tratamento” na Língua Portuguesa, do ponto de vista sociolinguístico, afirma que o

³¹ A amostra de Alves (2015) é constituída por interações livres, as referências à segunda pessoa somam cerca 1110 ocorrências na posição de sujeito, sendo 741 de *tu sem concordância*, 130 de *tu com concordância*, 157 de *você*, 22 de *cê* e 60 de *senhor/a*. Vale ressaltar que na composição geral do *corpus*, foram desconsideradas somente as formas isoladas, seja em trechos inacabados ou repetidos seja na função vocativa, e aquelas formas utilizadas como marcadores fáticos e reguladores (ALVES, 2015).

³² Copiamos trechos, sem alterações, de transcrições grafemáticas do ALiMA para utilizar como exemplo neste capítulo teórico. A transcrições foram realizadas por demais pesquisadores do Projeto, portanto não tivemos nenhuma interferência sobre isso.

³³ O Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) é um projeto de pesquisa vinculado ao Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) que têm o propósito de construir um atlas do falar dos maranhenses. Coordenado pela Professora Doutora do Departamento de Letras, Conceição de Araújo Ramos, o ALiMA está vinculado ao Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). O projeto propõe “descrever a realidade do português do Maranhão para identificar fenômenos fonéticos, morfosintáticos, lexicais, semânticos e prosódicos que caracterizam diferenciações ou definem a unidade linguística no Estado.” (RAMOS, 2005, p.5)

tu é uma forma pronominal própria da intimidade e você é uma forma de tratamento nem íntima nem diferencial. O tu não é realizado de maneira depreciativa, mas se constitui como uma marca do falar ludovicense utilizada em situações informais e com um grau de proximidade maior do falante. No caso a seguir, o informante A disse tu para se referir ao interlocutor, porém, quando percebeu que usou o pronome tu, mudou rapidamente e disse você, assinalando um distanciamento com o interlocutor, uma falta de intimidade, atuando assim como uma forma que demonstra respeito:

- INFORMANTE A. – “eh... eu achu ingraçadu que... por exemplu, quandu tu...você falô lá da questão lá du.. du açái, né? Purquê... eh... a genti fala... chama muito, jussara, né?”

(Informante A, ludovicense, 50-65 anos, feminino, ensino fundamental)

Já o informante B, quando questionado sobre o emprego dos pronomes, expressou seu posicionamento com o uso das duas formas e considera o você uma forma que permite “um tratamento melhor”, “mais educada”, “mais delicada”, que se usa quando se está conhecendo alguém, ao contrário da forma tu:

- INFORMANTE B – [...] “por exemplu, quandu eu tô conversandu cum alguém, eu tenhu uma dificuldade di falá você, intedeu? Eu não consigu: ah, você qué... qué... qué issu? É algu qui im ôtrus istadus elis falam muito mais, quandu, ah você pareci uma coisa tão, poxa tu ta tendu... sei lá, parece qui tu ta tendu um tratamento melhor ainda, sabi? ((risos))”
- INQ. – “Te dá uma ideia de distanciamento com relação a outra pessoa, u você, ou não?”
- INFORMANTE B. – “Eu achou qui da... achu qui sim, di certa forma sim... por que, por exemplu, nu casu eu.. eu... eu tava falandu du você, geralmenti a genti usa você quando ta conhecendu alguém, qui é uma forma di sê mais delicadu, num sei... sê mais educadu, vamos dizê assim... aí... eu... eu, geral... eu particularmenti gostu mais di usá u tu, pra qualquer pessoa, intedeu? Mas a pessoa usa muito você pra essa questão di..”

(Informante B, ludovicense, 18-30 anos, masculino, ensino superior)

O mesmo informante, quando questionado sobre a diferença entre a utilização do tu e do você na sua infância em relação ao tempo atual, acredita que em São Luís o uso da palavra você aumentou entre os falantes:

- INQ. – “E deixa eu te perguntar uma coisa: nós falávamos ainda agora da diferença do tu e o você, tu vês diferença da época de quando tu eras criança, com relação ao tu e você para hoje?”
- INFORMANTE B. – “é, eu veju diferença...”
- INQ. - “Qual a diferença que tu percebes?”
- INFORMANTE B. – “eu achu qui as pessoas di São Luís istão usandu bem mais a palavra você du que... du que antis, intedeu? Achu qui as pessoas falavam bem... bem menus, intedeu? Achu qui essa é uma... uma diferença... aí aquela coisa, né? Hoji im dia, né? Aqueli

circulu di... a circulação di pessoas é maió, intão u cantatu é maió... num só im relação à mídia, por exemplu, né? A televisão, achu qui ela tem issu...”

(Infomante B, ludovicense, 18-30 anos, masculino, ensino superior)

Na investigação de Alves (2015), observamos que o uso do você e do tu (com e sem concordância) são condicionadas pelo papel social do falante e do seu interlocutor e pelo contexto (bem como o ambiente e o tópico discursivo). De acordo com a pesquisadora:

O sistema de tratamento de São Luís apresenta uma configuração eneária tendo o *você* como uma variante que alterna ao lado do *tu com concordância* em oposição ao *tu sem concordância*. Ao que nos parece, a referencialidade do *você* pode assumir comportamentos diferentes a depender do contexto situacional. (ALVES, 2015, p. 99)

Além disso, outras formas pronominais como *senhor* e *senhora*, também encontramos nos dados do ALiMA, demonstrando respeito, essencialmente em relações assimétricas, seja pela idade ou pela profissão dos interlocutores, essa forma também é utilizada em contexto de intimidade para indicar assimetria, por exemplo, em uma família, entre pais e filhos. Isso nos mostra o leque diversificado dos pronomes de tratamentos no falar maranhense.

Apesar do pronome tu ser significativo na língua falada no MA, não o investigaremos no texto escrito no espaço digital pois o tu, enquanto estrutura linguística, é uma palavra monossilábica tônica (pronunciada de forma independente) e não possui alterações fonéticas ou ortográficas em sua forma, tanto no texto escrito na língua culta (tradicional) como no texto escrito na web. Em síntese, mesmo o tu possuindo um forte traço identitário na região ludovicense, não realizamos uma análise da escrita do pronome. Logo, nosso foco se volta para a estrutura você, permitindo também uma maior abrangência da investigação, visto que o você é recorrente no território nacional.

A escolha de analisar o você³⁴ escrito é bastante significativa, dada a relevância e a dimensão linguística desse pronome ao longo do tempo, creditando a ele toda uma carga histórica de valor no sistema pronominal do PB. É fato que o quadro pronominal brasileiro “eu, tu, ele(a), nós, vós, eles(as)” passou por

³⁴ Cabe destacar que as abreviações para o você no falar ludovicense também inviabilizam uma investigação mais completa pois, segundo Alves (2015), há apenas a variação “cê” na língua oral. Portanto, nos voltamos para a escrita do pronome em ambiente digital, que, por hipótese inicial, apresenta diversas variações escritas.

modificações, onde tivemos a substituição do “vós”³⁵ pelo “vocês”. Por consequência, houve a admissão do você, para a segunda pessoa do singular. Dessa maneira, ocorreram mudanças no sistema em decorrência da entrada de “você/vocês” (cf. LOPES; MACHADO, 2005; LOPES, 2007, 2008). Nesse cenário, retomamos as concepções de Labov (2008), ao expor que uma variante pode dominar conforme a língua, a época, os grupos sociais, o contexto. O autor declara que a mudança linguística é historicamente motivada pelos variados contextos de utilização da língua. Tais contextos viabilizam o aparecimento de diferentes sentidos à “mesma” palavra, mostrando assim que as expressões não são imutáveis. Assim, é o contexto real de uso da língua(gem) que irá determinar a palavra que possui valor para o falante, sendo, portando, um signo variável e flexível.

Nessa conjuntura, no século das tecnologias chegamos com a forma você fixada no quadro pronominal do PB e no falar ludovicense, atuando ao lado do tu. É importante salientar a formalidade do pronome no falar maranhense: O tu é usado para marcar maior intimidade ou afastamento entre os falantes. Já a forma você, é usada com valor social neutro, mantendo um certo distanciamento entre os falantes (Alves, 2015). Entretanto, vemos que o você perde boa parte dessa formalidade no meio digital e se tornando uma estrutura informal em vários momentos (isso é exposto no item 5.1). Dada às mudanças sofridas pela língua em sua forma escrita na internet, investigamos, em especial, a produção textual do você porque as práticas de escrita sofreram significativas mudanças no campo digital, tanto pela mudança da ferramenta – do papel impresso ao aparelho digital - quanto pela própria forma particular de se escrever criada pelo ambiente.

Entendemos o pronome pessoal de segunda pessoa do discurso como um texto que produz sentido dentro de uma conversação seja na fala ou na escrita e acreditamos que, dependendo do meio em que é produzido, no caso o *WhatsApp*, e das situações de produção/enunciação (incluindo as relações de RSs), o texto se manifesta com características próprias que o distingue dos demais textos convencionais. Com relação ao uso do pronome e as RSs, os resultados de Alves (2015, p. 111) salientam que:

A rede social de segunda ordem i) por ser mais flexível, propicia a introdução de novas variantes, a forma você; ii) por ser constituída por vínculos de qualquer natureza, fato que exige uma maior adequação de

³⁵ O pronome “vós” caiu em desuso e foi mantido meramente em situações específicas, como no discurso eclesástico.

estilo, favorece o uso da forma mais prestigiada pela comunidade, o *tu com concordância*. Nesse caso, ao lado da “difusão linguística” do você há um reforço do *tu com concordância* como traço linguístico mais característico que traduz a comunidade de fala ludovicense como um todo.

Nessa situação, no item 5.1 desta dissertação, mostramos o que dizem nossos dados. Vale acentuar que, para essa averiguação, apesar de serem muito frequentes no sistema pronominal ludovicense, não analisaremos os pronomes oblíquos, tais como te, ti, contigo, entre outros que fazem referência ao você (como na pág. 40, figura 4). Nos propomos a desbravar apenas o universo do pronome na função de sujeito, principalmente, e complemento nominal ou verbal.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

A seguir, apresentamos os procedimentos metodológicos que foram empregados para o desvelamento da nossa questão inicial. Para tanto, explicamos o objeto de investigação, universo de análise, e como ocorreu, detalhadamente, a construção do *corpus* para a recolha da amostra que oferece subsídios às nossas análises.

4.1 Universo de análise e objeto de estudo

Realizamos, previamente, um levantamento bibliográfico sobre estudos que envolvem o PB na internet. Após delimitação de algumas referências iniciais, escolhemos o objeto de estudo e o universo de análise, que, no caso, está inserido no ciberespaço: o App *WhatsApp*. Tomamos por base que a LP é um dos idiomas mais presentes na web, sendo a quinta língua mais recorrente no mundo³⁶, onde cerca de 82,5 milhões de internautas utilizam o Português como língua de comunicação. A presença atuante do Português na rede se deve muito ao Brasil, enquanto país falante de LP, já que é um dos maiores utilizadores de internet em esfera global, somando cerca de 149 milhões de internautas³⁷. Logo, em números de internautas, o Brasil ultrapassa os demais países que possuem a LP como língua oficial. Em vista disso, podemos afirmar que o PB predomina de maneira significativa na internet.

Nesse meio, o *WhatsApp Messenger*, é um App gratuito para a troca de mensagens *on-line* disponível para *Android* e outras plataformas, e um dos mais utilizados pelos brasileiros. De acordo com a pesquisa *Digital In 2016*³⁸, o App está no topo do ranking de tecnologias utilizadas para a comunicação instantânea, possuindo 100 milhões de usuários ativos no país. No mesmo caminho, uma pesquisa realizada em 2017 pelo *CONNECTA*³⁹, mostra que o *WhatsApp* é o App que

³⁶ Internet world users by language - Top 10 languages. Internet World Stats. Internet, 18/09/2018 - <https://speakt.com/top-10-languages-used-internet/>. Acesso em: 02 fev. 2019.

³⁷Top 20 countries with the highest number of internet users. Internet World Stats. Internet - <https://www.internetworldstats.com/top20.htm>. Acesso em: 03 fev. 2019.

³⁸DIGITAL IN 2016. England and Wales, We are social 2016. Disponível em: <http://wearesocial.com/special-reports/digital-in-2016>, 2016. Acesso em 10 fev.2019

³⁹ Instituição de pesquisas sobre cultura digital ligada ao Ibope.

está no topo da preferência dos internautas brasileiros⁴⁰, sendo manuseado por 91% dos internautas. Visto sua enorme popularidade e ascensão no Brasil, segundo Bouhnik e Deshen (2014, p. 218), o *WhatsApp* “permite às pessoas acessar uma grande quantidade de informações rapidamente tornando-se um programa acessível a uma variedade de pessoas de diferentes idades e conhecimentos”. O site oficial do App coloca que o nome é um trocadilho com a frase “*What’s Up*”⁴¹ e descreve a ferramenta como uma alternativa ao sistema de SMS e que possibilita o envio e recebimento de diversos arquivos de mídia: fotos, vídeos, documentos e localização, além de textos e chamadas de voz.⁴²

Desse modo, por ser um ambiente que permite distintos modos de construção de significados e diferentes dinâmicas de interação, o App foi escolhido como campo digital que atende aos objetivos da nossa investigação. Uma vez definido o campo da pesquisa, partimos para a escolha do objeto de investigação: o pronome você. A escolha de analisar esse aspecto do PB se deu por conta da importância do pronome pessoal de segunda pessoa do discurso nas conversações, além das razões já expostas no capítulo 3. Conforme afirma Benveniste (1995), os pronomes pessoais são importantes pois são o ponto de apoio por meio do qual se abrem todas as coordenadas comunicativas. Dado esse valor, focamos em analisar a produção textual do pronome de segunda pessoa do discurso dentro de conversações no *WhatsApp*⁴³.

Assim, focamos na análise do texto escrito do pronome e nos propomos a desenvolver uma investigação qualitativa com base no método qualitativo, a fim de analisar o objeto em seu meio natural. Tendo como respaldo Fragoso *et al.* (2011, p. 62-75) que debatem o desafio de delimitar os dados de pesquisa no ambiente digital, amplo e dinâmico, quando o pesquisador pretende generalizar os resultados da pesquisa, é necessário trabalhar com uma amostra qualitativa, descrevendo de forma real o campo de análise. Com relação à amostragem qualitativa, Fragoso *et al.* (2011, p. 67-68) salienta:

A pesquisa qualitativa visa uma compreensão aprofundada e holística dos

⁴⁰A pesquisa foi realizada em junho de 2017 contando com a participação de 2.000 internautas por meio do CONECTA AíExpress, uma pesquisa trimestral, *on-line*, multiclientes e com cobertura nacional. Disponível em: <<https://www.conectaibrasil.com.br>> acesso em: 15 fev. 2019.

⁴¹ Do inglês, a expressão é bastante popular na língua inglesa e significa algo como “e aí?” ou “beleza?”, por exemplo, entre demais significados.

⁴² Disponível em: <https://www.WhatsApp.com/about/>. Acesso em 25 mar. 2019.

fenômenos em estudo e, para tanto, os contextualiza e reconhece seu caráter dinâmico, notadamente na pesquisa social. Nesse contexto, o número de componentes da amostra é menos importante que sua relevância para o problema de pesquisa, de modo que os elementos da amostra passam a ser selecionados deliberadamente, conforme apresentem as características necessárias para a observação, percepção e análise das motivações centrais da pesquisa [...] assim, ao contrário das amostras quantitativas, tipicamente probabilística, as amostras qualitativas são, portanto, tipicamente intencionais.

O método escolhido para a realização do estudo possui a finalidade de oferecer à nós, investigadores, os meios técnicos para assegurar precisão e objetividade na análise dos dados. Logo depois, por meio de revisões bibliográficas e exploratórias, realizamos outro levantamento de literaturas que norteassem ou contribuíssem, visto à escassez de estudos na área da escrita dos pronomes em ambiente *on-line*. Sobre pesquisa exploratória, Fabiana Kauark, *et al.* (2010, p. 28) explana que

Objetiva a maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito, ou à construção de hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso.

Dessa maneira, construímos nosso referencial teórico final por meio da leitura de autores como Marcuschi (2000; 2005; 2006; 2012), principalmente, por se tratar de uma obra de extrema importância na área da LT no Brasil assim como para a língua(gem) na internet, perspectivas teóricas fundamentais da investigação. A iniciativa seguinte foi delimitar uma metodologia para coletar os dados da melhor forma possível. Buscando captar a produção escrita em situações reais de interação *on-line*, houve um desafio teórico-metodológico em encontrarmos um procedimento que fornecesse o suporte necessário para capturar o fenômeno no BP.

4.2 Recolha dos dados

Sendo um estudo qualitativo, utilizamos o princípio da construção de *corpus*, a partir da definição de Barthes (1992)⁴⁴. Visto isso, o pressuposto metodológico desta pesquisa parte da concepção de Barton e Lee (2015, p. 222):

⁴⁴ Adotamos a concepção barthiniana de *corpus*. Para o teórico, *corpus* “é uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, conforme certa arbitrariedade (inevitável) em torno da qual ele vai trabalhar” (BARTHES, 1992, p.104). Dessa maneira, de forma ampla, *corpus* passa a designar um conjunto não apenas de textos, mas também de qualquer material que tenha funções simbólicas que podem ser analisadas. Na nossa investigação, o *corpus* foi constituído justamente para trazer à luz nosso objeto de estudo.

A compreensão da escrita em ambientes na web implica conectar textos e práticas, sendo ambos essenciais para compreender a produção e o uso da linguagem *on-line*. Sem olhar atentamente para os textos, não compreenderíamos os produtos linguísticos concretos das atividades *on-line*; sem observar a vida e as crenças dos usuários sobre o que fazem com a sua escrita *on-line*, não perceberíamos a dinâmica da linguagem *on-line*.

Nesse âmbito, lançamos sobre os nossos dados um olhar fenomenológico que direciona nossa investigação a uma compreensão de um fenômeno recortado pela historicidade do momento, na perspectiva do mundo vivido, possibilitando à investigação estar sempre a novas interpretações, já que, pelo viés de Dichtchekenian (1984, p. 33):

A Fenomenologia não é um conceito, mas uma ideia de Fenomenologia. Os conceitos normalmente se caracterizam pelo fato de se deixarem definir com uma relativa facilidade, enquanto as ideias ficam sempre um pouco indefinidas. As ideias são mais modelos das coisas do que a expressão de sua situação de fato. A Fenomenologia é para nós uma atitude que se define aos poucos em sua realização e que devemos sempre redefinir. Ela não se liga a nenhuma teoria acabada [...].

Pesquisar em Fenomenologia significa, conforme Martins (1992, p.24), — ter uma interrogação⁴⁵ e andar em torno dela em todos os sentidos, sempre buscando todas as suas dimensões e andar outra vez e outra ainda, buscando mais sentido, mais dimensões, e outra vez [...]. Dessa maneira, a Fenomenologia, como trajetória metodológica, apresenta três fases que representam processos gradativos: a *descrição*⁴⁶, a *redução fenomenológica* ou *epoché* e a *interpretação*. Logo, na nossa investigação, realizamos, inicialmente, uma *descrição* do fenômeno analisado. Para isso, é necessário que haja a percepção, a consciência do *corpus propre*⁴⁷ e o sujeito. Em segundo momento, realizamos a *redução fenomenológica*, que consiste em determinar e selecionar quais as partes da descrição dos sujeitos que são essenciais para a pesquisa. (MARTINS, 1992)

⁴⁵ Para responder a essa interrogação, é preciso que o pesquisador assuma uma “intencionalidade operante” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 16), técnica que mobiliza esforços para desvelar o fenômeno como um todo, tendo sua realização recortada pela situacionalidade de um dado momento. Desse modo, o pesquisador vivencia as três etapas posteriores. Vale recordar que nossa interrogação fenomenológica, que deu origem a esta investigação, é “Como acontece a escrita do pronome você em conversações de ludovicenses no App *WhatsApp*?”

⁴⁶ “Descrição”, em Fenomenologia, vem de “*des ex-crivere*” e significa algo que é escrito para fora. Nesse trabalho, “Descrição” significa a expressão natural do registro do sujeito da pesquisa, a maneira como esse sujeito representa o mundo para si mesmo (MARTINS, 1992).

⁴⁷ Expressão utilizada por Merleau-Ponty (2006), para referir-se à experiência do sujeito percebedor; significa corpo vivido.

Assim, selecionamos apenas as unidades de significado⁴⁸ das descrições dos interactantes, a parte essencial da averiguação. Por último, realizamos a etapa da *interpretação*, buscando respostas e olhares para compreender as descrições dos interactantes, esse momento se constitui em uma tentativa de especificar o significado –como uma forma de investigação da experiência (Martins, 1992, p.60).

Asseguramos a construção de um *corpus* como princípio de coleta de dados. Para tanto, nos apoiamos em Bauer e Aarts (2002, p. 51), quando afirmam que um *corpus* “deve incluir um suficiente espectro de texto dentro da população alvo, onde esta é compreendida como significando uma coleção de materiais demarcada, isto é, rigidamente definida”. De início, optamos por não construir nenhum grupo de interactantes para capturarmos as conversações que compuseram o *corpus* para análise pois acreditamos que a recolha dos dados não seria eficaz.

Desse modo, construímos um *corpus* por meio de outro método *on-line*: coletamos conversações (por meio de *prints*) de 8 (oito) interactantes ludovicenses dentro de suas respectivas RSs com outros internautas no *WhatsApp* durante determinado período (janeiro e fevereiro de 2019). Seguem, pontualmente, aspectos gerais da coleta de dados:

1. Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos com base na classificação de Prensky (2001) sobre Nativos Digitais (**ND**) e Imigrantes Digitais (**ID**). Compomos um grupo de oito (8) interactantes ludovicenses. Após definidos os sujeitos, a pesquisadora explicou sobre a investigação, como um todo, e todos concordaram em contribuir, permitindo a exposição dos *prints* recolhidos. Os oito interactantes também permitiram a divulgação da identidade, porém dada uma preocupação ética e social, além da quantidade de comunicação pessoal e privada presente no *WhatsApp* dos interactantes, o nome e o número de celular de nenhum indivíduo foi mantido.
2. À título de identificação, resolvemos nominar cada participante por “INTER” (em referência à palavra Interactante) somado a alguma letra do alfabeto A,

⁴⁸ Entendemos como Unidades de significado a perspectiva de Martins (1992, p. 99), onde tais unidades são “discriminações espontaneamente percebidas nas descrições dos sujeitos quando o pesquisador assume uma atitude psicológica e a certeza de que o texto é um exemplo do fenômeno pesquisado. [...] As unidades de significado também não estão prontas no texto. Existem somente em relação à atitude, disposição e perspectiva do pesquisador”.

B, C, D, E, F, G, H, sendo as quatro primeiras correspondentes ao grupo ND (INTER A a D), e as quatro seguintes ao grupo dos ID (INTER E a H).

3. A seguir, há uma tabela que mostra um panorama dos interactantes analisados. Cabe salientar que aspectos como “tempo gasto no *WhatsApp*”, “idade”, “papel social” e “sexo” dos interactantes estão expostos apenas para permitir uma visão genérica dos participantes⁴⁹ da investigação, não são analisados durante o estudo⁵⁰.

Quadro 1 - Perfil dos interactantes

INTERACTANTE	SUJEITO DIGITAL	TEMPO GASTO NO <i>WHATSAPP</i> POR DIA	IDADE	Escolaridade	PAPEL SOCIAL	SEXO
INTER A	ND	+ de 10 horas\dia	Adolescente	Ensino médio	Estudante	Feminino
INTER B	ND	+ de 10 horas\dia	Adolescente	Ensino médio	Estudante	Feminino
INTER C	ND	+ de 10 horas\dia	Jovem adulto	Ensino médio	Estudante	Masculino
INTER D	ND	+ de 10 horas\dia	Jovem adulto	Ensino médio	Estudante	Masculino
INTER E	ID	- de 10 horas\dia	Adulto	Superior completo	Professora	Feminino
INTER F	ID	- de 10 horas\dia	Adulto	Superior incompleto	Corretora de imóveis	Feminino
INTER G	ID	- de 10 horas\dia	Adulto	Superior completo	Enfermeiro	Masculino
INTER H	ID	- de 10 horas\dia	Adulto	Superior completo	Contador	Masculino

Fonte: construção da autora

4. Fizemos uma abordagem conhecida como “bola de neve” onde um ludovicense de cada categoria, ND e ID, indicaram, individualmente, um novo interactante, e assim, sucessivamente, até totalizar quatro (4) interactantes

⁴⁹ Ao realizarmos um levantamento do perfil socioeconômico dos ludovicenses participantes da investigação, verificamos que são indivíduos que possuem escolarização. Tal fato coloca por terra a conjectura de que os internautas escrevem o pronome de maneiras distinta por não terem conhecimento da norma culta da língua

⁵⁰ Tais aspectos recolhidos dos interactantes serão estudados em pesquisas futuras que serão publicadas em forma de artigo acadêmico.

por categoria⁵¹. Essa abordagem explora as RSs⁵² dos indivíduos envolvidos. Segundo Vinuto (2014, p. 203), esse tipo de amostragem:

É uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. (...) A amostragem de bola de neve é utilizada principalmente para fins exploratórios, usualmente com três objetivos: desejo de melhor compreensão sobre um tema, testar a viabilidade de realização de um estudo mais amplo, e desenvolver os métodos a serem empregados em todos os estudos ou fases subsequentes.

Desse modo, para a recolha dos *prints*, foi marcado, com cada interactante pelo *WhatsApp*, um ponto de encontro: a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) campus Bacanga, em um período de dois meses⁵³.

5. As conversações recolhidas por meio dos *prints* foram conversações de dias e meses anteriores ao dia do encontro, não havendo qualquer interferência do interactante na hora da recolha, deixando o sujeito impossibilitado de alterar algum dado ou burlar alguma conversa. Com isso, tivemos uma segurança maior para capturar, da forma mais fidedigna e espontânea possível os dados, o que contribuiu significativamente para a credibilidade da pesquisa.
6. Os *prints* recolhidos das interações abordam temas livres do cotidiano. Não houve qualquer preocupação com isso pois nossa investigação se concentrou apenas na recolha do texto escrito. Assim, delimitamos dois critérios essenciais para a seleção do *corpus*:
 - **Critério 1:** A conversação deveria ter no mínimo dois interactantes, ou seja, apresentar ocorrência de pelo menos uma troca de turno, para mostrar que realmente o falante estava se referindo à uma segunda pessoa. Seguindo os princípios característicos da conversação apontados por Marcuschi (2006, p.15)
 - **Critério 2:** A conversação deveria apresentar qualquer referência textual\escrita ao pronome pessoal de segunda pessoa do discurso você.

⁵¹ Ressaltamos que dois interactantes iniciais (um da categoria ND e outro ID) foram abordados aleatoriamente na RS da pesquisadora.

⁵² O conceito de “redes sociais” explorado no capítulo I é aplicado nesse momento.

⁵³ Os encontros foram marcados, previamente, de acordo com a disponibilidade dos envolvidos e os sujeitos disponibilizam o acesso ao *WhatsApp* deles e permitiram a pesquisadora tirar *prints* das conversações. Especificamente, os encontros aconteceram nos meses de agosto e setembro de 2019 no Centro de Ciências Humanas (CCH) da Universidade Federal do Maranhão) variando entre o turno matutino e o vespertino.

Definidos os critérios para seleção do *corpus*, recolhemos um total de 185 (cento e oitenta e cinco) *prints*⁵⁴. Tais *prints* foram salvos em um *pendrive* e, posteriormente, houve um recorte da amostra. Assim, selecionamos, com base nos critérios acima, somente 15 (quinze) *prints* que pudessem ser observáveis o fenômeno de investigação e os demais *prints* foram guardados em um banco de dados para subsidiar explorações futuras. Cabe ressaltar que recolhemos conversações tanto de RSs de primeira ordem como de segunda ordem, o que nos permitiu realizar comparações entre nossas categorias ND e ID.

Como a investigação não se concentra em uma análise quantitativa dos dados, acreditamos que a amostra escolhida é suficiente no que se refere à significância dos parâmetros, à sua representatividade e ao tempo fornecido para a pesquisa. A recolha da amostra ocorreu de maneira rápida e eficaz, onde percebemos que recolher dados linguísticos em meio digital pode ser simples pois conseguimos materiais em questão de minutos. Desse modo, realizamos as análises das conversações por meio dos *prints* selecionados com base no entendimento de conceitos importantes que perpassam o nosso referencial teórico, como a noção de texto e a escrita na esfera digital.

Com o propósito de entender mais a produção textual na escrita digital, após efetuada a constituição do *corpus* e a análise dos dados, consideramos oportuno realizar entrevistas pelo *WhatsApp* (também recolhidas por meio de *prints*) com os interactantes a fim de obter mais informações importantes sobre o fenômeno analisado. Davies e Merchant (2007, p. 173, *apud* BARTON E LEE, 2015, p. 235) estabelecem vários tipos de pesquisadores das novas mídias, e, segundo a teoria defendida pelos autores, a investigação exposta aqui foi realizada por “pesquisadores iniciados”, isto é, internautas ativos investigando outros internautas da mesma plataforma, e por “pesquisadores como analistas”, ou seja, pesquisadores que analisam textos e práticas⁵⁵. Com uma metodologia de recolha de dados baseada na análise dos *prints* das conversações e entrevistas via *WhatsApp*, conseguimos atender o propósito da investigação, possibilitando a construção de uma amostra satisfatória sobre o objeto de estudo.

⁵⁴ São 185 *prints* recolhidos de ambas as categorias, sendo 100 (cem) recolhidos dos ND e 85 (oitenta e cinco) dos ID.

⁵⁵ Por ser uma internauta ativa, a pesquisadora desta dissertação já possuía conhecimento participante, o que possibilitou comparar experiências permitindo uma compreensão mais ampla da produção do texto na esfera digital.

4.3 Tratamento dos dados

Seguimos a concepção de que no tratamento de dados de uma investigação, o pesquisador deve ficar atento ao esquema paradigmático⁵⁶. Nesse horizonte, delineamos duas categorias de análise para averiguar a escrita do você entre os ludovicenses: **ND** (Nativos Digitais) e **ID** (Imigrantes Digitais). Julgamos a teoria e classificação de Prensky (2001) atual e interessante, se conectando de forma direta a proposta da pesquisa. Além dos termos “Nativos Digitais” e “Imigrantes Digitais”, Prensky (2001) delimita ainda os “Colonizadores Digitais”, ou seja, não nativos do meio digital, indivíduos que cresceram sem ter acesso à internet.

Como analisamos aqui o texto escrito do pronome no App, não há sentido explorar os “Colonizadores digitais”, já que esses não possuem o hábito de escrever na web, portanto, analisaremos a escrita do pronome apenas nas duas outras modalidades defendidas por Prensky (2001). Reiteramos aqui os conceitos de ND e ID: o primeiro grupo se caracteriza por serem jovens nascidos na década de 90 no contexto das tecnologias digitais, possuindo contato desde cedo com as tecnologias. O segundo, por serem indivíduos menos familiarizados com o meio digital, aprendendo a usar a tecnologia ao longo da vida, isto é, aprenderam tardiamente a utilizar as RSs e mandar e-mail, por exemplo (Prensky, 2001).

Partindo desse alicerce, analisamos os aspectos textuais da escrita de ND e ID, estabelecendo relações com a língua falada e verificando até que ponto ambos se relacionam além de demarcar as características que o interactante ludovicense, enquanto sujeito concreto no uso da língua, transfere para o texto gráfico no App.

⁵⁶ Seguimos a perspectiva de Filho e Gamboa (1995, p.17) onde esquema paradigmático refere-se à “lógica reconstruída, ou maneira de ver, decifrar e analisar a realidade”.

5. O QUE DIZEM OS DADOS

Nesta seção, estão as análises e os resultados encontrados que respondem nossa questão inicial. Apesar da natureza do nosso objeto permitir também análises quantitativas e sociolinguísticas, priorizamos apenas o enfoque qualitativo, âmbito do estudo. Cabe salientar que descartamos aqui as interferências externas na produção do texto digital, principalmente na questão das correções automáticas quando o interactante digital no *WhatsApp* já que as situações analisadas não são decorrentes de corretores digitais e sim impulsionadas pelo próprio interactante enquanto agente transformador da língua atuando na internet.

Além disso, frisamos que os corretores automáticos são opcionais em todos os aparelhos e possuem o único objetivo de corrigir⁵⁷ palavras digitadas incorretamente de acordo com a ortografia. Como os casos investigados nesta ocasião “fogem” da norma culta da língua, ratificamos a autenticidade da nossa amostra, ou seja, comprovamos que é de produção natural e individual do internauta, não havendo ingerência tecnológica.

5.1 Análise dos dados

Nossa investigação se pauta na análise de 15 (quinze) *prints* retirados de conversações de ludovicenses ND e ID no App. Com as estruturas encontradas, montamos o seguinte quadro, conforme a ordem de ocorrência encontradas (da mais comum para a mais específica, de acordo com as porcentagens⁵⁸):

⁵⁷ Ademais, afirmamos que os corretores digitais atuais, por mais eficazes que sejam nas correções gramaticais, não conseguem resolver questões sintáticas, semânticas e pragmáticas da língua, por exemplo, e provavelmente, nenhum corretor criado conseguirá abarcar tais aspectos porque são característicos do ser humano.

⁵⁸ Apesar de analisarmos apenas 15 (quinze) conversações, essa verificação foi feita com toda a amostra recolhida inicialmente, ou seja, 185 (cento e oitenta e cinco) *prints* pois é importante nesse viés quantitativo, nos permitindo uma melhor visão sobre os dados. Logo, 100 (cem) *prints* foram recolhidos na categoria ND (Nativos Digitais) e 85 (oitenta e cinco) da categoria ID (Imigrantes digitais), como já explicitado em nota anterior.

Quadro 2 - A escrita do pronome você em Nativos e Imigrantes digitais⁵⁹

NATIVOS DIGITAIS (ND) 100 prints - INTER A-D		IMIGRANTES DIGITAIS (ID) 85 prints - INTER E-H	
Forma textual	Ocorrência na amostra em %	Forma textual	Ocorrência na amostra em %
Vc	40%	Vc	29,4%
Vce \ Vcê e semelhantes ⁶⁰	17%	Vce \ Vcê e semelhantes ⁶¹	41,2%
Você (escrito por completo)	20%	Você (escrito por completo)	14,1%
Vc com vogal prolongada	12%	Vc com vogal prolongada	9,4%
Cê	2%	Cê	2,4%
Cês	1%	Cês	0%
Cêis	1%	Cêis	0%
C	2%	C	0%
V6	3%	V6	3,5%
Vcx	1%	Vcx	0%
Vxx	1%	Vxx	0%

Fonte: construção da autora⁶²

Diante dessa exposição, observamos, à priori, que o pronome perde sua estrutura inicial e sofre “reduções linguísticas” tanto para os ND como para os IN. Dado isso, em nossa amostra o você foi registrado de duas formas, principalmente: na função de sujeito e como complemento nominal e verbal. É comum, mesmo na posição de sujeito, que o você venha acompanhado da preposição e, como já explicitado, o interactante não têm a preocupação de escrever de acordo com a ortografia estabelecida na escrita convencional, porém há “regras implícitas” nas interações. Exploramos os tópicos seguintes com as formas textuais encontradas para o pronome nas duas categorias de análise, ND e ID, da mais comum para a mais restrita, respectivamente:

⁵⁹ Apesar da nossa investigação não ser de cunho quantitativo, construímos gráficos (em anexo) com a frequência de cada estrutura de acordo com cada categoria analisada. Tal abordagem quantitativa auxilia na compreensão do fenômeno como um todo e pode nos permitir novas reflexões partindo do viés qualitativo.

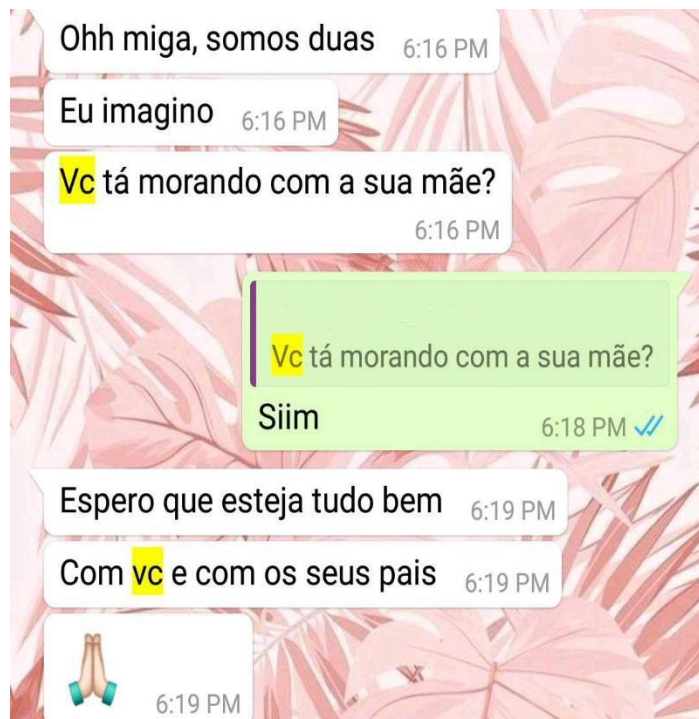
⁶⁰ Consideramos “semelhantes” todas as reduções decorrentes da forma Vce\Vcê, são elas: Vcs, Vces, Vcês (singular e plural).

⁶¹ Consideramos “semelhantes” todas as reduções decorrentes da forma Vce\Vcê, são elas: Vcs, Vces, Vcês (singular e plural).

⁶² Para melhor situar a pesquisa qualitativa, construímos gráficos quantitativos (em anexo).

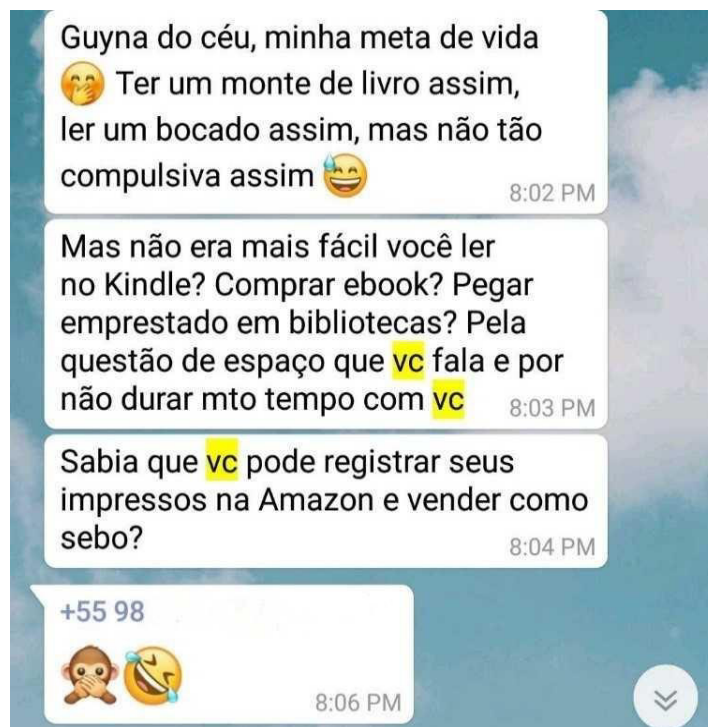
- A escrita **VC**

Figura 6 - O pronome na conversação 1



Fonte: Print retirado do corpus da pesquisa

Figura 7 - O pronome na conversação 2



Fonte: print retirado do corpus da pesquisa

Nos *prints* anteriores, o você na sua forma escrita mais comum no BP: vc. A conversação da figura 6 foi retirada do *WhatsApp* do INTER A (ND) e a conversação da figura 7 foi recolhida do INTER E (ID). Notamos em ambos os *prints* que há um apagamento vocálico em detrimento das consoantes v e c, que por si só é dado um caráter fonético, nos remete ao pronome você. Logo, nessa realização linguística, as consoantes “suprem” as vogais que não são escritas (v = vo; c = cê). Como foi debatido no capítulo teórico inicial, a língua escrita na internet é modalidade escrita de uma língua falada.

Todavia, no caso do pronome os indivíduos não falam vc assim, não há a reprodução sozinha da letra v e nem da c, ou seja, os internautas não escrevem o vc porque falam vc, justamente nesse ponto entra a questão da fonética no texto escrito. Utilizamos as reflexões de Fusca e Sobrinho (2010, p. 222-224), para analisar as relações de fala e escrita nas abreviaturas digitais, observando como ocorre o processo de abreviação para o você. A autora nos apresenta a ocorrência de quatro processos formadores de abreviaturas: O registro gráfico do primeiro grafema de cada sílaba – Ex.: vc (você); O modo de enunciação oral – Ex.: bele (beleza); A simplificação de dígrafos – Ex.: aki (aqui); O empréstimo linguístico – Ex.: add (adicionar); (FUSCA, 2010, p. 224).

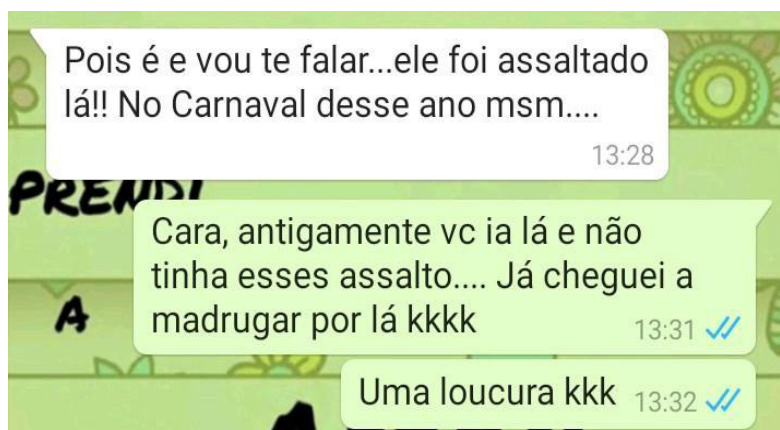
No caso da escrita vc, o INTER A e o INTER E, ao abreviar, consideram a constituição silábica do vocábulo dando ênfase a supressão de grafemas⁶³ que atuam como rima silábica e privilegiando grafemas que estão no início da sílaba. Logo, quando o interactante escreve vc, acontece um registro gráfico do primeiro grafema de cada sílaba. Assim, em vc, há uma seleção de recursos linguísticos da língua escolhida pelo internauta de forma assídua e sistemática (PB), indo ao encontro da concepção de Fusca (2010, p. 224). Isso nos favorece pensar na noção de sílaba, de como o interactante entende o conceito de sílaba quando escreve nesse ambiente, pois é notório que, em determinados momento, o interactante realiza uma omissão da vogal, em outros favorece o aparecimento (como nas demais escritas para o você nos próximos tópicos). Saussure (*apud* JAKOBSON, 1985) assegura que a sílaba é o foco essencial de organização de segmentos e ocorre tanto em seu aspecto fonético quanto no ortográfico. Nesse prisma,

⁶³ Vale destacar que entendemos grafema como à unidade principal ou mínima de um sistema de escrita, e que pode representar um fonema nas escritas alfabéticas, uma sílaba nas escritas silábicas ou ainda uma ideia em um texto escrito.

admitimos também as propriedades acústicas dos grafemas da palavra abreviada, o que nos permite constatar aspectos, modelos ou padrões na escrita do BP. Assim, é nítida a influência fonética e o interactante deduz que, ao digitar vc, o destinatário vai entender automaticamente.

É notório também que a RS dos interactantes influencia na escolha da escrita. Assim como em uma interação face a face, o interactante assemelha o seu repertório linguístico ao do grupo com o qual ele se identifica no momento da interação. Neste caso, tanto em RS dita de primeira ordem como em RS de segunda ordem⁶⁴ o interactante escreve vc. Portanto, vemos que o você abreviado perde a carga mais formal da fala ludovicense e apresenta um aspecto informal na escrita digital (porém, em determinado contextos, por exemplo, ao mandar um e-mail para um professor ou um advogado, o interactante escreve o pronome completo). Um outro aspecto observado é que a forma vc também é bastante utilizada para fazer referência indeterminada nas conversações, ou seja, quando O referente você remete a um sujeito indeterminado tanto em ND como ID, como no caso a seguir retirado de uma conversa do INTER E (ID):

Figura 8 - O pronome na conversação 3



Fonte: Print retirado do *corpus* da pesquisa

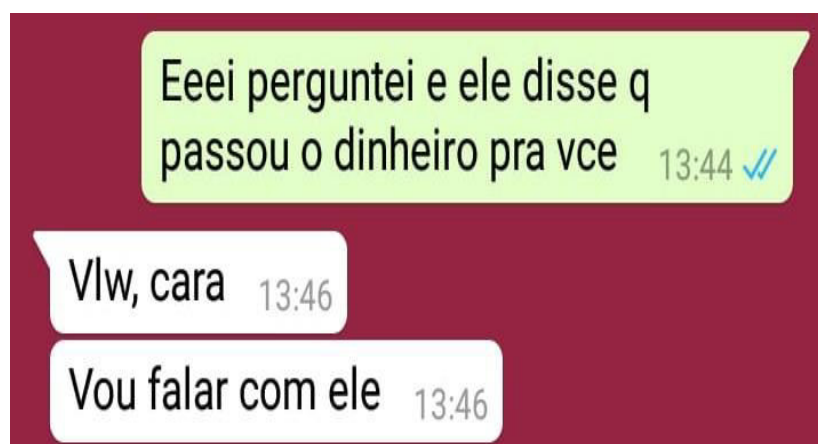
Assim, vemos que a segunda pessoa não está identificada contextualmente, porém dentro do contexto percebe-se que há alusão a outros sujeitos. A escrita do vc, enquanto unidade de significado, não nos remete a um sujeito imediato, logo

⁶⁴ Cabe destacar que os conceitos de RS de primeira e segunda ordem são apresentados e explicados no capítulo I desta dissertação, mais especificamente nas páginas 23-24.

verificamos uma situação genérica e difusa da referenciação⁶⁵. Passamos então à próxima ocorrência.

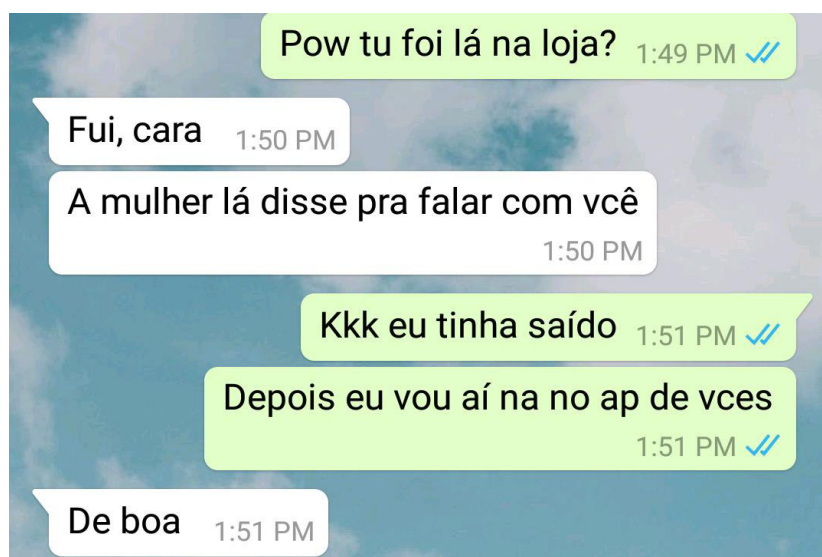
- A escrita **Vce\Vcê e semelhantes**⁶⁶

Figura 9 - O pronome na conversação 4



Fonte: *Print* retirado do *corpus* da pesquisa

Figura 10 - O pronome na conversação 5



Fonte: *print* retirado do *corpus* da pesquisa

Aqui temos a escrita do vc seguido da vogal e (com e sem acento). Essa forma de escrita foi encontrada nos nossos dois grupos de análise: o primeiro *print* é

⁶⁵ Uma outra investigação com mais dados pode nos oferecer melhores resultados para entendermos como acontece a referenciação nas conversações do *WhatsApp*.

⁶⁶ Ressaltamos novamente que consideramos “semelhantes” todas as reduções derivadas como Vcs, Vces, Vcês (em forma singular e plural).

do INTER B (ND) e o segundo é do INTER F (ID), respectivamente. É interessante observar que os interactantes não escrevem voc\voCs, por exemplo, pois, apesar do App ser um ambiente informal e “livre” de imposições gramaticais conhecido por ser um espaço da “maneira que quiser”, o texto não é escrito de qualquer forma. O interactante possui um conhecimento cognitivo de que a sílaba mais forte é a segunda, logo ele faz uma omissão da sílaba mais fraca. O INTER B e INTER F digitam apenas a vogal considerada mais forte (e\ê) e há uma eliminação da vogal átona o da primeira sílaba. Nenhum interactante escreve oe, por exemplo, que poderia ser tranquilamente outra opção, se os interactantes quisessem somente abreviar o vocábulo. Logo, o “apagamento” da vogal o é precedida por uma consoante fricativa, v, e atua como uma continuação acústica da consoante precedente.

Apagamento de vogais átonas no PB, na língua falada, é algo que permite diversas investigações. Na língua oral, os processos fonológicos mais distintos com relação ao você é basicamente, cê e ocê. No caso de São Luís, entre essas duas formas o uso mais verificado é o cê de acordo com os dados de Alves (2015). Acontece que na língua falada a velocidade de elocução pode influenciar ou não a ocorrência da supressão vocálica em posição átona, o que resulta na configuração de determinado padrão rítmico para a palavra. De acordo com Abaurre-Gnerre (1981, p. 29):

- 1) As velocidades mais lentas favorecem, em geral, a manutenção dos segmentos. Consequentemente, com a manutenção e saliência prosódica atribuída às vogais em núcleo silábico, criam-se condições ideais para um ritmo que tende a ser silábico; 2) certas vogais átonas são frequentemente reduzidas ou suprimidas nas velocidades mais rápidas, o que causa a aglomeração de segmentos consonantais em torno dos núcleos acentuados, configurando-se, desta forma, o contexto ideal para a implementação do padrão rítmico acentual (com tendência à manutenção de intervalos de tempo constantes entre sílabas acentuadas);

Portanto, essa velocidade da elocução também ocasiona uma supressão vocálica no texto escrito no *WhatsApp*, ou seja, o mesmo processo que acontece na língua falada acontece no texto escrito no App, e isso fica visível nas reduções do você. O apagamento vocálico é considerado um processo característico das falas rápidas e informais, o que o culmina no surgimento de um padrão rítmico evidente. Continuando com a análise dos *prints*, temos:

Figura 11 - O pronome na conversação 6

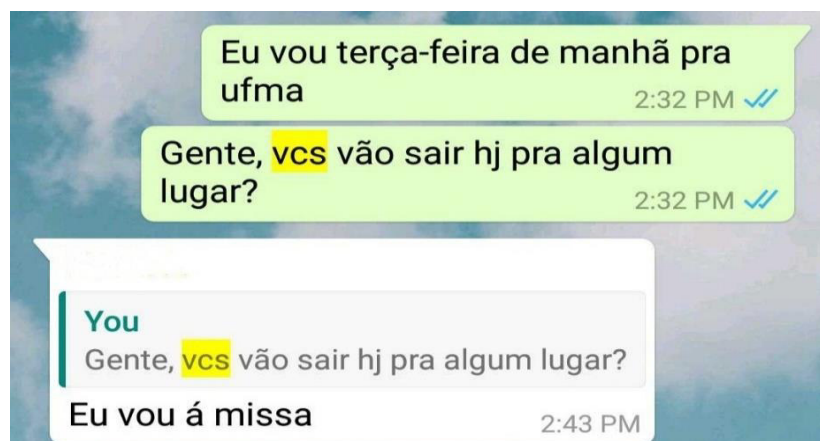
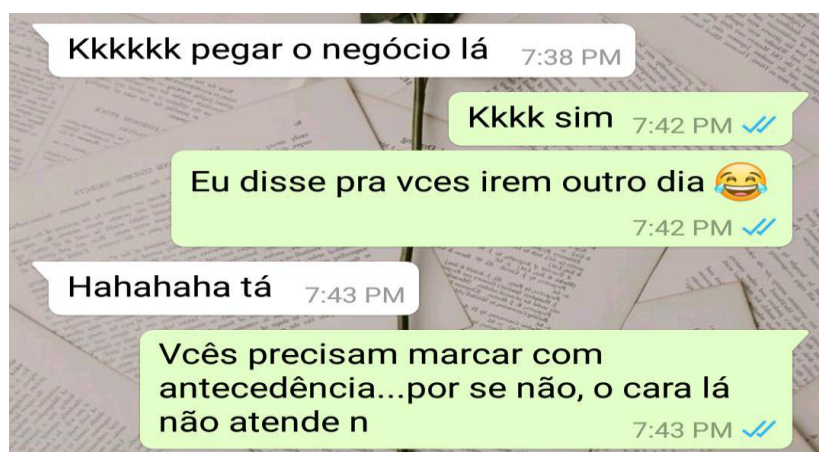


Figura 12 - O pronome na conversação 7



Fonte: *Prints* retirado do *corpus* da pesquisa

Acima, a figura 10 corresponde ao INTER C (ND) e a figura 11 ao INTER G (ID). Em Vcs, Vces e Vcês, os interactantes acrescentam o /S/ para acentuar o plural do vocábulo, marcando uma influência morfossintática no texto. Com relação ao uso ou não do acento circunflexo para representar a vogal fechada /ê/, na escrita padrão, o acento somente ocorre na sílaba mais intensa, em você segue a regra de uso do acento para as regras de ortografia.

No entanto, no texto digital nem sempre os interactantes colocam tal acento, suponhamos que ocorra alguma dessas três situações: 1) Uma questão de falta de motivação dos interactantes; 2) Algo resultante das correções automáticas dos celulares; 3) Ou mesmo porque os interactantes subentendem que o interlocutor já sabe que aquele vocábulo leva acento e não há necessidade de colocá-lo, o objetivo

é apenas se comunicarem.

- A escrita **C**

Figura 13 - O pronome na conversação 8



Fonte: *Print* retirado do *corpus* da pesquisa

Nessa conversação há uma ocorrência que encontramos somente na categoria dos ND (Com o INTER D, em específico). O interactante escreveu apenas o grafema C e sabemos que o C sozinho não remete a uma palavra específica, entretanto dentro de um contexto ela permite ao interactante estabelecer uma referência ao pronome pessoal de segunda pessoa do discurso, enquanto sujeito. O apagamento do restante do vocábulo consiste na supressão de algum segmento ou uma sílaba (consonantal ou vocálica). Nesse caso, temos aqui um apagamento da sílaba inicial 'vo' e da vogal tônica 'ê', permanecendo apenas o segmento medial 'c'. Logo, temos:

- Um apagamento de segmento inicial (aférese): V
- Um apagamento de segmento final (apócope): Ê
- Um apagamento de sílaba inteira: VO

Essa ocorrência é bastante curiosa em nossa amostra pois, apesar de ser um único grafema, C cumpre sua função comunicativa porque a intenção do interactante e o contexto permitem uma produção de sentido por parte do outro interactante (o

“C”, em outras situações, pode sugerir redução da palavra “com”, por exemplo). Desse modo, ele não perde o seu propósito dentro da mensagem e consegue conduzir sua informação de maneira igual ao vocábulo escrito completo, você. Além do mais, o grafema C possui também uma carga fonética que faz alusão à Cê, que por sua vez, se relaciona à uma variação do pronome na língua falada do PB no MA e outras regiões. Portanto, prosseguindo nossa trajetória de reflexão de sentido, vemos que a letra C é uma unidade de significado dentro desse contexto.

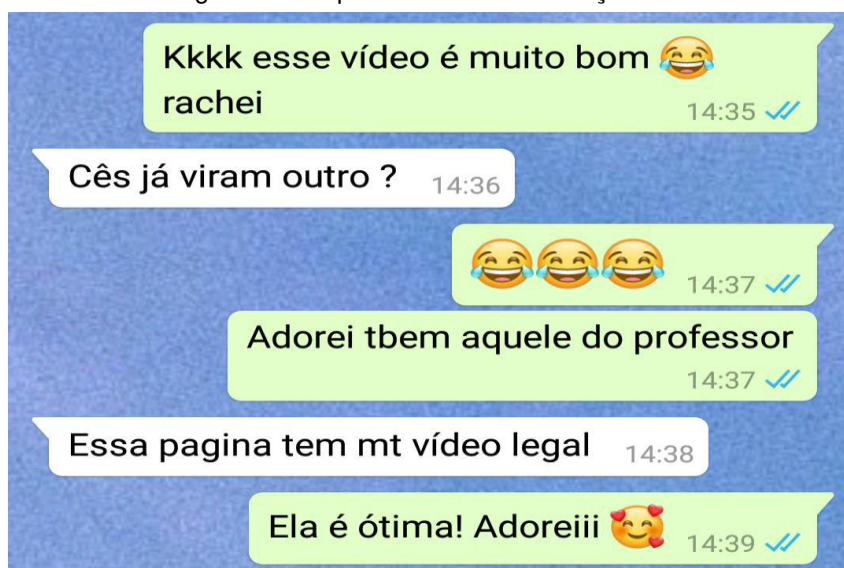
- A escrita **Cê \ Cês \ Cêis**

Figura 14 - O pronome na conversação 9



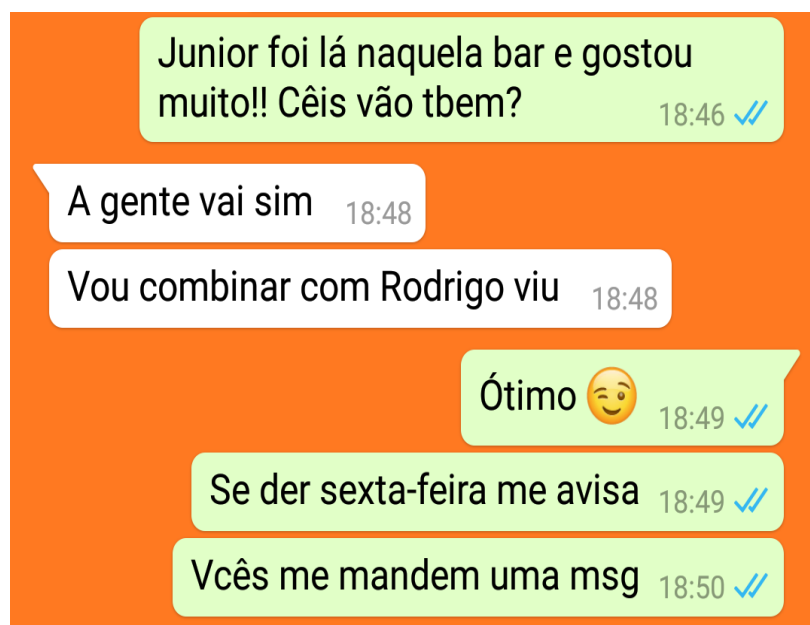
Fonte: *Print* retirado do *corpus* da pesquisa

Figura 15 - O pronome na conversação 10



Fonte: *Print* retirado do *corpus* da pesquisa

Figura 16 - O pronome na conversação 11



Fonte: *Print* retirado do *corpus* da pesquisa

Os *prints* acima foram retirados de conversações de ND (INTER A, C e D, respectivamente), porém encontramos a forma Cê em conversações do INTER E (ID), ou seja, é algo que acontece nas duas categorias. A forma Cê (no singular e no plural), diferente das demais reduções escritas para o você, acontece bastante na língua falada do PB, sendo uma variante muito constante mas na língua falada do MA possuindo expressão apenas no interior do Estado, na capital, São Luís, seu uso é mais incerto, segundo as investigações de Alves (2015). No texto escrito no App (assim como em sua realização oral), ocorre um tipo de apagamento do som da sílaba gráfica, caracterizado pela omissão de letras ou sons no começo de uma palavra. Dessa maneira, a primeira sílaba do você, 'vo', é apagada e mantêm-se a segunda sílaba.

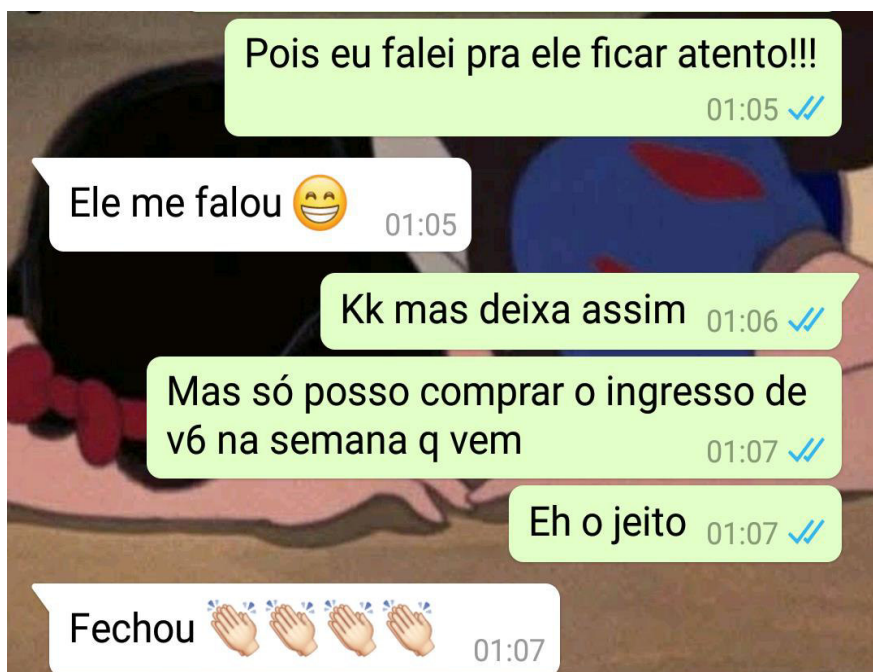
Por outro lado, também podemos dizer que transcorre um fenômeno de apagamento parecido com a síncope (retirada de um segmento no meio de uma palavra), pois, se retornarmos ao encadeamento histórico, como já salientado, temos a sequência *Vossa Mercê* > *você* > *Cê*. Na redução oral, cê, Alves (2015, p. 78) destaca que no falar maranhense "No geral, os estudos apontam que em contextos de 'tu' é rara a existência do cê, mas, considerando que o você tem alargado seu uso entre os maranhenses, é provável que essa variante venha, a passos lentos, ganhar espaço no sistema pronominal maranhense".

Ainda com nosso olhar interrogativo para essa realização linguística, o interactante acrescenta o /S/ em Cês e na forma Cêis, o objetivo também é demarcar o plural, todavia ele insere, no segundo caso, a letra /i/ ante do /S/ o que nos fornece mais indícios da influência de aspectos orais na escrita. Esse 'is' escrito possui o peso fonético da fala Cês, pois, em muitos lugares do Brasil, os falantes tendem a marcar bastante o fonema⁶⁷ /S/, levando ao aparecimento fonético do /i/.

Na nossa amostra não constatamos as formas Ce\Ces\Ceis sem o acento circunflexo, talvez por serem estruturas que não possuem motivações do interactante em fazer omissão do acento. Possivelmente, acreditamos que estudos futuros mais profundos podem responder essas dúvidas relacionadas ao uso do acento no texto escrito no App.

- A escrita **V6**

Figura 17 - O pronome na conversação 12



Fonte: Print retirado do corpus da pesquisa

Nesse caso, há uma forma bastante encontrada na categoria ND, principalmente em grupos, em conversações do INTER A e do INTER C. À priori, a

⁶⁷ Entendemos "Fonema" como a menor unidade sonora do sistema fonológico de uma língua.

hipótese era de que encontraríamos essa forma apenas em ND, porém, encontramos tal estrutura em uma conversa do INTER G (ID), o que causou uma certa surpresa na investigação.

Os interactantes escrevem V6 significando vocês e a escolha numérica '6' (seis) possui uma motivação fonológica já que '6' possui uma acústica do som realizado na fala para o vocábulo cês. A representação gráfica do '6' acontece devido ao interactante realizar uma associação entre o som que a pronúncia do número matemático produz e os grafemas que compõe a palavra você. Portanto, temos aqui uma influência clara da língua falada, sendo óbvio o aspecto acústico do som no texto escrito na conversa.

- A escrita **com vogal prolongada**

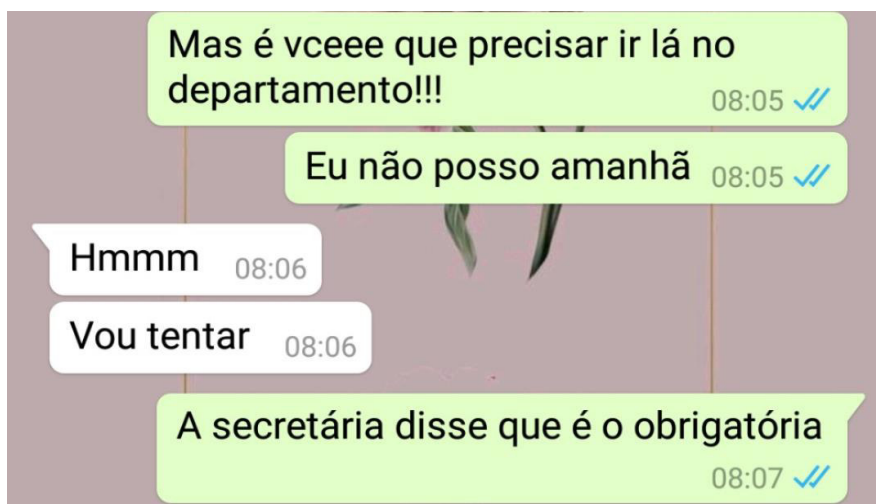
Encontramos essa forma (variando no número de vogais) em ambas as categorias (ND E ID) em quase todos os interactantes. Consiste em um alongamento da vogal 'e' com o objetivo de estabelecer uma ênfase ('vocêeeee'). Tal alongamento se constitui uma marca da língua oral quando o falante destaca uma vogal ou uma sílaba no vocábulo. Na língua falada, a duração de um fonema depende muito da velocidade da fala e, geralmente, as vogais tônicas são mais longas e as átonas mais breves.

No caso do texto escrito no App, temos a noção de tempo\duração de um grafema pois nos remete ao tempo e duração de um fonema, o que nos permite acentuar que nesse aspecto, o interactante faz uma associação rápida entre grafema e fonema. Como exemplo, a seguir, na figura 17 temos um *print* retirado de um ND (INTER B) e na figura 18 um *print* de um ID (INTER H).

Figura 18 - O pronome na conversa 12



Figura 19 - O pronome na conversação 14



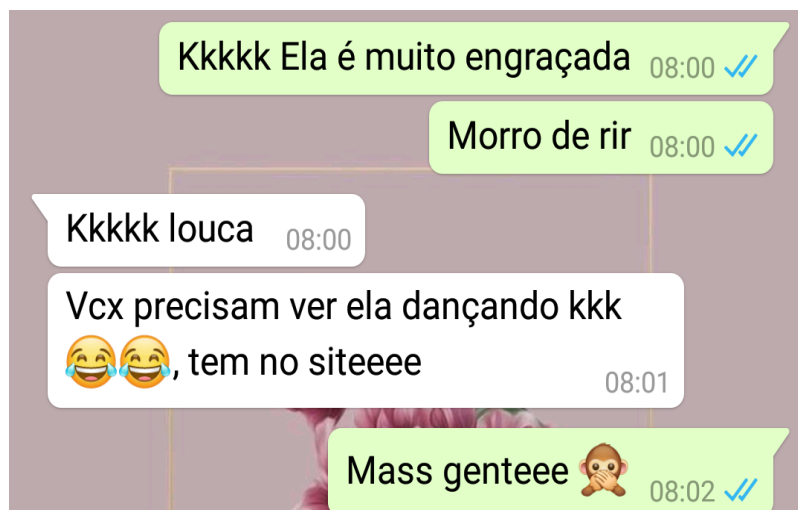
Fonte: *Prints* retirado do *corpus* da pesquisa

Em Vceee, temos um alongamento vocálico na redução do vocábulo Vc, sendo uma questão interessante pois o interactante escreve uma “prorrogação” da vogal ‘e’ em uma estrutura já abreviada da palavra você, inicialmente reduzida para evidenciar uma ênfase na escrita no BP. Por isso, há um “prolongamento de uma redução”, literalmente. Nesses dois casos, é nítido a força do ato elocucionário, como o ludovicense tenta reproduzir, graficamente, a entonação da voz, razão porque, fazendo com que tais formas funcionem como marcadores prosódicos nesse ambiente.

Com o alongamento enfático, os interactantes produzem o que Bechara (2009, p. 87) denomina de “acento de insistência emocional”, tentando reproduzir a duração da voz na escrita. Diferentemente da conversação oral, onde esse fenômeno é comum, na conversação do App ele se adapta no signo escrito (Recuero, 2014). Portanto, outro exemplo de “escrita oralizada” (SANTOS, 2006). Passamos para o outro caso de escrita do pronome.

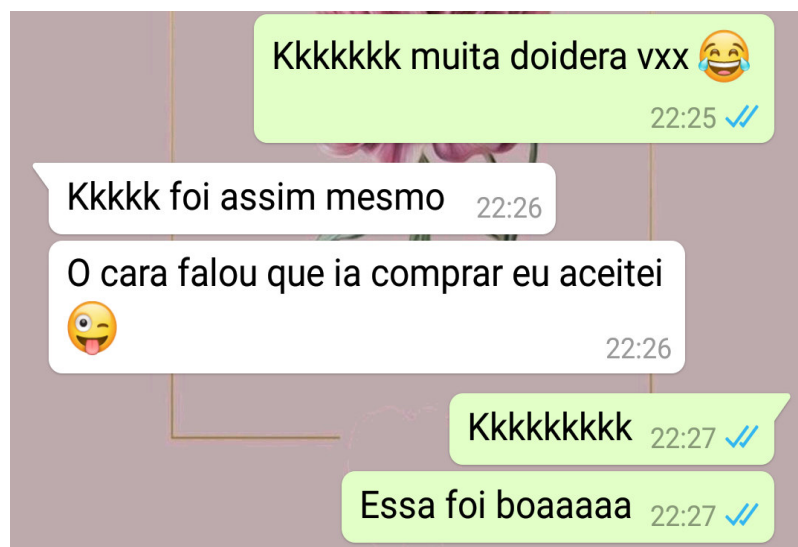
- A escrita **Vcx\ Vxx**

Figura 20 - O pronome na conversação 15



Fonte: Print retirado do corpus da pesquisa

Figura 21 - O pronome na conversação 16



Fonte: Print retirado do corpus da pesquisa

Encontramos Vcx e Vxx somente em ND (No INTER C). Partimos do princípio de que a letra 'x' faz alusão a um gênero neutro. Sabemos que a finalidade da linguagem neutra é mostrar a desconstrução de gênero, isto é, apresentar um rompimento do binarismo nas modalidades escrita e falada da língua. A LP não apresenta um "gênero neutro", porém é comum encontrarmos esse fenômeno na ciberlinguagem. Os internautas escrevem dessa forma para "neutralizar" pronomes, adjetivos e substantivos, por exemplo. É curioso observar que o pronome você,

isoladamente, não nos remete à uma figura feminina ou masculina, logo essa alusão à um gênero neutro acontece dentro de um determinado contexto. Cabe salientar que tratar a utilização desse gênero “neutro” como posição ideológica, nos traz a noção de que os indivíduos que fogem do espectro binário de gênero possam ser visibilizadas na língua escrita⁶⁸. Essas estruturas foram encontradas apenas uma única vez na nossa amostra, o que nos possibilita hipotetizar que não é típico da escrita digital dos ludovicenses.

Dando continuidade, enfatizamos que as vogais não são escritas, porém isso não significa que ocorre uma eliminação ou exclusão na leitura, acontece somente uma perda gráfica. Essa omissão das vogais é a mesma encontrada em outros sistemas de escrita como a escrita árabe (chamada de “abjad”), por exemplo, onde as vogais não possuem um grafema obrigatório como no sistema de escrita da LP.

- **Outras formas de escrita para o você**

A forma Vs⁶⁹ não foi encontrada entre os ludovicenses em nenhuma das categorias (ND e ID), entretanto a estrutura foi muito “utilizada por adolescentes na primeira década do século XXI em meio virtual, que poderia ser interpretada por um receptor mais velho e não pertencente ao mesmo grupo social como ‘vossa senhoria’, o que pareceria deslocado em contexto de uso” (SANTOS, 2015, P. 51). A forma Ocê também não apareceu em nossa investigação, talvez porque essa variação linguística não é comum no falar ludovicense (aparecendo, no falar maranhense, apenas na cidade de Bacabal, interior do MA, conforme dados do ALiMA).

Encontramos várias ocorrências do você grafadas com letras maiúsculas (VOCÊ, VC, VCÊ), em ambas as categorias (ND e ID), quando o ludovicense escreve, no caso, “Ele não foi hoje mas disse pra ‘VOCÊ’ ir” (*Print* a seguir),

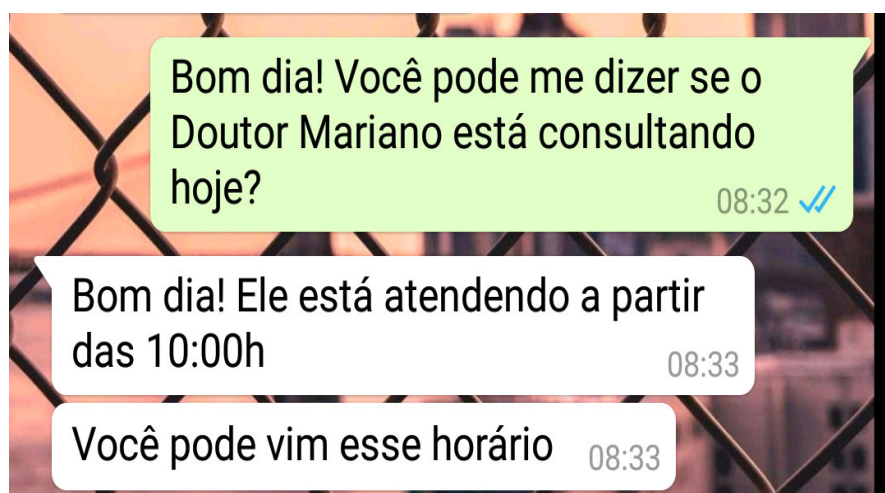
⁶⁸ Em uma busca prévia, a pesquisadora encontrou tal fenômeno em abundância em conversações na Rede Social *Twitter*. Dado a frequência de uso, hipotetizamos que essa forma não se manifesta tão significativamente no WhatsApp. Porém, para atestar tal pensamento, é necessário realizar uma investigação mais completa e profunda sobre esse aspecto.

⁶⁹ Também não encontramos ocorrências da forma Sê, sendo talvez pouco provável de se encontrar entre os ludovicenses, porém tal estrutura aparece em textos digitais de interactantes pouco escolarizados em outras regiões do país em investigação prévia realizada pela pesquisadora na rede social *Twitter*. O que permite hipotetizar que essa escrita pode ser decorrente da falta de escolarização dos interactantes (uma pesquisa com uma amostra maior pode nos fornecer melhores resultados).

evidência que o interactante está elevando o tom de voz como se estivesse em uma realização face a face. Ressaltamos que a escrita completa do você também é frequente tanto nos ND como nos ID, entretanto verificamos que os ID tendem a realizar mais (em termos numéricos, a ocorrência foi muito maior entre os ID).

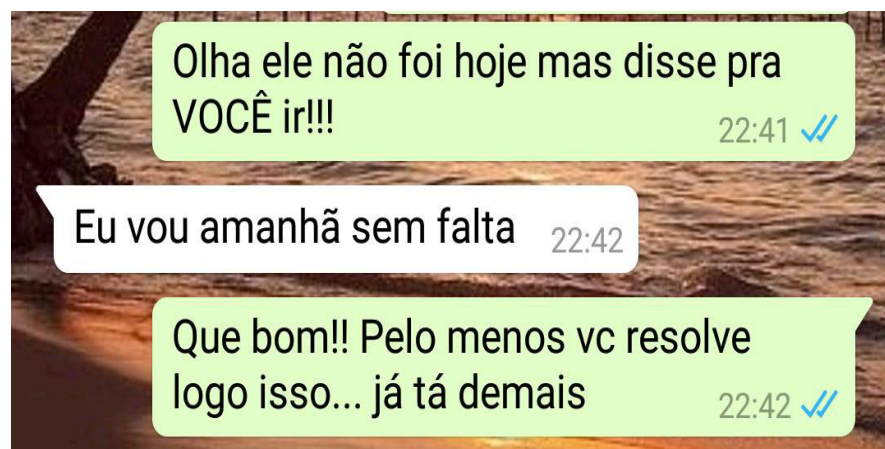
No geral, os interactantes escrevem você para situações de maior formalidade, ao mandar uma mensagem no *WhatsApp* para pessoas que o interactante possui uma menor aproximação, por exemplo. Desse modo, o vocábulo você em sua estrutura completa ainda apresenta uma certa formalidade, bem presente no falar ludovicense como aponta Alves (2015). A seguir, os *prints* retirados de um ID (INTER G) e ND (INTER B), respectivamente:

Figura 22 - O pronome na conversação 17



Fonte: *Print* retirado do *corpus* da pesquisa

Figura 23 - O pronome na conversação 18



Fonte: *Print* retirado do *corpus* da pesquisa

Desse modo, e analisando todas as outras formas escritas para o você, é visível que o pronome é presente nas diversas conversações do App. O você escrito de forma abreviada, geralmente, marca informalidade entre interactantes, da mesma forma que as reduções na modalidade oral como cê e ocê, que também demonstram informalidade, conforme dados de Alves (2015). Porém, em alguns casos, as reduções para o pronome no texto digital apresentam certa formalidade, como na figura 21, quando o interactante escreve o você por inteiro, sem abreviações. Nesse contexto, o você em sua forma completa aparece para evitar uma proximidade inadequada com o interlocutor.

Logo, podemos dizer que o ludovicense, mesmo no *lôcus* físico da situação informal do App, regula a formalidade do você pela maneira que ele é escrito: Vc, vce, vcê, vxx, cê, entre outras formas abreviadas possuem carga informal e o você, escrito inteiro, possui um valor mais formal. Isso aconteceu tanto em nossos interactantes ND e ID, sendo visível em quase todos os interactantes. Porém, situações interessantes foram encontradas em ND, onde o interactante escreve vc em contexto formal, para se referir a uma secretária de um curso de língua estrangeira ou uma atendente de loja *on-line*, por exemplo (*prints* em anexo). Tal situação nos mostra que a abreviação vc para ND adquire um valor formal, dependendo do contexto, não há uma 'polidez' como acontece com ID.

Retomando Alves (2015, p. 139), o você na fala “concorre com o *tu com concordância* ao posto de formas privilegiadas na comunidade ludovicense”. Assim, podemos hipotetizar que o você escrito de forma reduzida (vc, vce, vcê, c etc.) possui, de maneira geral, uma função semelhante ao *tu sem concordância* no falar ludovicense, sinalizando o grau de intimidade entre os interlocutores (ou nem sempre)⁷⁰. Feitas essas considerações, seguimos com as entrevistas realizadas com interactantes ludovicenses.

5.2 As entrevistas via *WhatsApp*

Entrevista é um instrumento de coleta de dados amplamente utilizado em pesquisas de teor qualitativo. Assim, optamos por esse recurso pois consideramos que as entrevista “constituem a realidade essencial das pessoas, seu mundo vivencial. [...] A entrevista qualitativa, pois, oferece os dados básicos para o

⁷⁰ Uma investigação mais completa pode confirmar ou refutar isso.

desenvolvimento e compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação” (GASKELL, 2002, p.65). Nessa premissa, ressaltamos que entrevista é “uma interação, uma troca de ideias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas” (GASKELL, 2002, p.73).

Dado que nosso campo e objeto de investigação se encontram no cenário digital, decidimos realizar as entrevistas na mesma zona *on-line* de recolha da amostra, o *WhatsApp*. As entrevistas realizadas em meio digital são úteis para pesquisar dados pois há uma “liberdade” do interactante, uma descontração maior, permitindo a ele maior conforto sem se sentir tímido ou nervoso, por exemplo, como se estivesse em uma entrevista realizada face-a-face.

Conforme Barton e Lee (2015, p. 30), “O imprescindível é que a presença do pesquisador não é necessária numa entrevista *on-line*. Isso também pode criar uma atmosfera relaxada de pesquisa e evitar qualquer constrangimento que poderia existir num contexto face a face”. Logo, o entrevistador e o entrevistado interagem de maneira dinâmica sem se importar com questões mais formais geralmente propiciadas por entrevistas orais, podendo gerar maior interesse e motivação dos entrevistados em responderem às perguntas.

Diante disso, escolhemos quatro interactantes que apresentaram as abreviações para o você mais “incomuns” (C, Vxx, Vcx, V6 etc.) e as mais “comuns” (Ex. Vc, Vcs, Vce etc.), sendo dois de cada categoria de análise, conforme a disposição a seguir:

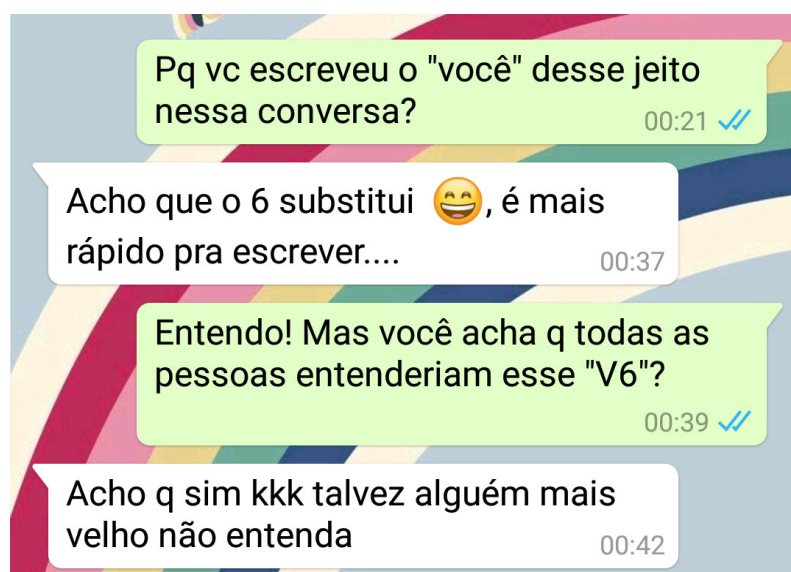
Quadro 3 - Interactantes entrevistados

Categoria ND	Categoria ID
INTER C	INTER G
INTER D	INTER H

Fonte: construção da autora

É cabível frisar que os quatro interactantes aceitaram participar voluntariamente, sem restrições, o que facilitou bastante nossa trajetória. Nessa esfera, realizamos, em particular, uma entrevista simples do tipo pergunta\resposta sobre a escrita do pronome e tiramos *prints*. O passo seguinte foi averiguar as respostas dos quatro interactantes. Seguimos com um *print* do primeiro entrevistado ND (INTER C):

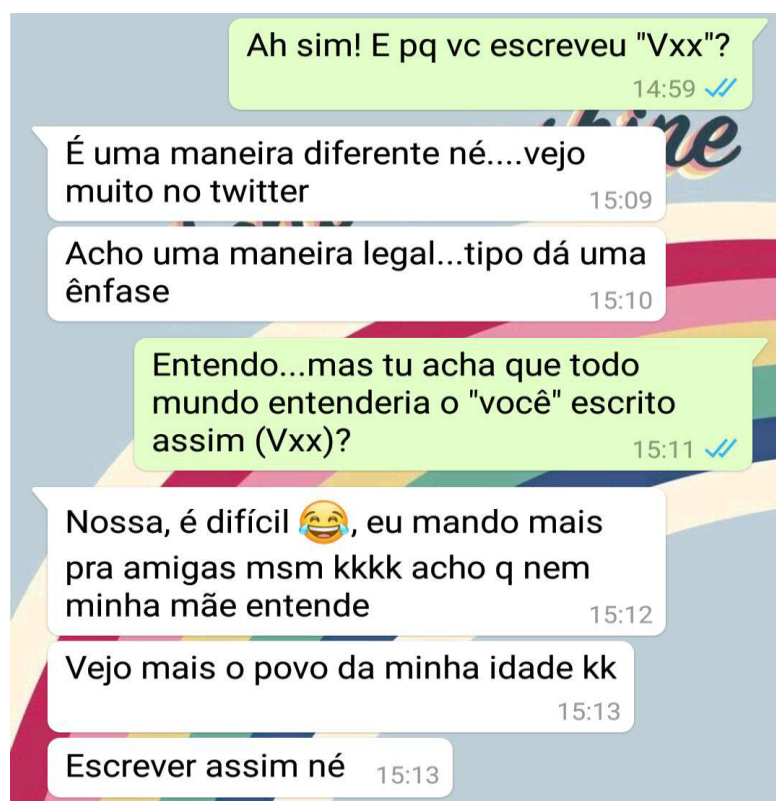
Figura 24 - Entrevista *on-line* parte 1 – INTER C



Fonte: *Print* retirado do *corpus* da pesquisa

Questionado sobre ter escrito o pronome com a forma “V6”, o INTER C respondeu com “acho que o 6 substitui”, ou seja, é perceptível a noção que o interactante tem da língua, ligando a semântica à aspectos orais. Quando perguntado se os demais indivíduos entenderiam tal abreviação, o interactante respondeu que “talvez alguém mais velho não entenda” o que também demonstra uma noção do sujeito ND sobre o uso da língua(gem) na web por indivíduos ID, que, como já sinalizado, passaram a utilizar o meio digital ao longo da vida. Prosseguimos com as respostas abaixo:

Figura 25 - Entrevista *on-line* parte 2 – INTER C



Fonte: *Print* retirado do *corpus* da pesquisa

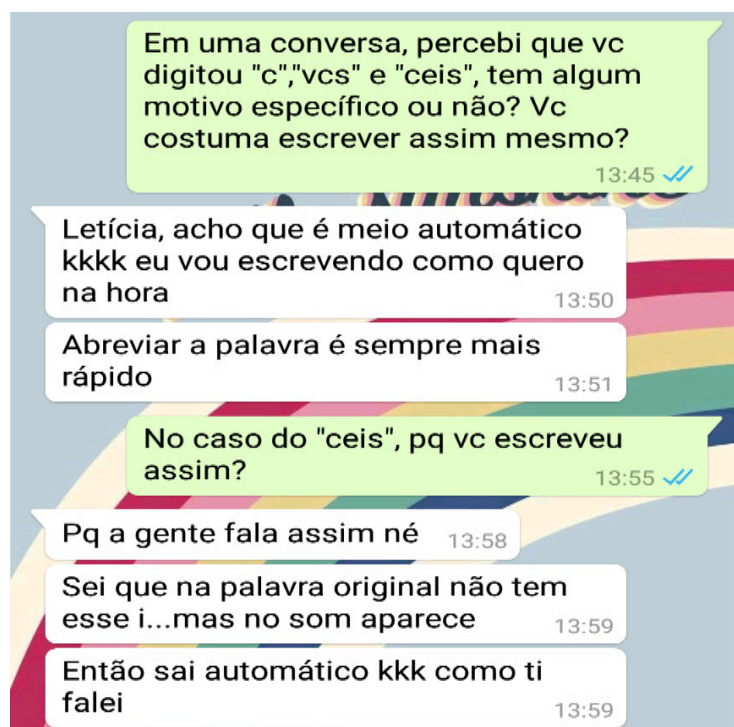
Quando questionado sobre a escrita do “Vxx”, o interactante responde que é “uma maneira diferente né” e alega que observa muito no *Twitter*, uma rede social que funciona como um *microblogging* (micro blog) com atualizações em tempo real e virou uma febre no país principalmente entre os adolescentes. De fato, no *Twitter* as abreviações do você com “x” ao final são recorrentes assim como palavras como “todxs” (todos\todas) ou “amigx” (amigo\amiga), por exemplo, essencialmente entre participantes da comunidade LGBTQI+⁷¹ (O INTER C nos confirmou essa afirmação). Esse uso do “x” no final da palavra atua como uma espécie de “artigo neutro” dentro dessa linguagem neutra ou não-binária, onde o gênero da palavra fica neutro. Nesse caso, há uma situação onde uma ideologia de gênero, sexualidade e aceitação na sociedade se sobrepõe a língua, tendo em vista que a linguagem é uma estrutura de poder e evidenciando todo um debate existente entre linguagem e gênero na LP. É válido enfatizar que o uso do “artigo neutro” nunca apresentou um uso significativo no PB, a começar pela falta de uma representação na fala porém é

⁷¹ Sigla que diz respeito à orientação sexual do indivíduo e ao gênero.

comum em redes sociais⁷².

Partimos para o INTER D, que ao ser questionado sobre as reduções que escreveu durante algumas conversas, respondeu que a escrita dessas formas “é meio automático...eu vou escrevendo como quero na hora”, como se observa no *print* abaixo:

Figura 26 - Entrevista *on-line* parte 1 – INTER D

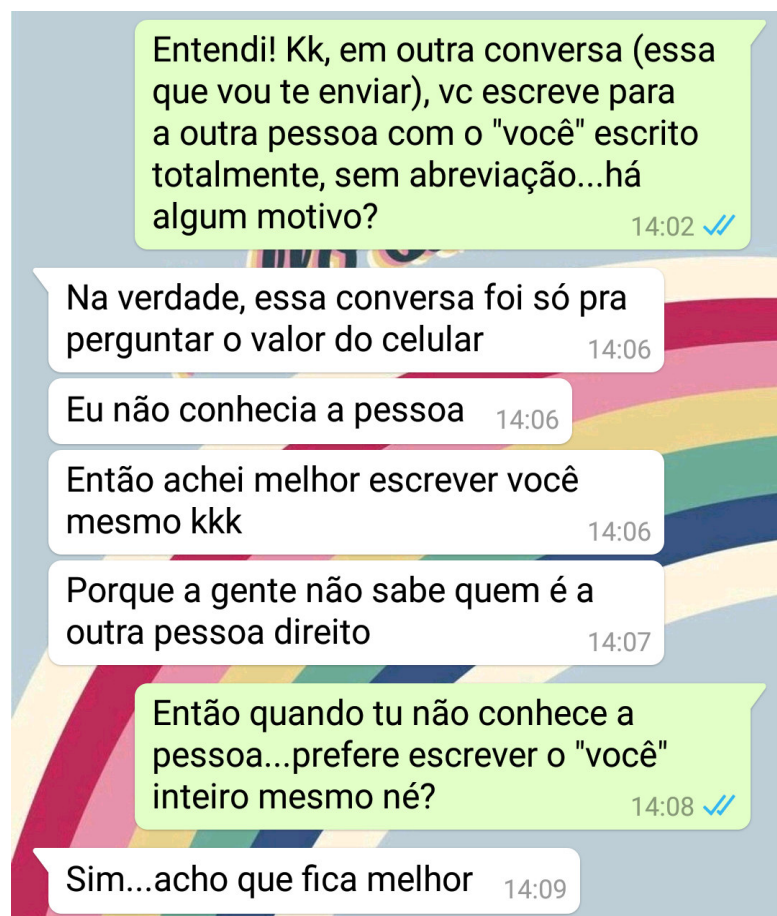


Fonte: *Print* retirado do *corpus* da pesquisa

A questão colocada pelo participante ao escrever “automático” nos remete à Psicolinguística, às ideias de que a linguagem reflete o pensamento e vice-versa. Quando indagado sobre a escrita da estrutura “ceis”, o INTER D respondeu “pq a gente fala assim né” e “sei que palavra original não tem esse i..mas o som aparece”, mostrando plena consciência das duas modalidades, oral e escrita, da língua e a “junção” delas no texto escrito no App. Seguindo com o INTER D, em outra conversação, ele escreveu o pronome em sua forma total ao interagir com um indivíduo que vende celulares na internet, o qual ele conseguiu o contato em um site de vendas, como exposto a seguir:

⁷² Em sua experiência particular utilizando a rede social Twitter, a pesquisadora afirma observar um uso constante do “x” em palavras sinalizando artigo neutro. Uma investigação mais ampla é necessária para averiguar detalhes desse fenômeno na escrita digital. Nesta investigação, foi curioso encontrar tal estrutura em conversações do *WhatsApp* pois não esperávamos.

Figura 27 - Entrevista *on-line* parte 2 – INTER D

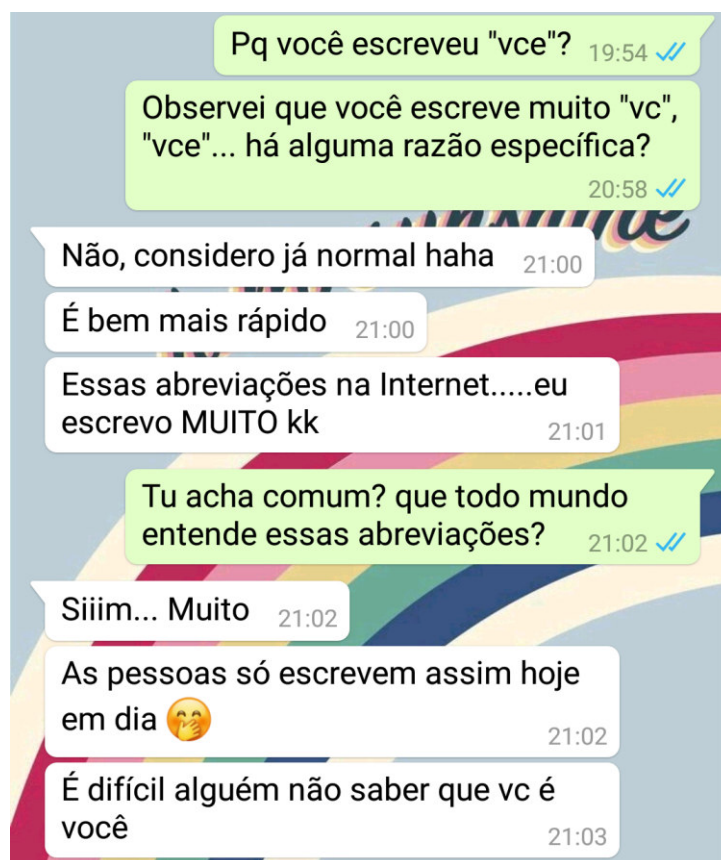


Fonte: *Print* retirado do *corpus* da pesquisa

Ao ser indagado sobre porquê escreveu o você, o sujeito respondeu que “eu não conhecia a pessoa...então achei melhor escrever você mesmo kkk porque a gente não sabe quem é a outra pessoa direito”, o que nos mostra claramente o “distanciamento” que o pronome causa, da mesma forma acontece na fala (Alves, 2015), ou seja, mesmo no BP, um ambiente informal, o pronome ainda carrega certa formalidade.

Já o INTER G e o INTER H, representantes da categoria ID, usaram abreviações mais “comuns” para o você nas suas conversações analisadas:

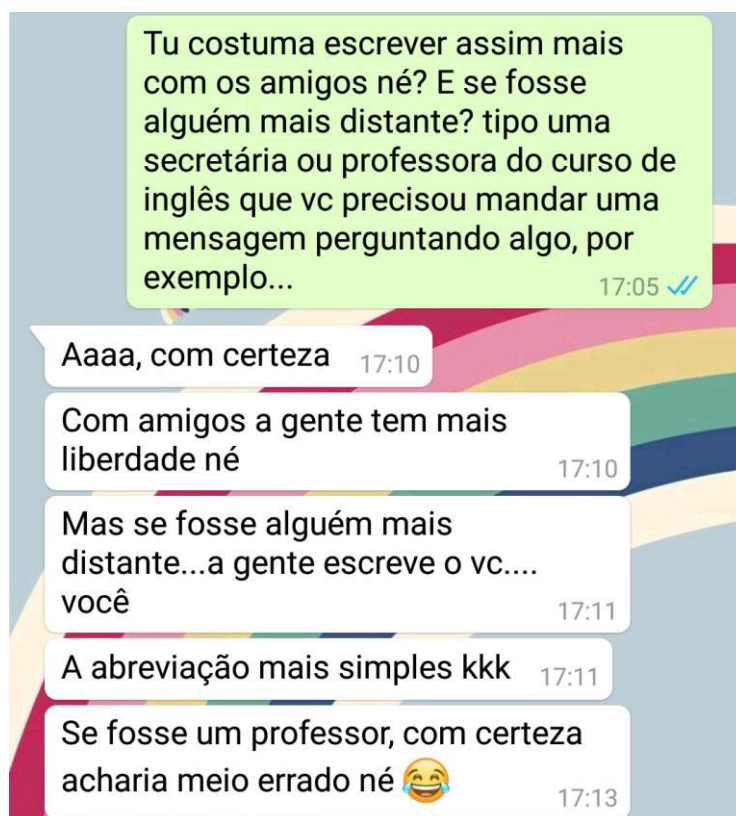
Figura 28 - Entrevista *on-line* parte 1 – INTER G



Fonte: *Print* retirado do *corpus* da pesquisa

Quando questionado sobre a escrita do pronome, o INTER G foi assertivo ao dizer que já considera normal, que é uma lingua(gem) bem mais rápida e que escreve bastante dessa forma. Sabendo que esse sujeito é um representante da categoria ID, notamos que essa escrita “diferente” presente no BP não assusta mais indivíduos “imigrantes” pois se tornou algo corriqueiro na vida cotidiana. Ao afirmar que “as pessoas escrevem assim hoje em dia”, o INTER G também evidencia a popularidade e a particularidade do texto escrito no App. O interactante afirma que “é difícil alguém não saber que vc é você”, o que nos mostra um reflexo de como essa abreviação do pronome vc se “cristalizou” nesse ambiente. Vamos à sequência da pergunta anterior:

Figura 29 - Entrevista *on-line* parte 2 – INTER G

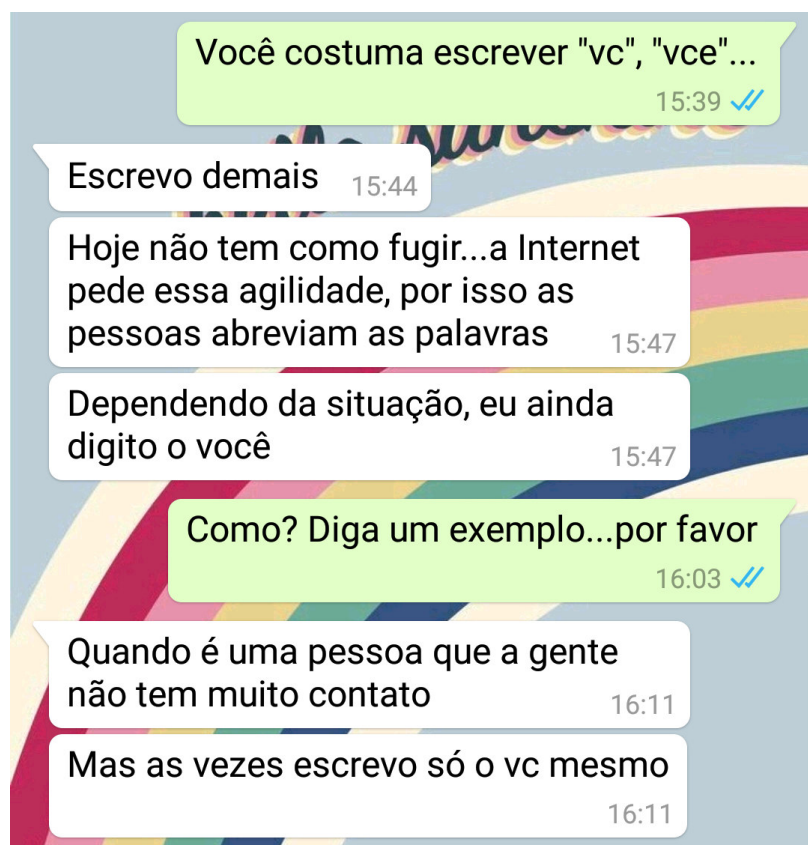


Fonte: *Print* retirado do *corpus* da pesquisa

Sobre o “distanciamento” presente na escrita do pronome, o INTER G é categórico ao alegar que “com os amigos a gente tem mais liberdade né...mas se fosse alguém mais distante...a gente escreve o vc...você”, o que reafirma a nossa visão sobre os dados quanto a formalidade a informalidade existente na escrita do pronome no App. Quando ele reitera que “se fosse um professor, com certeza acharia meio errado”, nos voltamos para a antiga ideia do “certo e errado” popularizado pela gramática normativa e por muitos docentes da língua materna.

O INTER H também reitera que escreve muito as abreviações para o pronome e que “hoje não tem como fugir... a internet pede essa agilidade, por isso as pessoas abreviam as palavras” mostrando-se consciente dessa lingua(gem) digital, ele ainda enfatiza que “dependendo da situação, eu ainda digito o você..quando é uma pessoa que a gente não tem muito contato...mas, às vezes, escrevo só o vc mesmo”, o que mostra a noção de formalidade do pronome assim como o INTER H, entretanto tal formalidade não acontece sempre, como se observa a seguir:

Figura 30 - Entrevista *on-line* – INTER H



Fonte: *Print* retirado do *corpus* da pesquisa

Comparando os indivíduos pertencentes à categoria ND com os participantes da categoria ID, notamos que ambos possuem características básicas de seus “grupos”. O ND demonstra uma criatividade maior na escrita do você ao utilizar abreviações mais particulares, já o ID estão bastante familiarizados com a língua(gem) no BP, mas se mantém seguros nas abreviações mais “simples” como “vc”, “vce”, “vcê”.

As entrevistas nos auxiliam a obter uma perspectiva mais ampla sobre o texto escrito no App, ampliando nossa visão para além do objeto e mostrando a visão do sujeito principal que usa e modifica a língua: o ser humano que fala e escreve no ciberespaço e fora dele.

5.3 Interpretação dos resultados

O pronome você ganha autonomia e “variações” textuais dentro do *WhatsApp*, possuindo mais formas de escrita do que palavras consideradas maiores, sendo, na nossa opinião, um dos vocábulos que mais apresenta reduções dentro do

App, se compararmos com outras palavras conhecidas por serem abreviadas⁷³, como “também” (tbem) e “porque” (pq)⁷⁴. Os vários textos escritos encontrados para o tratamento ao interlocutor refletem como o interactante tenta escrever no *WhatsApp* características da fala.

Nesse âmbito, concordamos com Saussure (2012) quando afirma que a criação de novos termos na língua, com base na semelhança de estruturas já existentes, acontece devido a processos analógicos que acontecem no inconsciente, sendo a comunicação o expoente principal desse processo (no sentido de uso da língua tanto de maneira escrita quanto falada). Feitas essas observações, pontuamos os seguintes resultados:

- Nas duas categorias, ND e ID, entre todos os interactantes A-H, as reduções para o você são marcadas, basicamente, pelo recorrente apagamento da vogal. Todavia, apesar desse ser o modelo mais comum, há vários outros “jeitos” de se escrever o você, principalmente na categoria ND;
- A grafia mais encontrada entre ND e ID foi o vc (Gráfico comparativo, em anexo), seguido de vce e vcê, além de formas como, Vocêeee e Vceeee, por exemplo. As formas Cê e V6, foram encontradas nas duas categorias, porém com menor incidência em ID, o que foi uma surpresa na nossa investigação. Já as formas Cês\Cêis, C, Vcx\ Vx, foram encontradas apenas na categoria ND, o que nos leva a pensar que os ludovicenses que “nasceram digitais”, exploram mais a escrita no App. Atribuímos à isso uma tendência de “criatividade linguística” maior do que os ID;
- Na língua falada no MA, Alves (2015, p.140) aponta que é “com regularidade que o ludovicense usa o você para marcar um distanciamento evidente entre os interlocutores sendo seu uso já observado em contextos de maior monitoramento e maior tensão em interações discursivas informais”. Todavia, no BP encontramos: As reduções do você marcam proximidade tanto em ND como ID,

⁷³ Vale ressaltar que as reduções linguísticas na escrita do você não pertencem apenas ao PB escrito no App mas também à outras línguas. É o que acontece, no caso, com o pronome you na língua inglesa, frequentemente reduzida a u nos bate-papos.

⁷⁴ Se analisarmos as conversas no BP, dificilmente encontramos outras formas textuais para tais palavras.

porém, há exceções. Quando marcam formalidade e distanciamento, ND e ID escrevem o pronome de maneira completa, principalmente em ID. Entretanto, hipotetizamos que há situações, essencialmente na categoria ND, em que a forma vc possui carga formal semelhante ao do pronome escrito por completo. Em suma, podemos apontar que há um eixo formal e informal na escrita do App.

- Com relação à RS, vemos a seguinte tendência: as reduções para o você são frequentes em RSs de primeira e segunda ordem, sendo que as abreviações mais específicas são constantes em RS de primeira ordem. Isso aconteceu bastante na nossa amostra de ND. Já o pronome escrito em sua forma completa se mostra recorrente em RS de segunda ordem (como mostra a figura 21), e acontece em ND e ID, porém em ID é bem mais habitual. Desse modo, hipotetizamos que a RS é um fator que muitas vezes explica a escrita reduzida ou não abreviada do pronome no *WhatsApp*. Assim, na rede de primeira ordem, por se tratar de uma rede constituída por um grupo limitado e próximo, o interactante se sente mais livre para escrever o pronome de maneiras mais acentuadas, como o Vxx ou Vx. Em contrapartida, na rede de segunda ordem, o interactante não se sente confortável para escrever de tal forma, logo, escreve o você por completo marcando distanciamento, conservando o teor formal do pronome presente na fala dos maranhenses (Alves, 2015). Vale destacar que encontramos o vc com teor formal em RSs de segunda ordem de ND, o que foi uma surpresa pois não esperávamos isso, mesmo que de forma não expressiva;
- Por meio das entrevistas realizadas com interactantes ludovicenses de ambas as categorias, ND e ID, certificamos que há uma percepção sobre a escrita do você no App e, conseqüentemente, um certo polimento em situações que sugerem formalidade dentro desse espaço, assim como uma “liberdade linguística” em outros momentos.

É visível que a escrita reduzida do você, enquanto produção textual, é valorizada pelos ludovicenses ND e ID dentro do BP sendo seu domínio sinônimo de atualização com as mídias digitais. Cabe destacar que em nenhum momento verificamos uma advertência ou repressão quanto às formas de se escrever o

pronome. A escrita completa do vocábulo também é valorizada nas situações em que é escrita, indicando uma carga formal na conversação. Além disso, de acordo com nossos dados, se observa que as reduções para o pronome refletem também uma opção estilística do interactante, que deriva não só da natureza da língua, mas também do espaço que os interactantes circulam e do ambiente em que realizam a comunicação.

Por ora, acreditamos que as análises realizadas permitem interpretações interessantes sobre o pronome escrito no BP, podendo contribuir significativamente para os estudos sobre o texto escrito em âmbito digital. Passemos, pois, às considerações finais deste trabalho.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos diante de uma língua ainda em construção – uma língua sendo moldada de acordo com as necessidades e as conveniências que vão surgindo, movida e enriquecida constantemente pela criatividade e engenhosidade dos milhões de usuários e marcada pela concisão e compressão de redundâncias e de tudo o que é desnecessário do ponto de vista estritamente comunicacional. (RAJAGOPALAN, 2013, p. 45)

Tendo como base a citação de Rajagopalan (2013), voltamos ao início de nossa explanação e concluímos que nosso propósito inicial de analisar a produção textual do pronome você em conversações de ludovicenses no *WhatsApp* foi realizado com sucesso. Realizamos uma investigação sobre a escrita pronominal de segunda pessoa do discurso no texto digital (singular e plural) compartilhado no BP. Com uma metodologia especial de abordagem fundamentada na Fenomenologia (DICHTCHEKENIAN, 1994), os nossos dados mostram que a produção textual do pronome no App é basicamente marcada por reduções, sendo reflexo do contexto histórico, social, cultural e tecnológico em que a língua(gem) se encontra.

As reduções para o você acontecem devido à vários fatores como o contexto, a criatividade e liberdade linguística, as RSs, opção estilística, entre outros, que refletem um apagamento semântico em detrimento da fonética\fonologia. Desse modo, podemos pensar em todo um contexto histórico no processo de formação do pronome nas conversações *on-line*, o que nos permite refletir sobre como apenas um único vocábulo atravessou o tempo e se adaptou aos variados contextos e exigências da sociedade digital.

Enfatizamos ainda a importância do pronome no processo de construção da coesão nas conversações do App. Mesmo com a escrita reduzida, o você é essencial para a relação semântica, realizando um encadeamento lógico das ideias do texto. Além disso, não podemos afirmar se tais reduções cairão em decadência ou serão duradouras. No entanto, acreditamos que o Vc (e, talvez, as formas Vcê, Vce, Vcs, Vces, Vcês também) são estruturas consolidadas no BP, de fato, devido a sua frequência ser bem mais expressiva do que as demais reduções entre os ludovicenses. Já as formas, C, Cêis, V6, Vcx, Vxx, são mais eventuais, ou seja, podem ou não acontecer dependendo muito do contexto ou do interactante.

As estruturas catalogadas nesta investigação podem cair em decadência a

qualquer momento, e é possível que daqui há dez anos ninguém mais as utilize. Da mesma maneira que novas expressões e reduções para se referir à segunda pessoa do discurso podem surgir ou já estão sendo utilizadas, como deduzimos: *Vx, Vceis, Vseis, Vo6, Voscês, Vocex, vocêx, Voc6, Vcêis, Vo6is, vocêis, Voceis, Vcez, Vxeis, Vxes, Vxs, V6x, Vocs, Vocx, Vss, Ceis, Céix, Cêiz, Cêss, Cex, Cêx. Ocês, Ocêx*, ou novas formas distintas.

Chegamos ao final da investigação com a concepção de que nossos dados refletem o “letramento digital” dos interactantes ludovicenses analisados, como apontado no capítulo 2, que, além do uso das ferramentas digitais, pressupõe práticas letradas, conforme destaca Xavier (2002),

O Letramento digital implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital.

Nessa abordagem, a investigação oferece à nós, pesquisadores em Linguística, apontamentos para o ensino e aprendizagem do pronome pessoal no PB, tendo como alicerce a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) para o ensino fundamental e médio. Segundo esse documento (idem, p.65), é competência essencial do estudante:

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

A BNCC (BRASIL, 2017) também se concentra no texto como unidade de trabalho. As práticas contemporâneas de linguagem envolvem diferentes tipos de textos e gêneros, sejam eles multissemióticos ou multimidiáticos, o que possibilita novas formas de interação. Dada a demanda desse documento pela valorização do meio digital e os variados tipos de linguagens e letramentos, a investigação pode ser utilizada no ensino-aprendizagem do PB no que se refere a utilização do pronome e as relações entre fala e escrita.

É fato que a escrita no App não revela uma capacidade cognitiva limitada como muitos docentes de LP defendem. O texto escrito nesse ambiente requer uma exigência cognitiva adicional quando falamos do uso da escrita formal. Sobre isso, Ávila e Cox (2008, p. 420) expressam que a lingua(gem) na internet consiste em “um

agenciamento de sistemas gráficos que, pressupondo uma competência comunicativa altamente sofisticada, vale a pena ser estudado e compreendido e não posto à parte levemente como português ruim”. Escrever um Vxx, por exemplo, não deve ser considerado um “erro” linguístico e sim uma possibilidade de escrita. Contudo, em contextos de maior monitoramento, essa estrutura não se adequa (até mesmo dentro da web, se o interactante for enviar um e-mail para um reitor da universidade, por exemplo). Crystal (2005, p. 91-92) é categórico ao afirmar:

As pessoas vêm usando abreviações há gerações (...). Até as listas mais completas de abreviações usadas nas mensagens de texto contém não mais do que uma centena de formas e poucas delas são comumente usadas. E pelo fato de terem sido planejadas para satisfazer as necessidades de se escrever uma mensagem economicamente em uma tela que tem um limite de 160 caracteres, há pouca motivação para se usar essas formas em outras situações. Elas perdem sua função “bacana”, de identificação de grupo, quando são retiradas da tecnologia, seja o telefone celular ou o computador”.

Logo, é necessário um senso de responsabilidade linguística, já que “as abreviações nas mensagens de texto desempenham uma função útil, onde o espaço é pequeno e a rapidez um fator crítico, mas não em outros lugares” (CRYSTAL, 2005, p. 92). Por fim, a investigação revela outros olhares sobre o texto escrito da estrutura pronominal na conversação *on-line*, sendo pioneira no que tange ao quadro pronominal ludovicense na internet e contribuindo para estudos sobre o texto escrito em tempos digitais em esfera nacional.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE-GNERRE, Maria Bernadete M. Processos Fonológicos Segmentais como índices de padrões prosódicos diversos os estilos formal e casual do Português do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. v. 2. p. 23-44, 2012.
- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense**. 2015. 153 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística – PPGL, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- ARAÚJO, J. C. Transmutação de gêneros na web: a emergência do chat. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 3. ed., p. 109-134, 2010.
- ARENA, D. O astro Anísio Teixeira na galáxia de Gutenberg. In: **Revista História da Educação**, n.16, p.169-176, set. 2004. Pelotas/Rio Grande do Sul. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br>> Acesso em: 8 fev. 2019.
- ÁVILA, Maribel Chagas de; COX, Maria Inês Pagliarini. O “internetês” e o legado da história da escrita. **Signótica**, v. 20, n. 2, p. 419-445, jul./dez. 2008.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- _____. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem on-line**: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem on-line**: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Z.. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BENTES, Anna Christina. Linguística Textual. In: MUSSALIM, Fernanda; **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2006, p. 245-287.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris – **Do Campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BOUHNİK, D., e DESHEN, M. *WhatsApp goes to school*: Mobile instant messaging between teachers and students. **Journal of Information Technology Education**: Retrieved from <http://www.jite.org/documents/Vol13/JITEv13ResearchP217-231Bouhnik0601.pdf>, 2014. Acesso em: 17 abr. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2004.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 46. ed. Rio De Janeiro: Vozes, 2014.

CINTRA, Luís F. Lindley. **Sobre formas de tratamento na língua portuguesa**: ensaios. Lisboa: Horizonte, 1972.

COSTA, M. A. Estruturalismo. *In*: MARTELOTTA, M.E. (org.) *et al.* **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

CRYSTAL, David. **El lenguaje, las lenguas e Internet**. 2006. Disponível em: >http://www.euskadi.eus/contenidos/informacion/artik25_1_crystal_08_06/es_crystal/adjuntos/David-Crystal-cas.pdf<. Acesso em 03 mar. 2019.

_____, **A Revolução da Linguagem**. Tradução: Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

_____, **El lenguaje e Internet**. Madrid: Cambridge University Press, 2002.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 2001.

DICHTCHEKENIAN, Maria Fernanda. O cogito e o mundo da vida: uma proposta de um fundamento rigoroso para o conhecimento. *In*: MARTINS, Joel; DICHTCHEKENIAN, Maria Fernanda (orgs.). **Temas fundamentais de fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1984.

FACHINETTO, E. A. O hipertexto e as práticas de leitura. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra**. Magna, v.2, n.3, 2. sem. 2005.

FILHO, José Camilo dos Santos; GAMBOA; Sílvia Sanches. **Pesquisa educacional: quantidade e qualidade**. São Paulo: Cortez, 1995

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. 239 p. – (Coleção Cibercultura)

FRAZÃO, Elisiane Araújo dos Santos. **O português escrito no Facebook**: uma descrição dos marcadores conversacionais. 2018. 166 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto; **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FONSECA, L. O uso de *chats* na aprendizagem de línguas estrangeiras. **Caligrama** – Revista do Departamento de Letras Rômnicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, v.7, p. 101-121, 2002.

FUSCA, C.; SOBRINHO, V. Abreviaturas na internet: aspectos gráficos, fonético-fonológicos

e morfológicos no registro da coda silábica. **Cadernos de Educação** - FaE/PPGE/UFPel - Pelotas [35]: 221 - 245, jan./abr. 2010.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

HILGERT, José Gastón. A Construção do texto *falado* por escrito: A conversação Na internet. In: PRETI, Dino (org.). **Fala e Escrita em questão**. São Paulo, Humanitas, 2000, p. 17-55

JOHNSON, Neil. **Simply complexity**: a clear guide to complexity theory. Oxford: Oneworld, 2007.

KAUARK, Fabiana, MANHÃES, Fernanda; MEDEIRO, Carlos. **Metodologia da pesquisa**: guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KOCH, Ingedore G.V. **O Texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2006

JAKOBSON, R. Fonema e fonologia. In: SAUSSURE, F. de *et al.* **Textos selecionados**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os pensadores), 1985.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LÉVY, Pierre. **O Que é virtual?**. Rio de janeiro: Editora 34, 1996.

LIMA, Y. D. R. **Forma e função em gêneros digitais**: estrutura composicional e traços léxico-gramaticais no macrogênero blog. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

LOPES, C. R. S. Retratos da variação entre *você* e tu no português do Brasil: sincronia e diacronia. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). **Português brasileiro II**: contato linguístico, heterogeneidade e história. Niterói: EDUFF, v.2, 2008, p. 55-7

LOPES, C. R. S. Pronomes. In: BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007, p. 103-114.

LOPES, C. R. S.; MACHADO, A. C. M. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre segunda e terceira pessoas nas cartas dos avós. In: LOPES, C. R. dos S. (org.). **Norma brasileira em construção**: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX. Rio de Janeiro: Pós-graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ, 2005, p. 45-66.

LOPES, Célia Regina Silva; DUARTE, Maria Eugênia L. De *vossa mercê* a *cê*: os processos de uma mudança em curso pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, Silvia F. e MOTA, M. Antônia (org.). **Análise contrastiva de variedades do português**: primeiros estudos. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003, p. 61-76.

MACIEL, J. W. G. **Internetês**: variação linguística ou modismo computacional? Grupo

de estudo sobre hipertexto, arquivos eletrônicos e tecnologia educacional, ago. 2008. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/5174036-Internetes-variacao-linguistica-ou-modismo-computacional.html>>. Acesso em: 23 jan. 2019.

MARCUSCHI. Luiz Antônio. **Linguística de texto: Como é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Análise da Conversação.** Série Princípios. São Paulo: Ed. Ática, 2006.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia. Conferência pronunciada na **50ª Reunião do GEL – Grupo de estudos linguísticos do Estado de São Paulo.** Universidade de São Paulo, São Paulo, 23-25 de maio de 2002.

_____. **Da Fala para a Escrita: atividades de textualização.** São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI. Luiz Antônio. XAVIER, Antônio Carlos (org.). **Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido.** – 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI. Luiz Antônio; DIONISIO, A. P. **Fala e escrita.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo:** educação como poíesis. São Paulo: Cortez, 1992.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** Trad. Carlos Alberto Moura. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MILROY, L. Social Networks. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). **The Handbook of Language Variation and Change.** Oxford: Blackwell. 2002, p. 549-569.

MODESTO, A. T. T. **Processos interacionais na Internet:** análise da conversação digital. 2011. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa), Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NASCENTES, Antenor. O tratamento de você no Brasil. In: **Letras.** Curitiba/PR: Ed. UFPR, v.6, n.05, p. 114-122, 1956.

PERES, Edenize Ponzo. De *vossa mercê* a *cê*: os processos de uma mudança em curso. **Revista Contextos Linguísticos** – v.1. p. 155 – 168, 2007.

PRENSKY, M. Digital Natives Digital Immigrants. On the Horizon, 9(5). 2011. Disponível: <http://www.marcprensky.com/writing/prensky%20%20digital%20natives,%20digital%20immigrants%20-%20part1.pdf>. Acesso: 10 jun. 2019.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo *et al.* **O português falado no Maranhão:** estudos preliminares. São Luís: EDUFMA, 2005.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo. **O Português falado em São Luís:** os pronomes pessoais na posição de sujeito. 1996. (mimeo).

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Como o internetês desafia a linguística. *In*: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. (org.). **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 37-53.

RECUERO, R. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009. 191 p.

_____. **A Conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2. ed., 2014. 338 p. (Coleção Cibercultura)

SANTOS, Juliana. **Entre a internet e a escola**: A influência do código de escrita virtual sobre a modalidade padrão escrita do português brasileiro em redações escolares. 2015. 152 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, Veraluce Lima dos. **A influência das tecnologias de informação e de comunicação no uso da língua e suas implicações no ensino de língua portuguesa**. 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Educação), Programa de Pós-graduação em Ciências da Educação. Universidade de Évora (Portugal), Évora, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. BALLY, Charles e SECHEHAYE, Albert (org.). Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCARDUA, Juliana Rangel; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação pronominal de segunda pessoa: contribuições da sociolinguística para o ensino de língua portuguesa. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 171-191, jan. 2018. ISSN1984-8420. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/19848420.2017v18n2p171>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

SCHERRE, M. M. P. *et al.* Variação dos pronomes tu e você. *In*: MARTINS, M.A.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 133-172.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística aplicada ao português**: morfologia. São Paulo: Cortez, 1999.

SQUARISI, Dad. **Como escrever na internet**. São Paulo: Contexto, 2014.

SHEPHERD, Tânia G.; SALIÉS, Tânia G. **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

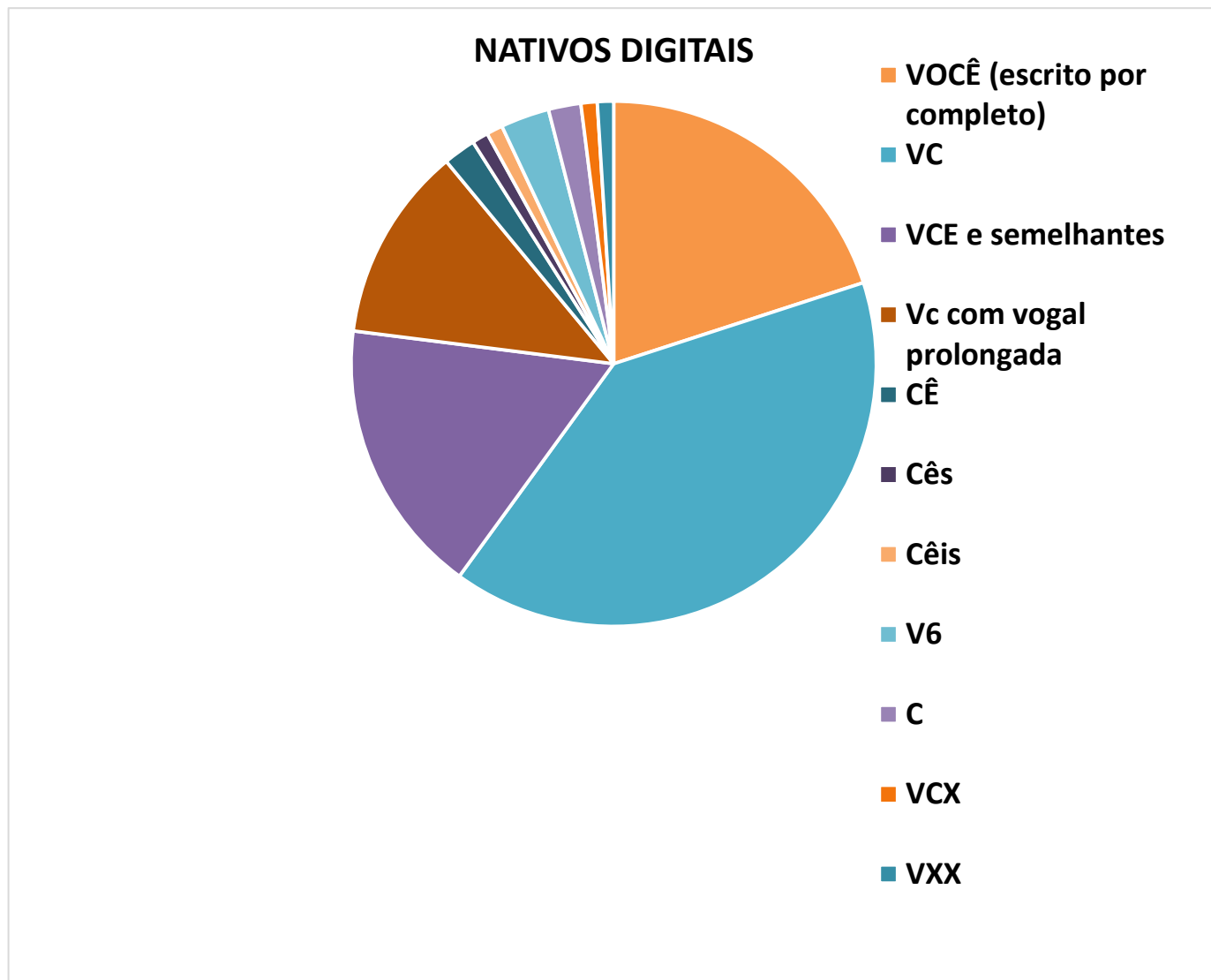
YATES, Simeon J. Computer-mediated communication. The future of the letter? *In*: BARTON, David; HALL, Nigel (org.) **Letter writing as a social practice**. Amsterdam\Philadelphia: John Benjamins, 2000.

VINUTO, Juliana. **A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa**: um debate em aberto. *Temáticas*. Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

XAVIER, A. C. S.. **O hipertexto na sociedade da informação**: a constituição do modo de enunciação digital. 2002. 220 p. Tese (Doutorado em Linguística), Instituto da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2002. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269080>>. Acesso em: 19 set. 2018.

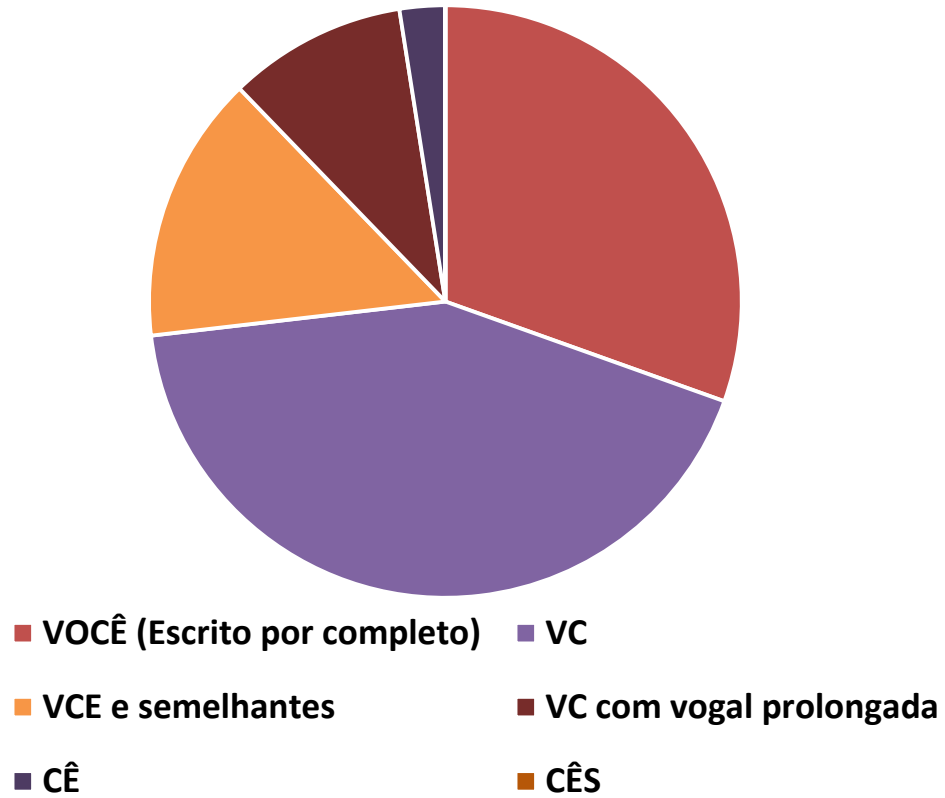
APÊNDICES

Frequência das abreviações encontradas nos interactantes ludovicenses



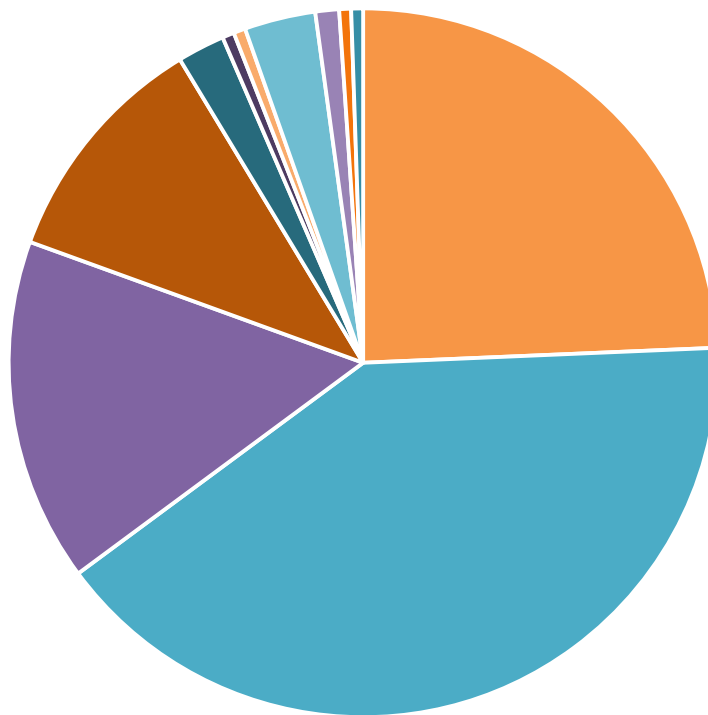
Fonte: construção da autora

IMIGRANTES DIGITAIS



Fonte: construção da autora

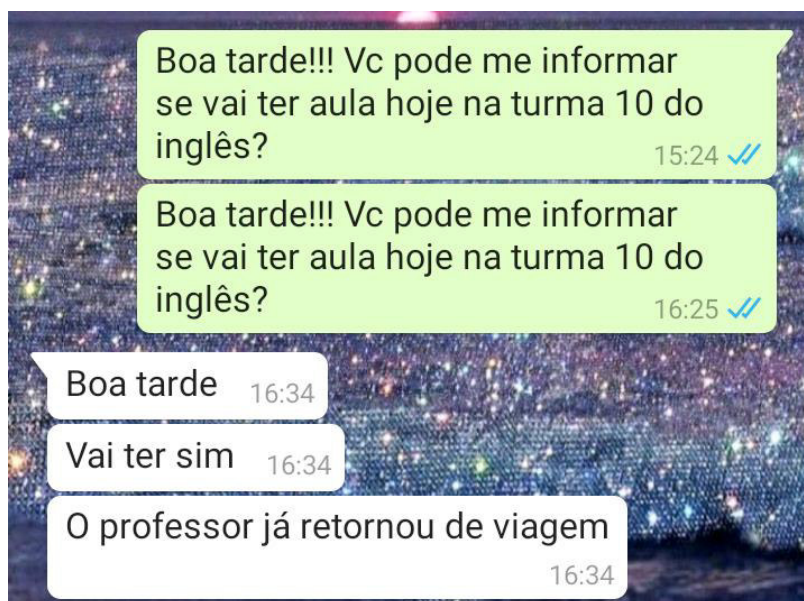
**OCORRÊNCIA GERAL NAS DUAS CATEGORIAS (ND e ID)
(185 *prints*)**



- | | |
|-------------------------------|-----------------------------|
| ■ VOCÊ (escrito por completo) | ■ VC |
| ■ VCE e semelhantes | ■ Você com vogal prolongada |
| ■ CÊ | ■ Cês |
| ■ Cêis | ■ V6 |
| ■ C | ■ VCX |
| ■ VXX | |

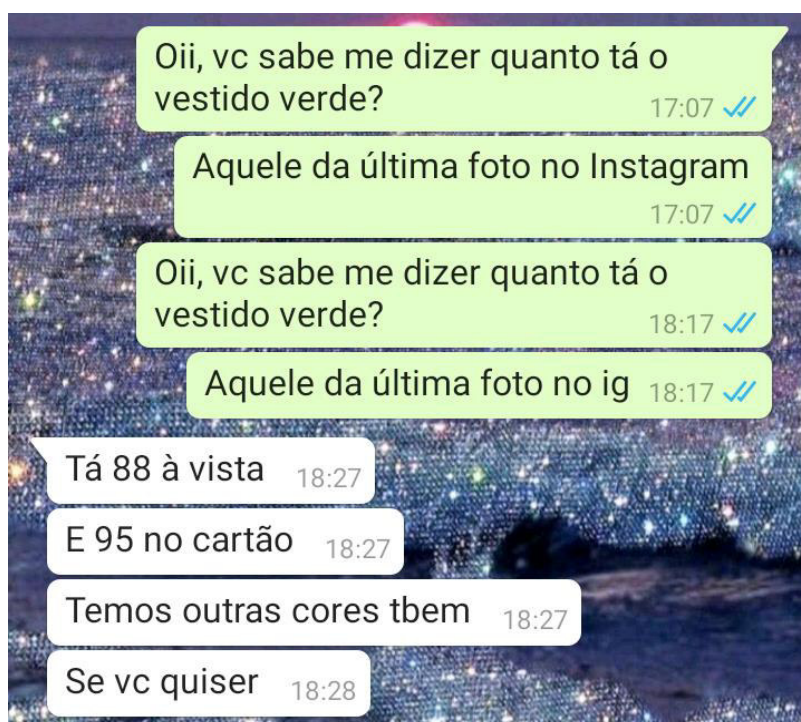
Prints em que o interactante escreve “vc” em contexto formal

Conversação com uma secretária (RS de 2ª ordem)



Fonte: retirado do *corpus* da pesquisa

Conversação com uma atendente de loja (RS de 2ª ordem)

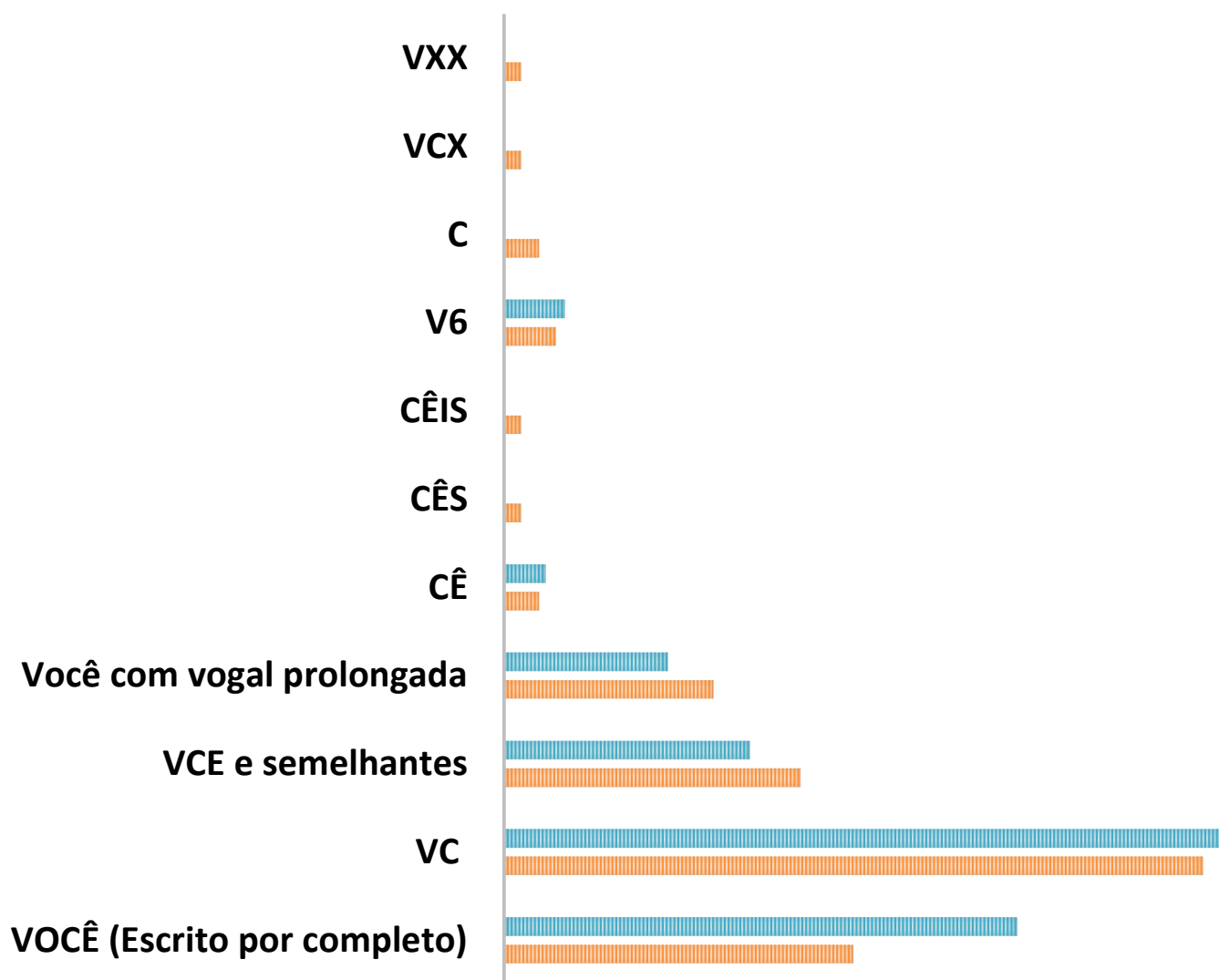


Fonte: retirado do *corpus* da pesquisa

GRÁFICO COMPARATIVO DA ESCRITA DO PRONOME EM ND E ID

■ NATIVOS DIGITAIS

■ IMIGRANTES DIGITAIS



Fonte: construção da autora